

Marília Rosado Carrilho

# O PENSAMENTO ÉTICO-POLÍTICO DE MARIA DE LOURDES PINTASILGO

---

Diálogos com  
Martin Heidegger  
e Hans Jonas

FUNDAÇÃO  
CUIDAR  
O FUTURO





Marília Rosado Carrilho

**O PENSAMENTO  
ÉTICO-POLÍTICO DE  
MARIA DE LOURDES  
PINTASILGO**

---

Diálogos com  
Martin Heidegger  
e Hans Jonas

Edição e Coordenação editorial: Fundação Cuidar o Futuro  
Capa e Pré-impressão: Guide – Artes Gráficas, Lda.  
Impressão e Acabamento: Guide – Artes Gráficas, Lda.

Depósito Legal n.º 448690/18  
ISBN 978-989-54161-3-4

Marília Rosado Carrilho

# O PENSAMENTO ÉTICO-POLÍTICO DE MARIA DE LOURDES PINTASILGO

---

Diálogos com  
Martin Heidegger  
e Hans Jonas





Para Fernanda Henriques,  
pelos ensinamentos, confiança e amizade.

# Índice

---

- 9      **Prefácio**  
Um pensar, um agir para um futuro que não é só nosso
- 11     **Prefácio**  
Um percurso de mediação
- 15     **Abreviaturas**
- 17     **Introdução**  
Porquê e para quê este texto?
- 21     1. Quem foi Maria de Lourdes Pintasilgo
- 23     2. Organigrama conceptual
- 31     **Capítulo I**  
A indissociabilidade entre ética e política como linha de força do pensamento e ação de Maria de Lourdes Pintasilgo
- 31     1. Uma consciência cívica é uma consciência ética
- 38     2. Poder, liberdade e responsabilidade
- 43     3. *Agir a palavra* - a ética governativa
- 47     3.1. Uma nova cultura política
- 52     4. O papel regulador da ética
- 57     **Capítulo II**  
A emergência de um novo paradigma como condição para uma governação ético-política
- 57     1. O tempo da vergonha
- 62     2. A existência e interpelação do Outro
- 66     3. A necessidade e a ousadia de mudar a vida
- 68     3.1. A teoria das brechas
- 70     4. A utopia é o sonho que anima a ação
- 72     5. O paradigma de *qualidade de vida*
- 77     **Capítulo III**  
*Cuidar o futuro* - fundamento da ética global e imperativo humano
- 78     1. O lema *cuidar o futuro*
- 80     2. A proposta de uma ética global
- 85     3. Os princípios da ética global

---

89	<b>Capítulo IV</b>
	Cuidado e responsabilidade como pilares do agir ético-político
91	1. O cuidado como fundamento ontológico do ser humano
95	1.1. O duplo sentido do cuidado
96	1.1.1. O cuidado como ocupação
97	1.1.2. O cuidado como solicitude
99	2. A responsabilidade como exigência da condição humana de ser-com
102	2.1. As três dimensões da responsabilidade
102	2.1.1. A responsabilidade enquanto sentimento
105	2.1.2. A responsabilidade enquanto dever-ser
106	2.1.3. A responsabilidade enquanto condição da ação causal
109	<b>Encerrando um percurso</b>
	O legado de Maria de Lourdes Pintasilgo
109	1. A herança filosófica de Heidegger e Jonas em Maria de Lourdes Pintasilgo
111	2. A vida permanentemente construída
112	3. O futuro como horizonte do presente
115	4. Uma governação que cuida o futuro
121	<b>Bibliografia</b>



## PREFÁCIO

# Um pensar, um agir para um futuro que não é só nosso

O passar dos anos que esbate méritos e importâncias é também o tempo que os guarda e destaca. É assim com a passagem marcante de Maria de Lourdes Pintasilgo pela política e pela intervenção cívica em Portugal. Extraordinária pela forma como em quase tudo foi pela primeira vez e logo num país que acabava de sair de uma obscuridade que não parecia ter fim. Certamente por ter sido a primeira mulher a governar em Portugal, segunda na Europa, o que é um marco, mas, sobretudo, pela forma de governação que inaugurou, e pelo seu entendimento despojado e lúcido do exercício do poder. Governou por cinco meses em 1979 numa ousada decisão do então Presidente Eanes, mas mais ousado ainda foi o significado do agir em Maria de Lourdes Pintasilgo. Uma *praxis*, mas também uma teoria, prolongamento uma da outra, na forma de um pensamento que age como assunção de responsabilidade pelo cuidado com o mundo e pelos outros.

É precisamente esta maneira de estar na política, nos cargos, na governação, que não é menos uma maneira de pensar do que de intervir, que ocupa Marília Rosado Carrilho num magnífico ensaio de compreensão da pensadora Maria de Lourdes Pintasilgo. Percorrendo a multiplicidade dos seus textos, e acompanhando a evolução de conceitos e como neles o seu cunho próprio se vai incrustando, além das influências mais decisivas e das inflexões de orientação, em suma, deste acompanhamento generoso e atento, Marília Rosado Carrilho alcança um retrato denso, em camadas, da personalidade intelectual reflexiva de Maria de Lourdes Pintasilgo.

Para esta compreensão da pensadora são convocados dois grandes pensadores do seu século, por um lado Heidegger e as suas noções de cuidado, ser-com, aflorando a dimensão ontológica do estarmos em comum, por outro Hans Jonas e

o seu princípio da responsabilidade, ambos reivindicados como heranças filosóficas no pensamento da pensadora portuguesa.

Ressignificar o cuidar, trazer o afetivo para a política, o diálogo aberto, o rosto e a voz do outro, a escuta atenta, no duplo sentido de discernir e de acolher, da diferença, de minorias encorajadamente ativas, desde logo a minoria majoritária a que têm sido conformadas as mulheres, e assim imbricar a ética e a política num contínuo, a racionalidade formal e o corpo do sentir num todo de sentido, e fazer disto uma forma de estar que não é mais feminina do que de todos, humana, simplesmente humana, sem a grandiloquente ambição demonstrativa ou persuasiva de influenciar os destinos alheios, como se impôs historicamente a masculinidade, pelo contrário transformando o nosso relacionamento com o poder, toda uma transição de paradigma que não é pouco, sequer muito, mas o suficiente para tempos que devem aprender a compreender-se e a alegrar-se com o suficiente e delicado equilíbrio que nos liga em comunidade com os outros e com o mundo. Daí a centralidade aflitiva para Maria de Lourdes Pintasilgo em se cumprir uma transição da noção de poder. Não mais o poder sobre os outros, mas com e para os outros. E de praticar um outro pensar, não de destruição e construção, mas de reconhecer a realidade, tateá-la e nela descobrir as fissuras, através das quais, entrando, sem ferir, se chega à compreensão de processos de vida.

Se pensarmos em ideias que amadurecem no sul americano como *obuen vivire* que hoje inspiram tantos que não acreditam na obsessão desenvolvimentista pelo crescimento económico, através de dispositivos de eficiência, produtividade e uniformização, indiferentes ao que há de diferente, se pensarmos na consciencialização de uma transição de práticas e de maneiras de pensar que se vai constituindo como necessidade diante da possibilidade de uma catástrofe, há que perguntar: quanto do pensamento de Pintasilgo não parava já aí? E quanta falta nos faz então para nos pensarmos como sujeitos de ação responsáveis por um futuro que não é nunca apenas nosso. Este livro é a nossa porta de entrada. Por favor, entrem.

André Barata

Professor da Universidade da Beira Interior  
e investigador do Labcom.IFP

## PREFÁCIO

# Um percurso de mediação

O texto de Marília Rosado Carrilho é resultado de um trabalho académico: um doutoramento em Filosofia, em que a investigadora-autora optou por relacionar o pensamento de Maria de Lourdes Pintasilgo com o dos filósofos Martin Heidegger e Hans Jonas. Nesta orientação de fundo convergem duas linhas de força, claramente enunciadas na introdução: por um lado, o (re)conhecimento do pensamento precursor de Maria de Lourdes Pintasilgo; por outro, o gosto pela filosofia e a centralidade das questões relacionadas com a ética. Duas linhas que poderiam ser, ou continuar, paralelas, mas que têm motivos vários para se encontrarem. Ambas são linhas de resistência – ao “imenso silêncio a que foi votada [Maria de Lourdes Pintasilgo] e ao “quase esquecimento da filosofia”. Ambas são linhas de ação em contracorrente – perspetivando “a hipótese de pensar o presente através do seu legado [de Maria de Lourdes Pintasilgo] e evidenciando a necessidade da filosofia e a sua “aplicabilidade à vida”. Mas a razão mais forte, mesmo inevitável, pela qual se cruzam estas duas linhas de força – o pensamento precursor de Maria de Lourdes Pintasilgo e o gosto pela filosofia – decorre do facto de a segunda estar contida na primeira. Como evidencia Marília Rosado Carrilho, Maria de Lourdes Pintasilgo era leitora de filosofia. Não só uma leitora assídua mas, talvez sobretudo, uma leitora que poderemos dizer metódica: seletiva e coerente, em busca de fundamentação e argumentação para o pensamento a fazer-se, a consolidar-se, a reconfigurar-se. É nesse âmbito que ganham evidência os contributos de Martin Heidegger e Hans Jonas. É por tudo isto que merece destaque a empresa de Marília Rosado Carrilho. Porque a riqueza da personalidade, do pensamento e da ação de Maria de Lourdes Pintasilgo permite identificar grandes temas, reconhecer diferentes eixos de abordagem, cruzar múltiplos ângulos de intervenção; mas esta imagem caleidoscópica

permanecia aquém de toda a sua amplitude sem que nela se deixassem ver também, com nitidez, as cores (os contributos) da filosofia. Deresto – importa dizê-lo – Maria de Lourdes Pintasilgo não foi uma académica, mas uma mulher de pensamento e de ação. Poder-se-ia a este propósito refletir, longa e oportunamente, sobre os limites da academia, ou sobre os eventuais limites dos perfis de quem nela trabalha (de forma privilegiada ou exclusiva, se tal ainda é possível). Mas a questão que aqui importa é outra. Ou outras. Por um lado, o facto de os textos de Maria de Lourdes Pintasilgo não obedecerem aos requisitos formais da escrita académica: há nomes aqui e ali, uma referência, um título, um termo que aparece e reaparece, nomes que chamam outros nomes, noções que se deixam trabalhar e dão a ver outras noções; um termo que reaparece, uma pista, uma alusão. Talvez uma sugestão. Pouco frequentemente uma citação ou uma paráfrase (sobretudo uma citação ou paráfrase formais, como as aprendemos ou as ensinamos). Mas, por outro lado, nos seus textos sente-se quase fisicamente o pensamento a pensar-se: vozes que ecoam com sentido, laços que se estabelecem, um fio condutor a ganhar consistência, qualquer coisa de novo a (re) configurar-se. Esse é o poder da linguagem humana: dar forma ao pensamento que se diz, dizer o pensamento que toma forma. Não damos por nada (por quase nada) no dia a dia, em que a evidência das rotinas nos poupa esforços suplementares, aparentemente excessivos. Mas logo que nos permitimos descontinuar a prática, ou o hábito, da linguagem – por uma exigência qualquer, um desassossego, um apelo de outra coisa – eis que nos envolvemos mais, nos devolvemos a essa tarefa central de pensar cada coisa, cada pequeno nada, e de o dizer de forma contextualizada – por isso mesmo única, inaugural. A literatura e a filosofia, com as suas especificidades, constituem-se ambas nesse modo de viver. E Maria de Lourdes Pintasilgo, leitora de filosofia e amante de poesia, fê-lo sistematicamente, e a múltiplos propósitos. Repensou o mundo e muitas das evidências dadas, reorganizou-as conceptualmente, disse-as de outra forma – e porque não há outra forma de dizer o mesmo, disse outras coisas, mudou o mundo. Empenhou-se em mudá-lo logo aí, no trabalho de o conceber (pensar/dizer, dizer/pensar). Deslocou a forma de ver/dizer os problemas: da (busca de uma suposta) igualdade à *paridade*, do *desenvolvimento* (macroeconómico) à (prática da) *qualidade de vida*; da ética da justiça à ética do cuidado. Se a noção de *cuidado* é explicitamente recuperada de Heidegger e devedora de outros filósofos, em Maria de Lourdes Pintasilgo, esta atribui-lhe uma textura única, feita de pensamento amadurecido, de história partilhada e de vivência solidária, de projeto político (naturalmente paritário): “Eleva a prática da cultura milenária das mulheres à categoria de um elementar senso comum, dando-lhe desde logo visibilidade, e,

ao mesmo tempo, elaborar essa prática enquanto conceito político a ser praticado por homens e mulheres é uma tarefa inadiável. Esse conceito é o do CUIDADO.”<sup>1</sup>

Algumas dessas mudanças quase se instalaram no dizer de toda a gente – o que não quer dizer que se tenham instalado na prática generalizada. O trabalho não está acabado. Nunca a criação – a cocriação do mundo – está definitivamente concluída. O trabalho de Marília Rosado Carrilho inscreve-se nesse programa. Ele mostra-nos ligações menos óbvias, descreve percursos de pensamento (o de Maria de Lourdes Pintasilgo e o dos filósofos selecionados), evidencia os lugares de encontro, os momentos em que se dá o salto qualitativo. Poderemos dizer que este contributo tem a marca de alguém que vem do campo da filosofia. E é com certeza verdade. É essa base que define a originalidade do caminho que nos é proposto – explicitamente referido, na introdução, como “leitura filosófica de pensamento social e político de Maria de Lourdes Pintasilgo”. Mas, também aqui, o aspeto mais desafiador não será a vertente disciplinar (academicamente disciplinada). O que conta, aqui, é o contributo de alguém que conhece muito bem os textos em causa, que convive(u) com eles de forma muito próxima. Por isso, o que nos propõe Marília Rosado Carrilho é um percurso de mediação: ela passa devagar pelos textos, faz paragens, deixa-nos ouvi-los, volta ao caminho. Mostra-nos quem disse o quê. E através disso mostra como a genialidade do pensamento de Maria de Lourdes Pintasilgo é feita – também – de trabalho, de estudo, de aplicação. De leitura(s).

“Ler estende-se pelo tempo e quer o espaço do dia-a-dia para projectar a sua sombra”, escreveu Maria Gabriela Llansol em *Finita*<sup>2</sup>.

Passemos, pois, à leitura que nos oferece Marília Rosado Carrilho. A nossa leitura da(s) leitura(s) da autora. Deixemo-nos envolver na leitura. E deixemos que a leitura se perca pelo espaço do nosso dia a dia. Aqui e agora. O lugar onde, com(o) Maria de Lourdes Pintasilgo, sempre teremos de saber *agir a palavra*.

Maria Antónia Coutinho\*  
NOVA FCSH, CLUNL

---

1 *Para um novo paradigma: um mundo assente no cuidado*. Antologia de textos de Maria de Lourdes Pintasilgo, Porto, Edições Afrontamento, 2011, p. 137.

2 *Finita. Diário 2*. Lisboa, Edições Rolim, 1987, p. 132.

\* Linguista. A epistemologia não representacionista aqui defendida, no que respeita à linguagem, foi desenvolvida no projeto ParTe – Paridade na Produção e Revisão de Textos, submetido à FCT (projeto nº 32336, 02/SAICT/2017 - SISTEMAS DE APOIO À INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA, Projetos de IC&DT).



## ABREVIATURAS

São apresentadas as abreviaturas utilizadas ao longo do texto e que identificam as obras mais referidas e citadas de Maria de Lourdes Pintasilgo, Martin Heidegger e Hans Jonas. Optou-se por fazer as abreviaturas dos títulos das obras consultadas e das quais se faz a referência completa na bibliografia.

### **Dos textos de Maria de Lourdes Pintasilgo:**

*MV - Mudar a vida*

*SQC - Sulcos do nosso querer comum*

*MR - As minhas respostas*

*DM - Dimensões da mudança*

*PD - Palavras dadas*

*NPC - Para um novo paradigma: um mundo assente no cuidado*

### **Dos textos de Martin Heidegger:**

*CT - Conceito de tempo*

*SeT - Ser e tempo*

*OHF - Ontologia. Hermenêutica da facticidade*

*PHCT - Prolegómenos para uma história do conceito de tempo*

*Lógica - Lógica. A pergunta pela essência da linguagem*

### **Dos textos de Hans Jonas:**

*IR - Princípio de responsabilidade*

*TME - Técnica, medicina e ética*

*EF - Para uma ética do futuro*



## INTRODUÇÃO

# Porquê e para quê este texto?

As memórias que tenho de Maria de Lourdes Pintasilgo são meramente visuais. Tinha cerca de seis anos de idade quando vi aquela senhora através das imagens da “caixa mágica” sem perceber muito bem o que fazia. Estávamos em 1986. Só muito mais tarde compreendi que, naquela altura, aquela senhora se candidatava à presidência da República Portuguesa. Facto é que entre a minha infância e a investigação que iniciei no âmbito de doutoramento em filosofia, nunca mais ouvi falar de Maria de Lourdes Pintasilgo. Isto é tão mais grave quando descobri que, afinal, aquela senhora foi uma pensadora que deixou um imenso espólio de textos. A pertinência das suas ideias é tal que, quase dez anos após a sua morte, as denúncias e receios que lia nos seus textos via-os cumpridos na vida que vivia. Equanto mais lia as suas palavras, mais exclamava para mim: “é exatamente isto! E ela viu isto já naquela altura”. Confesso o deslumbramento pelas ideias que lia, ao mesmo tempo que sentia o imenso silêncio a que foi votada.

Conhecer o pensamento de Maria de Lourdes Pintasilgo é tomar consciência da herança que o séc. XX nos deixou para entendermos os fios condutores que nos levaram ao séc. XXI: o progresso desregulado e desumanizado; a criação do “humano autómató”, servidor do sistema de constante desenvolvimento tecnológico; a dificuldade em construir possibilidades de paz; o investimento na técnica que se move a par do desinvestimento no cuidado do ser humano sobre si mesmo, sobre o outro e sobre a natureza. Compreender o seu pensamento é perceber a necessidade de humanizar a política: zelar pela paz e pela justiça, criando igualdade de oportunidades entre todos, sobretudo entre homens e mulheres.

A razão que presidiu à minha investigação foi o desejo de tornar “pública” a filosofia, na profunda convicção de que a ética pode e deve ser um pensamento orientador da forma de vivermos uns com os outros. Ao quase esquecimento da filosofia,

neste tempo em que vivo, sempre desejei contrapor e mostrar a sua necessidade, algo que Maria de Lourdes Pintasilgo muito bem defendeu, fazendo da filosofia<sup>3</sup> a base estrutural da ação consciente e responsável. Para ela, a filosofia era o garante de um pensamento crítico capaz de definir o desejável.

*A relação à filosofia é estruturante da acção e confere às questões com que a política se confronta os critérios de pensamento capazes de fundamentar prioridades e de aferir a bondade dos métodos.*<sup>4</sup>

Para Maria de Lourdes Pintasilgo, a filosofia fornece o pensamento rigoroso, capaz de estabelecer prioridades e verificar a legitimidade dos métodos à luz do valor supremo da vida, bem como da dignidade e respeito que merece todo e qualquer ser humano. Perante o eterno problema da consideração subjetiva de assuntos sobre a convivência e ação humanas, há que tornar o pensamento o mais claro e objetivo possível, definindo, com a máxima clareza, o que torna a vida mais justa. Trata-se de evitar a subjetividade nas valorações das situações e a incapacidade de se colocar no lugar do outro ou, tão simplesmente, colocar-se em lugar nenhum e vestir o “traje” do desinteresse. Na impossibilidade de tratar toda a herança filosófica do seu pensamento, cingi-me aos conceitos fundadores da sua proposta de uma ética global: cuidado e responsabilidade, noções confessadamente oriundas do pensamento de Martin Heidegger<sup>5</sup> e de Hans Jonas<sup>6</sup>, respetivamente, e que fundamentam o lema «cuidar o futuro» enquanto proposta de uma ética global.

---

3 Da biblioteca pessoal de Maria de Lourdes Pintasilgo constam vários títulos de filosofia de diversos pensadores e pensadoras, na sua esmagadora maioria de filosofia contemporânea. Com dois ou mais títulos, constam nomes como Hannah Arendt, Paul Ricoeur, Gilles Lipovetsky, Emmanuel Levinas, Michel Foucault, Vladimir Jankélévitch, Edgar Mourin, George Steiner, Catherine Chaliier, Hans Küng, Elisabeth Badinter, Jean Beaudrillard, Roger Garaudy, Martin Heidegger e Hans Jonas.

4 PT/FCF/CDP/MLP - 0190.002, “Formas alternativas de governação: de que vamos falar? Da governação nacional ou da governação internacional?”, s.l., 2002-2003, 9 fls., pp. 1 e 2.

5 Martin Heidegger (1889-1976) é considerado um dos filósofos mais importantes do século XX. O seu projeto de ontologia fundamental pretendeu retornar ao estudo dos clássicos: à pergunta pelo sentido do Ser. Friedrich-Wilhelm von Herrmann caracteriza a dimensão de projeto da ontologia fundamental de Heidegger como hermenêutica do *ai-ser*, ou seja, trabalho interpretativo da existência do ser humano. Enquanto que para o seu mestre Husserl a fenomenologia se edificou como método reflexivo, para Heidegger realizou-se método hermenêutico.

6 Hans Jonas (1903-1993) foi um filósofo alemão discípulo de Heidegger. Jonas apreende do mestre aquela que será a base da sua edificação filosófica: a defesa do ser em oposição ao nada. Ambos os pensadores foram conscientes da sua época e preocupados com o que a partir dela se vislumbrava do futuro. Ainda que Jonas se tenha apartado do mestre, sobretudo pelas razões ideológicas e partidárias deste, a verdade é que o discípulo manteve a herança ontológica, levando-a para o campo da ética. O seu projeto foi o de uma ética para a civilização científico-tecnológica.

Neste percurso tenho a agradecer a quem muito apoiou e confiou neste trabalho, nomeadamente, a Fernanda Henriques e a Irene Borges Duarte, orientadoras da tese de doutoramento que originou este livro, que com tanto de exigência como de afeto tornaram uma tarefa quase impossível em realidade; a Marijke de Koning, cuja disponibilidade e atenção fizeram com que este fosse um caminho mais seguro e a Antónia Coutinho e André Barata que com imensa generosidade escreveram as palavras que abrem este livro.

Este foi o caminho: a leitura filosófica do pensamento social e político de Maria de Lourdes Pintasilgo<sup>7</sup>.

## I - Questões formais gerais:

1. Está escrito em língua portuguesa, pelo acordo ortográfico de 1990, que entrou em vigor em 2009. A exceção corresponde às citações que, no seu original, estão em língua portuguesa pré-acordo ortográfico. Nestes casos, apresenta-se a versão original da sua publicação.
2. As palavras ou expressões-chave de Pintasilgo, Heidegger e Jonas, aparecem destacadas entre aspas angulares. No caso de Pintasilgo, consideraram-se tais palavras ou expressões quer da sua autoria, quer adotadas de outro/a autor/a, mas que tenham passado a fazer parte estruturante e significativa do seu pensamento. São exemplo destas palavras e expressões as constantes no documento intitulado *Cronologia de conceitos-chave*.
3. Todas as citações estão em língua portuguesa, com tradução da minha autoria.
4. As notas de rodapé são de dois tipos: apresentação da referência bibliográfica de uma citação e texto de confrontação ou complemento do expressado no texto principal. Algumas notas deste segundo tipo apresentam citações, cuja referência bibliográfica se indica logo em seguida, entre parêntesis. As referências bibliográficas iniciadas por "PT/FCF/CDP/MLP" referem-se a textos da base de dados on line "Arquivo Pintasilgo", cumprindo as orientações do Centro de

---

7 Uma das dificuldades da investigação residiu na dispersão do pensamento de Maria de Lourdes Pintasilgo. Espalhado por inúmeros textos, necessariamente repetido (porque se tratavam de textos apresentados em diferentes contextos e para diferentes públicos), o seu pensamento obrigava a uma sistematização. Assim, boa parte da investigação que serviu de base a este texto foi dedicada a compreender a tessitura do seu pensamento através das várias referências em textos tão diversos como artigos, conferências, discursos, textos dirigidos a amigos e notas reflexivas.

Documentação e de Publicações da Fundação *Cuidar o Futuro*. Em alguns casos, aparece um ponto de interrogação na data. Trata-se de reprodução, fiel, da informação que consta do arquivo.

## II - Questões formais específicas:

### A. Sobre Martin Heidegger, há a considerar os seguintes aspetos:

- a. As obras de Heidegger analisadas para esta investigação foram traduções em português do projeto "Heidegger em Português", coordenado pela professora doutora Irene Borges Duarte (mais especificamente, as obras: *O Conceito de Tempo, Caminhos de Floresta e Lógica - A Pergunta pela Essência da Linguagem*) e traduções em castelhano (*Ser y Tiempo; Ontología. Hermenéutica de la Facticidad e Prolegómenos para una Historia del Concepto de Tiempo*). A obra central de Heidegger, *Ser e Tempo* (1927), foi analisada em duas traduções: a do espanhol José Gaos e a do chileno Jorge Eduardo Rivera. Para além destas, foram ainda consultadas as obras do filósofo *Introdução à Metafísica* e *Carta sobre o Humanismo*, ambas em traduções portuguesas. Contudo, estas últimas não foram alvo da análise minuciosa de que foram objeto as anteriores, dado o objetivo desta investigação. As referências bibliográficas de todas estas obras estão feitas na bibliografia. A juntar às referências das obras e artigos consultados, são apresentadas as de outras obras e artigos que se consideram importantes para o estudo de Martin Heidegger;
- b. A compreensão dos conceitos basilares de Heidegger, inclusive os seus neologismos, constituiu um desafio e uma dificuldade, sobretudo aquando da confrontação com tomadas de posição diferentes quanto à sua tradução. Contudo, esta dificuldade foi ultrapassada recorrendo ao já mencionado projeto "Heidegger em Português", quer através dos glossários presentes nas obras já traduzidas por este projeto, quer na pessoa da sua coordenadora, Irene Borges Duarte. Daí, a opção pela tradução de alguns conceitos de Heidegger de forma diferente de ambas as traduções castelhanas de *Ser e Tempo*;
- c. No contexto desta preocupação com a tradução e, conseqüentemente, com o sentido, adotou-se como metodologia colocar entre parêntesis retos, após o conceito traduzido, o conceito original, em língua alemã. Tal decisão pretende conotar o texto do rigor e da sinceridade que se julga merecer, dado que alguns dos conceitos não resultam de uma tradução do castelhano para

o português, mas sim de uma compreensão que cruza as referidas traduções usadas (sobretudo da obra *Ser e Tempo*, doravante *SeT*) e a orientação do trabalho de investigação sobre Heidegger já realizado em língua portuguesa. Aliás, seria impossível traduzir diretamente os conceitos do castelhano para o português pois ambos os tradutores, Gaos e Rivera, apresentam traduções nem sempre coincidentes;

- d. Deve referir-se que mantenho o conceito *Dasein*, fazendo apenas uma explicitação do seu significado e sentido na primeira vez em que ele surge no texto. Assim, o conceito *Dasein* aparece na sua forma original, na língua alemã, como aliás já muitos investigadores, em diversas línguas, optaram por fazer. A sua tradução aparece apenas se ela servir o propósito de explicitação do seu sentido, conforme o contexto do que é expressado.

**B. Quanto ao pensamento de Hans Jonas, deve-se ter em conta o seguinte aspeto:**

- a. A obra-mestra de Jonas - *Princípio de Responsabilidade, uma ética para a civilização tecnológica* - foi escrita originalmente em alemão (1979). Posteriormente, foi traduzida para o inglês pelo próprio filósofo (1984). Assim, afigurou-se rigoroso e fiel fazer a leitura e análise da versão em língua inglesa. As restantes obras do filósofo foram analisadas através de traduções, incluídas na bibliografia.

---

## 1. Quem foi Maria de Lourdes Pintasilgo

---

Natural do concelho de Abrantes, Maria de Lourdes Pintasilgo nasceu a 18 de janeiro de 1930. cedo deixou o ribatejo, tendo residido grande parte da sua vida em Lisboa. O seu percurso escolar pauta-se pelo brilhantismo e pela adesão à Juventude Católica Feminina. Mais tarde será a integração no GRAAL que marcará a sua defesa de uma articulação entre a fé e a ação política e a forma de trabalhar em rede. Licenciou-se em engenharia química pelo Instituto Superior Técnico e inicia a sua vida profissional na CUF. Contudo, é a tarefa de «engenharia humana e social»<sup>8</sup> aquela que prefere, tendo

---

<sup>8</sup> Na obra *Sulcos do Nosso Querer Comum*, Pintasilgo afirma não saber enunciar, afinal, qual é a sua profissão, pois demarcou-se da profissão diretamente relacionada com a sua formação académica e passou a

desenvolvido diversas atividades a nível político e das instituições, quer nacionais, quer internacionais.

Foi primeira-ministra de Portugal no ano de 1979 e candidata a Presidente da República em 1986. A sua atividade política em Portugal incluiu a qualidade de membro da Câmara Corporativa durante o governo de Marcello Caetano e, após a revolução de 25 de Abril de 1974, secretária de Estado da Segurança Social no primeiro governo provisório e ministra dos Assuntos Sociais nos segundo e terceiro governos provisórios. Foi, ainda, embaixadora de Portugal na UNESCO e, mais tarde, membro do seu Conselho Executivo. A par da atividade política, foi membro do Conselho Nacional de Ética para as Ciências da Vida.

Mulher a braços com os problemas sociais da sua época, foi dona de uma capacidade crítica e discernimento das situações como poucos. Expressando-se sempre de uma forma muito clara, Maria de Lourdes Pintasilgo iniciava as suas comunicações com o diagnóstico da sua época, para depois passar à proposta de soluções. Se estivesse entre nós seria, de certeza, a mulher ativa, a mente inquieta e a voz incómoda que foi durante a sua vida. Mudar o mundo, mudando as mentalidades e as estruturas políticas, foi a sua demanda enquanto viveu, tendo como horizonte o sonho de uma sociedade mais humana, uma sociedade em que o afeto e a justiça fossem elos de ligação entre os seres humanos. Faleceu a 10 de julho de 2004 sem ver esse mundo mudado. Mas despediu-se dele com a esperança de que as novas gerações protagonizassem essa mudança<sup>9</sup>.

Para nós, que herdamos as suas ideias, deixou os seus escritos, uns publicados, outros disponíveis para consulta através da plataforma *on-line* da fundação que criou e que hoje preserva o seu legado: *Fundação Cuidar o Futuro*<sup>10</sup>.

interessar-se totalmente pelos assuntos sociais. É no contexto desta dificuldade que identifica a melhor designação da sua tarefa: «engenheira humana e social». Eis como o expressou: «Tirei o curso de engenharia químico-industrial e exerci essa profissão durante vários anos. Desde então tenho feito muitas outras coisas, de modo que não posso dizer exactamente qual é a minha profissão. Talvez a “engenharia humana e social”...» (PINTASILGO, Maria de Lourdes: SQC, *op. cit.*, p. 75).

9 Para um conhecimento biográfico completo de Maria de Lourdes Pintasilgo, sugere-se a leitura de *Uma história para o futuro. Maria de Lourdes Pintasilgo*, da autoria de Luísa Beltrão e Barry Hatton, cuja referência se inclui na Bibliografia.

10 A *Fundação Cuidar o Futuro* foi instituída pela Associação *Graal* no ano de 2001 e teve como primeira presidente, a título vitalício, Maria de Lourdes Pintasilgo. O nome «cuidar o futuro» adveio da publicação do relatório elaborado pela Comissão Independente para a População e Qualidade de Vida a que Maria de Lourdes Pintasilgo presidiu entre 1992 e 1997, sob a égide das Nações Unidas. Para além dos projetos e ações várias, a fundação detém o *Arquivo Pintasilgo*, plataforma que preserva e torna acessível a consulta pública dos muitos documentos que Maria de Lourdes Pintasilgo deixou. O *Arquivo Pintasilgo* encontra-se no seguinte endereço eletrónico: <http://www.arquivopintasilgo.pt/arquivopintasilgo/Site/default.aspx>.

O percurso de conhecimento do seu pensamento e ação permitiram-me desenvolver um projeto de investigação que possibilitava a intencionalidade mais funda que me habitava e que era, por um lado, trabalhar em filosofia, mostrando a sua aplicabilidade à vida e, por outro, a vontade de levar a cabo uma investigação que não repetisse o já conhecido e estudado, mas que fosse capaz de trazer à luz um pensamento inexplorado. É exatamente por este facto que se apresentam inúmeras citações de Maria de Lourdes Pintasilgo ao longo da exposição do seu pensamento. O objetivo primordial desta investigação foi o de divulgar uma dimensão ainda não explorada do seu pensamento, mais do que elaborar uma análise ou crítica do mesmo, alcançando os seus potenciais ou limitações. O carácter profético do que enunciou torna a apresentação do seu pensamento pertinente porque atual, dando a hipótese de pensar o presente através do seu legado. Em suma, este texto pretende cumprir dois objetivos essenciais:

1. Apresentar os contornos gerais do pensamento ético e político de Maria de Lourdes Pintasilgo, ao mesmo tempo que explicita os temas que vão emergindo dessa perspetiva;
2. Mostrar que, coerente com aquilo que afirmou repetidas vezes de que a ação política deveria enraizar-se em linhas filosóficas seguras, Pintasilgo dialogou com os pensadores e as pensadoras cujas temáticas lhe forneciam recursos importantes para argumentação e fundamentação, nomeadamente, Hans Jonas e Martin Heidegger.

---

## 2. Organigrama conceptual

---

A riqueza conceptual do pensamento de Maria de Lourdes Pintasilgo justificava a construção de uma cronologia que registasse o surgimento e vigência dos diversos conceitos<sup>11</sup> que utilizou. Trata-se de palavras e expressões que a pensadora elevou

---

11 Para se compreender a aceção da palavra “conceito”, toma-se como referência a definição de Roger Payot: «Um conceito é uma palavra que significa, e o seu significado é tomado no contexto das outras palavras, às quais ele se refere, e mais, que permitam defini-lo pela relação com elas». (PAYOT, Roger (1999) “Fin de la métaphysique et la mort de Dieu”, in Renée Bouveresse (dir): *La Métaphysique*, Paris, Éditions Ellipses Marketing, pp. 129-144, p. 133).

à importância de conceito estrutural da sua teorização. Assim se perspectivou uma cronologia de conceitos-chave, que se apresenta como parte integrante deste livro.

Dos muitos e diversos textos de Maria de Lourdes Pintasilgo, retiveram-se os conceitos que a própria confessou serem estruturadores do seu pensamento, sabendo que deles se constituem conceitos próprios e outros adotados dos autores e autoras “com quem ela pensou”<sup>12</sup>. São palavras-chave, repetidas e muitas vezes destacadas, em torno das quais as suas denúncias e propostas ganhavam corpo.

Deste modo, a tabela que resume os conceitos-chave de Maria de Lourdes Pintasilgo pretende apoiar e enriquecer a exposição que o livro se propõe fazer sobre o seu pensamento ético e político.

Ao elaborar-se a cronologia de conceitos-chave seguiu-se uma lógica de simplificação para uma fácil e clara leitura. Por esta razão, o documento foi feito na estrutura de tabela, na qual as décadas do século XX e os anos do século XXI ocupam o topo das colunas e os conceitos e expressões se distribuem pelas linhas, algumas das quais foram deixadas de forma intencional, servindo de indicadores da vigência de cada conceito ao longo das décadas. Assim, temos, por exemplo, a linha que acompanha o conceito de «amor» que tem início na década de 50 e termina na década de 70. Aqui optou-se por colocar, logo na linha abaixo, o conceito de «cuidado» que, de certa forma, substituiu o conceito de «amor». Colocou-se a linha do conceito de «cuidado» a começar na coluna da década de 80, seguindo até à última coluna da tabela, dando a indicação de que este conceito esteve presente no pensamento de Pintasilgo desde a década de 80 até à sua morte.

---

12 Foi Isabel Allegro de Magalhães, no artigo intitulado “A dimensão do cuidar e a resignificação do espaço público no pensar e agir de Maria de Lourdes Pintasilgo”, constante do número 21 da revista *ex aequo – Ecos de palavras dadas*, quem definiu a forma de pensar de Maria de Lourdes Pintasilgo como «pensar com». Escreveu Magalhães: «Sem quaisquer mecanismos miméticos ou tendência citativa, o seu trabalho é o de *pensar com*, entretecendo redes entre elementos diversos ou até contraditórios, que a pesquisa e o estudo lhe trouxeram ao encontro. Participante numa epistemologia científica, como engenheira, não transpõe conceitos directamente de um para outro contexto, antes transfere percepções e opera por teias de analogias, num modo por si tão apreciado como o de pensar «entre-saberes». (MAGALHÃES, Isabel Allegro: “A dimensão do cuidar e a resignificação do espaço público no pensar e agir de Maria de Lourdes Pintasilgo”, in HENRIQUES, Fernanda (org.) (2010) *Ecos de Palavras Dadas. Maria de Lourdes Pintasilgo cinco anos depois*, Revista *ex aequo*, nº 21, Porto, Edições Afrontamento, pp. 37-51, p. 39). Neste mesmo artigo, Magalhães analisa grande parte do percurso teórico de Pintasilgo, identificando as palavras-chave e mostrando como elas foram estruturadoras do seu pensamento.

Década de 50

Década de 60

Década de 70

Década de 80

Década de 90

2000 a 2004

Mulher / Movimentos sociais ("minorias ativas")

Universidade

Diálogo

Amor

Cuidado

Medo

Dirigente

Governante/Governança

Noosfera

Trabalho (como direito e forma de mudar a vida)

Mudar a vida / Revolução fundadora

Autodeterminação / Autossuficiência (da pessoa e dos povos)

Interdisciplinaridade (interligação: tudo tem que ver com tudo)

Participação ativa

Agir localmente, pensar globalmente

Responsabilidade e Liberdade (relação de implicação)

Ação ("agir a palavra")

Ética (tornar o desejável mais próximo de se tornar possível)

Poder ("para" e não "sobre" - "para" definir estratégias e "para" agir)

"Para que serve?" e "A quem serve?" (questões prévias da ação política)

Brechas (teoria das)

Utopia (horizonte de valores e ideais)

Descentralização

Economia ao serviço da pessoa

Natureza (objeto ético)

Qualidade de vida (novo paradigma)

Mínimos (necessidades básicas exigem a definição de direitos básicos)

Rede (modelo de organização social)

Regulação (da economia, da ciência e da tecnologia)

Novo contrato social (imperativo de responsabilidade ética)

Sujeito ("ator social")

Nova cultura política

Teoria e Prática (circularidade)

Ética global (cuidado, responsabilidade, futuro)

Com este documento não se pretende supor que houve uma evolução linear ou contínua do pensamento de Maria de Lourdes Pintasilgo. Deve-se considerar que o pensamento de Pintasilgo foi resultado de uma “construção”, o desenvolvimento de um pensar que se pautou sempre pela integração do novo, nunca menosprezando o já adquirido ou pensado<sup>13</sup>. Começando pelos conceitos «mulher/movimentos sociais», «universidade» e «diálogo», que aparecem logo na primeira coluna e se prolongam até à última da tabela, perpassaram toda a história do pensamento de Maria de Lourdes Pintasilgo, tendo-se mantido como bases edificantes de toda a construção teórica que ela viria a empreender. A questão da «irrupção da mulher»<sup>14</sup> foi um dos temas centrais em Maria de Lourdes Pintasilgo. Esta questão teve a sua origem na constatação de uma discriminação das mulheres em relação aos homens. Pintasilgo confessa-o no texto autobiográfico que se inclui na coletânea intitulada *Confidências de mulheres: anos 50-60*, ao afirmar:

*Foi também nos anos 50 que despertou e cresceu em mim aquilo que viria a tornar-se convicção profunda sobre o papel das mulheres na sociedade. (...) Através da Acção Social Universitária e, mais tarde, no meio fabril, percebi que as mulheres viviam não só sexualmente discriminadas pelos homens mas dominadas por eles, em formas que violavam toda a dignidade da pessoa humana.*<sup>15</sup>

A sua defesa de que as mulheres dão um contributo diferente (mais “humano”) à vida social e política foi central e esteve presente ao longo de toda a sua vida. Igualmente duradoura foi a consideração da formação universitária como basilar para a formação do cidadão, dando-lhe as bases científicas e humanas para chegar a ser um «dirigente».

---

13 No prefácio do livro *Dimensões da Mudança*, Eduardo Prado Coelho caracteriza o pensamento de Maria de Lourdes Pintasilgo como um «pensamento que se pensa». Eis como o descreve: «Em primeiro lugar, a dificuldade está em que se trata efectivamente de um pensamento próprio, isto é, de uma elaboração pessoal feita através da experiência, do confronto com a complexidade das coisas, das conjuncturas polémicas, da rectificação persistente, do ajustamento obstinado dos conceitos. Ou, por outras palavras, trata-se de um pensamento que se pensa, e não de um pensamento já pensado.» (PINTASILGO, Maria de Lourdes (1985) *Dimensões da mudança*, Porto, Edições Afrontamento, p. III).

14 Em vez de «emancipação», Maria de Lourdes Pintasilgo preferia apelidar os movimentos das mulheres de «irrupção». No texto intitulado “A mulher, uma nova forma no mundo, hoje”, Pintasilgo repete a ideia de irrupção da mulher, através da repetição da frase: «A irrupção da mulher, como força nova no mundo». (PT/FCF/CDP/MLP - 0044.020, “A mulher, uma nova forma no mundo, hoje”, Lisboa?, 1971-1973, 38 fls).

15 PINTASILGO, Maria de Lourdes (1993) “Maria de Lourdes Pintasilgo”, in BARREIRA, Cecília (org.): *Confidências de Mulheres. Anos 50-60*, Lisboa, Editorial Notícias, pp. 321-327, p. 325. Apesar de ser um tema central em Maria de Lourdes Pintasilgo, o seu feminismo não é desenvolvido neste livro dado o enfoque claro e já expresso desta investigação.

O próprio conceito de «dirigente» tornou-se importante em Pintasilgo (vemo-lo presente um pouco mais abaixo na cronologia). Contudo, depois da década de sessenta, vai dar lugar ao conceito de «governante». Pintasilgo não faz uma distinção entre um conceito e o outro. Aliás, ela mantém o seu entendimento do que é um «dirigente», mas o vocábulo que passa a expressar essa ideia, a partir da década de setenta, será o de «governante». Ainda que apenas como suposição, assume-se que a substituição da palavra «dirigente» pela de «governante» se tenha devido à própria experiência de vida de Maria de Lourdes Pintasilgo, uma vez que este «governante» surge na década em que ela inicia funções ligadas à governação.

Umhas linhas acima, no documento, temos presentes os conceitos de «amor», «cuidado» e «medo», todos em linhas seguidas. A opção de os colocar desta forma, e desobedecendo à lógica do documento de agrupar os conceitos por década, justifica-se por duas razões: primeira, pela vontade de tornar clara a “passagem” de «amor» para «cuidado»; segunda, para agrupar «medo» a «cuidado» e «amor». Assim, a reunião destes três conceitos quis evidenciar a forte presença das emoções no pensamento de Maria de Lourdes Pintasilgo, bem como a evolução da sua conceptualização<sup>16</sup>.

Como referido anteriormente, alguns dos conceitos-chave presentes na cronologia não são de Maria de Lourdes Pintasilgo, mas sim apropriações que ela fez de outros autores e autoras. Assim, temos o «cuidado», de Martin Heidegger, Michel Foucault, Emmanuel Levinas, Hannah Arendt, Carol Gilligan e das éticas do cuidado; «noosfera», de Teilhard de Chardin; «responsabilidade», de Hans Jonas; «eu-com-os-outros-no-mundo», de Martin Heidegger e Maurice Merleau-Ponty; «poder para», de Jonas; e, por último, «economia ao serviço da pessoa» e «qualidade de vida», de Amartya Sen e Roger Garaudy.

Por sua vez, são de Pintasilgo os conceitos: «minorias ativas»; «mudar a vida» e «revolução fundadora» (que ela, repetidamente, expõe nos seus textos, inclusive destacando a expressão através da divisão por sílabas); «autodeterminação» e «autossuficiência»; «interdisciplinaridade»; «participação ativa»; «agir a

---

16 Após as primeiras sete linhas da cronologia, nota-se a permanência da lógica de agrupamento dos conceitos por década, bem como a manutenção de todos eles até ao fim da vida de Maria de Lourdes Pintasilgo. É interessante notar que Pintasilgo pensou até ao fim da sua vida. Aliás, estão documentados textos e cartas que ficaram inacabados, interrompidos pela sua morte. Entre estes, figuram alguns textos que foram publicados postumamente no livro *Palavras Dadas*.

palavra»<sup>17</sup>; as questões «para que serve? e a quem serve?»; a «teoria das brechas»; «rede»; «sujeito/ator social»<sup>18</sup>; «massa crítica» e «ética global».

A análise da cronologia de conceitos-chave permite retirar três conclusões importantes:

1. As décadas de setenta e oitenta são as que apresentam maior número de novos conceitos-chave nos textos de Maria de Lourdes Pintasilgo;
2. Apesar da noção de «noosfera» (do teólogo e filósofo Teilhard de Chardin) aparecer nos textos de Maria de Lourdes Pintasilgo ainda na década de setenta, é na década de oitenta que aparece a maior parte dos conceitos e temas filosóficos: tratamento da relação de implicação entre «liberdade e responsabilidade» (âmbito de pensamento ético); a defesa da «ação» (proveniente, sobretudo, de Hannah Arendt); o «eu-com-os-outros-no-mundo» (de Heidegger e Merleau-Ponty); a «economia ao serviço da pessoa» no que esta defesa implica de viragem para o humano; a «natureza como novo ator social», na linha do pensamento ético-ecológico e até a definição de um outro contrato social, que já não o de Jean-Jacques Rousseau. Acrescenta-se, ainda, a defesa da definição de mínimos, uma corrente ética que tem ganho maior projeção já neste século.
3. Apesar de na década de noventa se ter registado o aparecimento de menos conceitos-chave, é preciso notar que o conceito de ética global foi formulado nesta época. Ainda que os conceitos de «cuidado» e «responsabilidade» tenham surgido nos textos de Pintasilgo da década de oitenta, a verdade é que a formulação de uma «ética global» (do cuidado e da responsabilidade) aparece depois, na década de noventa, tendo sido ainda mais desenvolvida nos textos dos últimos quatro anos de vida de Pintasilgo<sup>19</sup>, permitindo concluir que o seu pensamento seguia um crescente aprofundamento filosófico.

---

17 A defesa da correspondência entre a palavra e a ação teve influências tanto da Filosofia, sobretudo através do pensamento de Hannah Arendt, como da ação cristã, sobretudo pela *Ação Católica* através do seu lema «Ver, Julgar e Agir».

18 De forma muito clara, Pintasilgo expressou o que entende por «ator social» quando escreveu: «De uma forma simples, o sujeito é *ator social*; é por ele que acontecem a mudança e a transformação das ideias e das instituições.» (PINTASILGO, Maria de Lourdes (1999) "Femmes et hommes au pouvoir", in *NPC, op. cit.*, p. 115).

19 São destes anos os textos fundamentais para esta investigação, constantes da antologia de textos intitulada *Para um novo paradigma. Um mundo assente no cuidado*, a saber: "Cuidar o futuro", de 2000; "Ética, cidadania e política", de 2002, e "Uma ética global num mundo de problemas globais", de 1998.

Resta explicitar a opção de deixar na última linha do documento o conceito de «ética global». Esta opção prende-se com o desejo de tornar este conceito duradouro na mente do/a leitor/a e, de certa forma, evidenciá-lo como o culminar do pensamento de Maria de Lourdes Pintasilgo, aqui analisado na sua vertente filosófica.



## CAPÍTULO I

# A indissociabilidade entre ética e política como linha de força do pensamento e ação de Maria de Lourdes Pintasilgo

O primeiro capítulo pretende introduzir a temática de Maria de Lourdes Pintasilgo tratada neste livro: o seu pensamento social e político e como este se fundamenta na proposta de uma ética global.

À sua defesa da filosofia como pensamento estruturante alia-se a ação política, de extrema responsabilidade uma vez que é delineadora do futuro da humanidade. O poder da ação humana deve, portanto, obedecer às leis de uma razão esclarecida, cuidadora e responsável. Não só Maria de Lourdes Pintasilgo defende a necessidade desta aliança entre ética e política, como propõe formas dela se desenvolver.

---

### **1. Uma consciência cívica é uma consciência ética**

---

Para onde caminhamos? Que futuro traçamos com as ações do presente? Estas são perguntas que continuamente qualquer sociedade deve colocar, assumindo a dimensão reflexiva necessária à prática consciente da ação livre.

O presente possibilita o vislumbre do futuro, mas este permanece sempre além, um horizonte para onde caminhamos e que definimos com as ações do presente. Assim, o trabalho reflexivo é um trabalho sempre inacabado, de exigência permanente porque o futuro está sempre aí. E o futuro exige as certezas que só um plano pode facultar e as estratégias que só a vontade de agir pode fazer cumprir. Esta é uma tarefa em que

a dúvida e a incerteza são regras fixas num jogo de assombrosa responsabilidade: joga-se a vida sem forma de poder desistir ou voltar atrás. Os estudos, previsões e prognósticos apresentam-se como a única forma de justificar, o mais objetivamente possível, a ação do presente, sempre e inevitavelmente construtora do futuro. Parece insuficiente e arriscado tomar uma incerteza como guia. Contudo, a vida obriga a tomadas de decisão constantes que ditam o rumo da vida e do mundo e é aqui, nas ações responsáveis, que o dever ético da governação deve ser pensado. Ao facto de sermos seres criadores, descobridores e inventores, não podemos deixar de acrescentar que somos, igualmente, cuidadores e responsáveis pela teia de ligações que nos une uns os outros, seja direta, seja indiretamente, agora e no futuro. É, então, nas tomadas de decisão estratégicas do presente, tendo em conta o futuro, que a reflexão ética faz sentido e deve ser pensada. Neste contexto, ganha particular importância a governação e a definição dos seus valores e da sua atuação. Sobre ela recai o peso de organizar a possibilidade de ser dos seres humanos e a simbiose com a natureza. Trata-se do dever de zelar pela vida no mundo. Grande parte do pensamento de Maria de Lourdes Pintasilgo é sobre essa preocupação constante pelo constructo social e as suas implicações. A sua teoria política e social tentou responder às inquietudes de um presente que ela sentiu ser de mudança: «é preciso mudar a vida», afirmou diversas vezes. A segunda metade do século XX afigurou-se-lhe como o tempo em que urgia parar e formular as questões sobre o rumo das democracias atuais. As inquietações cruciais são as de como enfrentar um futuro duvidoso e incerto e em que, cada vez mais, os desafios globais chocam com a diversidade e exigência dos seres humanos enquanto pessoas imersas nas suas vidas efetivas, tornando muito difícil a tarefa de encontrar princípios de ação comuns.

Segundo Pintasilgo, para uma autêntica organização social e política é preciso dotar o ser humano de plena consciência cívica.

*Vemos à nossa volta a mais completa ausência de serviço cívico, o abandono da integridade na coisa pública, a demissão das responsabilidades, a crítica sem consequências positivas que se faz descuidadamente à mesa do café, a carência de gente que sinceramente, devotadamente, e com competência, queira ajudar a edificar a comunidade.*<sup>20</sup>

---

20 PT/FCF/CDP/MLP - 0012.019, "A missão dos leigos na conversão do mundo", Aveiro, 1958, 12 fls., p. 1.

Para ela, a sociedade constrói-se com todos, porque todos a integram e, como tal, todos devem ter liberdade e possibilidade de intervenção na “coisa pública” (*res publica*), pois a liberdade permite que cada um se torne pessoa. Mas a liberdade tem uma relação necessária com a responsabilidade porque, como ela tantas vezes referiu, eu sou eu-com-os-outros. Tal condição existencial acarreta o dever de assumir o papel de «ator social» e de sujeito ético. Ser ator social significa que o ser humano se assume agente, criador, construtor e promotor da mudança na sociedade. Contudo, a mesma liberdade que lhe permite ser obriga a responder perante as consequências dos seus atos, tornando-se, portanto, num sujeito ético. Assim, a existência humana é essa implicação entre liberdade e responsabilidade, uma interligação que assume particular importância no desenvolvimento da consciência cívica.

A presença do Outro obriga o sujeito a, por um lado, respeitá-lo na sua existência e, por outro, a garantir a sua dignidade enquanto pessoa. Esta relação Eu-Outro que interessou a Pintasilgo constitui uma ligação que é condição existencial, autêntica se fundada no sentimento, como evidenciam as suas palavras:

*Quando sentirmos como nossos os problemas dos outros povos, quando lhes admirarmos e respeitarmos os valores culturais próprios, quando tivermos deixado atrás de nós o apego às nossas coisas não porque eventualmente são boas mas porque são nossas, quando tivermos presentes na nossa vida de todos os dias aqueles que lutam e sofrem e amam como nós, quando o bem comum dos outros povos nos puser perante a legitimidade de muitos dos nossos direitos, quando sentirmos tão forte a necessidade de contribuirmos concreta e eficazmente para o bem de todos os homens, como o sentimos em relação àqueles que nos rodeiam, então a nossa consciência cívica alargou-se verdadeiramente às dimensões do mundo.<sup>21</sup>*

Para Maria de Lourdes Pintasilgo, a consciência cívica deve exercer-se na procura do bem comum. A compaixão, empatia, solidariedade, apenas possíveis no exercício da atenção ao Outro, são marcas desta nova consciência, a que não são alheias tanto a conceção de amor, do cristianismo, como a de cuidado, da filosofia. Para Pintasilgo, a ligação dos seres humanos entre si é originária, como se verá mais adiante. É preciso, pois, assumi-la e cultivá-la, usando-a para criar uma estrutura de relações humanas em rede e, com ela, caminhar rumo ao bem comum.

---

21 PT/FCF/CDP/MLP - 0012.012, “A responsabilidade cívica do estudante universitário”, s.l., março 1957, 19 fls., p. 19.

Dotar o ser humano de consciência cívica é, por um lado, possibilitar-lhe a intervenção na sociedade e, por outro, torná-lo consciente da importância dessa intervenção. Para a compreensão da intervenção social como capacidade e como dever, o sujeito deve ser capaz de mudança, tanto em si próprio como na sociedade. E foi a pessoa, enquanto «sujeito», que interessou a Pintasilgo<sup>22</sup>. Foi a missão inerente ao «sujeito», enquanto ser-com-os-outros-no-mundo, que ela tentou definir.

*De facto, passando do nível abstrato dos direitos aos elementos concretos, estruturantes da sociedade, reconhecemos não somente indivíduos mas sujeitos, porque ninguém mais que o sujeito pode intervir na sociedade, como o demonstra bem, entre outros, a obra de Alain Touraine.*

*No sujeito está presente a pessoa inteira, com a sua identidade, cujo estatuto se exprime pela responsabilidade e liberdade. No sujeito confundem-se uma experiência e uma cultura próprias. Isto é verdadeiro tanto para as mulheres como para os homens.*<sup>23</sup>

Maria de Lourdes Pintasilgo lembrou o que parece evidente, mas que tão fácil ou convenientemente se dá por esquecido: a sociedade faz-se com todos e todos são responsáveis por ela. Para Pintasilgo, um aspeto era muito claro: para ter direitos, o ser humano tem de ser um sujeito de deveres. Isto significa que a cada direito corresponde o respetivo dever. No nexa liberdade-responsabilidade, os direitos são reflexo da primeira e os deveres são reflexo da segunda. Liberdade e responsabilidade estão, pois, intrinsecamente implicadas e esta interligação é uma relação de justiça no seio da sociedade.

*A cidadania tem de responder às consequências da tendência para a fragmentação e o individualismo que são, de forma evidente, o contra-ponto da globalização.*

---

22 No interesse de Maria de Lourdes Pintasilgo pela pessoa enquanto sujeito está presente, também, o sujeito-mulher. Este foi um dos pilares da sua ação ao longo de toda a vida. É de registar os grupos de partilha, reflexão e trabalho sobre o papel das mulheres na sociedade aos quais Maria de Lourdes Pintasilgo pertenceu e muito contribuiu: *Graal* - movimento internacional de mulheres - iniciado em Portugal no ano de 1957 em conjunto com Teresa Santa Clara Gomes; a *Rede de Mulheres*, entre 1980 e 1986; a *Lien*, rede internacional de conscientização e intercâmbio de jovens mulheres, em 1989, e a *Fundação Cuidar o Futuro*, em 2001, que manteve a reflexão sobre o papel das mulheres nas sociedades atuais. Se acaso total justiça não for feita à importância que Pintasilgo concedeu à reflexão sobre o sujeito-mulher é apenas porque o centro da reflexão sobre a qual se desenvolveu esta investigação foi a do sujeito humano enquanto ser relacional, criador de cultura e delineador do futuro. Ainda assim, a presença desta força de convicção quanto ao papel das mulheres nas sociedades atuais está presente ao longo do texto, pois não é possível contornar um tema de importância fundadora no pensamento de Maria de Lourdes Pintasilgo.

23 PINTASILGO, Maria de Lourdes Pintasilgo (1999) "Femmes et hommes au pouvoir", in *NPC*, op. cit., p. 115.

*A guiá-la aparece-me como necessário o conjunto de atitudes e valores que toda uma corrente filosófica – de Hannah Arendt a Hans Jonas e Emmanuel Lévinas – considera como fazendo parte do «princípio responsabilidade».*

*Que nasce da consciência pessoal de ser parte de uma noosfera a que só a era da globalização empresta suporte material.*

*Que, reconhecendo embora o estatuto de liberdade de cada indivíduo, faz surgir essa liberdade da responsabilidade enquanto fundamento ôntico do ser. Que nos fornece o quadro de valores com que podemos ser cidadãos conscientes e contemporâneos do nosso tempo.<sup>24</sup>*

Neste contexto do papel do sujeito, assume especial importância o conceito de «noosfera» do filósofo francês Teilhard de Chardin. Defendeu o filósofo que às várias camadas que o planeta tem devemos juntar uma outra: os seres humanos. Estes estão unidos através de um “laço invisível” e constituem-se como o sujeito coletivo que Pintasilgo tantas vezes evidenciou.

*O laço ôntico que liga todos os humanos na noosfera não permite separar de forma nítida uns dos outros. Se é certo que há uma história pessoal e única é certo também que as histórias humanas se entrelaçam em todas as dimensões da existência.<sup>25</sup>*

A noosfera é, então, uma ligação de cariz dinâmico, dado que os seres humanos não são estáticos. Assim, a “camada de humanos” tem uma importância vital, uma vez que exerce uma “carga” sobre o planeta através da sua ação transformadora. Este poder de dominação transformadora que os seres humanos exercem sobre o Outro confere a esta “camada humana” uma imensa responsabilidade que deve ser assumida.

Aqueles que assumam a liberdade e a responsabilidade como condições da pertença à «noosfera» e que as usem como meios para a intervenção social e política, devem ser aqueles que, dotados de uma consciência crítica, exijam direitos básicos para todos. Esta é a consciencialização que Maria de Lourdes Pintasilgo tentou “despertar”. Para ela, a nova consciência cívica exige uma «massa crítica», ou seja, pessoas que assumam a liberdade e a responsabilidade e pensem em formas de tornar o mundo melhor, como ela própria afirmou:

---

24 PINTASILGO, Maria de Lourdes (1997) “A revolta da natureza”, in *NPC*, op. cit., p. 326.

25 PINTASILGO, Maria de Lourdes: *PD*, op. cit., p. 196.

*É um facto que é necessária uma massa crítica em prol de todos os que se encontram privados dos seus direitos básicos, pois só essa massa crítica será capaz de desencadear a qualidade de vida que, como seres humanos, merecem.*<sup>26</sup>

Assim, a «massa crítica» deverá ser reflexiva, denunciadora e interventiva. Dos que constituem a «massa crítica», ou «operários da consciência», como também lhes chamou, espera-se que sejam a “voz” que se faça ouvir, e que se mobilizem para tornar o mundo num verdadeiro objeto de conhecimento e transformação em prol de uma vida digna para todos. A expressão «operários da consciência» traduz, igualmente, esta ideia de Pintasilgo da necessidade de uma formação da consciência para estar “desperto”, atento:

*É preciso ouvir o barulho das grilhetas de cada perseguição, de cada violência, de cada nova miséria humana, os corpos que se torcem de todas as dores, o mal nas suas formas mais cruéis, os estranhos seres que povoam as águas e que hoje falam da destruição de tudo o que é vivo, as guerras sem sentido em que os homens se destroem. Onde estão os operários de consciência? Onde se escondem? Por que não trazem “as inequívocas flautas de sons claros” e com elas atravessam o mundo das trevas para o salvar?*<sup>27</sup>

As vozes que gritam “não”, “basta” e tantas outras palavras de ordem, são um desabafo que tem, no seu âmago, o sentir da injustiça na primeira pessoa. Tais reivindicações surgem, sobretudo, dos grupos socialmente desfavorecidos, conjuntos de indivíduos que, partilhando experiências comuns, se unem reclamando a mudança da sociedade. Estes grupos constituem-se, como vozes consciencializadoras da sociedade, uma vez que denunciam injustiças e, com isso, incitam à mudança em nome da justiça social. Maria de Lourdes Pintasilgo identifica estes grupos, clara e repetidamente, nos seus textos: os movimentos ecologistas, os movimentos pacifistas e os movimentos das mulheres. Com as suas reivindicações, estes grupos tornam evidentes as diferenças que existem entre os indivíduos e, sobretudo, as diferenças na consideração e oportunidades que a sociedade confere. Ora, nesta medida, é preciso explicitar que as pessoas de que Pintasilgo fala são pessoas diversas, com vidas distintas e oportunidades diferentes, ou seja, estamos a tratar da pessoa concreta,

---

26 PINTASILGO, Maria de Lourdes (1998) “As mulheres, a cidadania e a sociedade activa”, in NPC, *op. cit.*, p. 104.

27 PINTASILGO, Maria de Lourdes: PD, *op. cit.*, p. 48.

do indivíduo que está situado espaço-temporalmente mas, sobretudo, socialmente. Para ela, é sobre a sua própria situação que cada pessoa sente, pensa e age, tendo como finalidade a sua realização. Trata-se da defesa da autonomia da pessoa como cidadã (ou «ator social»).

*O ser humano é também uma existência, isto é, sou: o que sinto e penso, o que digo, o que mostro, o que faço. A minha existência modela-me a cada momento: importância de cada atitude, de cada gesto (actualidade daquela frase moralista de que “a maior obra-prima da nossa vida somos nós próprios”), não no sentido de nos transformarmos a golpes de vontade mas no sentido da construção do nosso próprio projecto por cada decisão.*<sup>28</sup>

É em situação que é possível perceber quem se é, dado que é o contexto que potencia o ser de cada indivíduo. E são as pessoas, vendo a vida através da sua perspectiva e sentindo na “pele” as suas necessidades, que melhor sabem o que lhes falta, o que as preocupa e o que ambicionam. Pintasilgo defende que é por terem essa consciência que, muitas vezes, devem propor a solução, tornando-se, assim, agentes da mudança. Trata-se das «massas humanas tomando consciência dos seus direitos fundamentais»<sup>29</sup>.

Nesta sua defesa é obrigatório referir a influência determinante que teve a pedagogia de Paulo Freire. O seu projeto de educação para a liberdade tinha como objetivo a alfabetização e tal passava não apenas pela aprendizagem da leitura e escrita mas, sobretudo, pela *conscientização* – processo de tomada de consciência de si e da sua condição no seio da sociedade. Tratava-se, pois, de um método que possibilitasse essa tomada de consciência, ao fazer do saber um instrumento que dê ao cidadão a capacidade de «interferir na realidade conhecida»<sup>30</sup>. É neste sentido que é preciso dar liberdade, o que, no espaço da comunidade, significa abertura e receptividade à expressão, nossa e dos outros. Este é um exercício de cidadania a que, no entender de Maria de Lourdes Pintasilgo, todos estamos obrigados pelo dever de vivermos uns com os outros.

---

28 PT/FCF/CDP/MLP – 0044.036, “Verdades e mitos na definição da mulher”, s.l., 1968-1970?, 9 fls., p. 7.

29 PT/FCF/CDP/MLP – 0044.039, “La femme et la profession”, s.l., 1970-1972?, 18 fls., p.10.

30 FREIRE, Paulo (1967) *Educação como Prática da Liberdade*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, edição portuguesa Dinalivro, Lisboa, 5ª Edição, s.d., p. 113.

---

## 2. Poder, liberdade e responsabilidade

---

Ao falar de governação é impossível não falar de poder. Para Maria de Lourdes Pintasilgo, este poder é diverso e pode ser empregue em sentidos muito diferentes: poder de exploração, manipulação, competição, mas também de proteção e de integração<sup>31</sup>. Assim sendo, o poder é um exercício que deve ser pensado quanto à sua finalidade, uma prática que deve ser refletida e previamente definida.

O filósofo alemão Hans Jonas caracteriza a ação como ato de poder. Maria de Lourdes Pintasilgo também trata a ação humana deste mesmo modo e interessou-se de tal forma por esta questão que adotou a distinção do filósofo de duas formas de poder: o «poder sobre» (associado à exploração da pessoa e da natureza) e o «poder para»<sup>32</sup>. Para ambos, o poder deve exercer-se *para* e não *sobre*. Pintasilgo vai ainda mais longe quando identifica o «poder sobre» como uma perspetiva mecanicista, enquanto o «poder para» representa uma perspetiva termodinâmica. A pensadora chamou a atenção para o entendimento e exercício do «poder sobre» como forma de dominação e exploração por parte de uns com a consequente sujeição de outros.

*A transição da noção de poder é urgente. Será a diversos níveis dos quais eu destaco os dois que me parecem ser os mais decisivos:*

*– será a passagem do poder sobre as pessoas, sobre os dispositivos, sobre as instituições, visão sobre a interpretação da história e dos factos, versus o poder com os outros, construído lá onde a equipa é necessária na multiplicidade das suas competências e das suas perspetivas sobre as coisas e sobre os factos;*

---

31 Maria de Lourdes Pintasilgo trata aprofundadamente o poder (os seus desafios e implicações) no capítulo dedicado a Pedro de Pezarat Correia, intitulado “Mensagem de diferente conteúdo cultural”, do seu livro *Palavras Dadas*. Para além de identificar os vários tipos de poder (de exploração, de manipulação, competitivo, protetor e integrador), estabelece a relação entre o poder e o saber, defendendo que o primeiro só pode ser corretamente exercido se for fundamentado no segundo. Pintasilgo expressou a relação fundamental entre poder e saber ao escrever, por exemplo, o seguinte: «O poder só deveria ser exercido por aqueles que reconhecem a sua ignorância e a corrigem». (PINTASILGO, Maria de Lourdes: *PD*, *op. cit.*, p. 285 e 286)

32 Em *Imperative of Responsibility*, Hans Jonas defende que o *poder sobre* deve passar a ser *poder para*, mais especificamente no capítulo 4, “O bom, o dever e o ser”. Aqui Jonas defende que o poder é fundamental na definição da responsabilidade do governante. Esta é uma defesa que Pintasilgo partilhou com o filósofo e que se tornou muito importante, desde logo por estar presente em textos de diferentes momentos do seu pensamento, por exemplo, no texto “Femmes et hommes au pouvoir”, que data de 1999, e que está publicado na antologia de textos *NPC*, e no texto “A evolução sociocultural na europa: a democracia à procura de um projeto”, que data de 1983, presente no livro *DM*, compilação de textos de Maria de Lourdes Pintasilgo com data de publicação de 1985.

*- será também a passagem de um poder que é decididamente contra, que só está satisfeito na oposição, que se destaca a denunciar o que está mal, versus o poder para cumprir metas, para anunciar ideias novas, para implementar medidas capazes de desfazer os nós dos problemas.*

*Ele emerge em diferentes reflexões sobre o poder - o poder que é competência e compaixão, que é convicção e responsabilidade, que se sabe novo dentro de um contexto de interdependências múltiplas.<sup>33</sup>*

O exercício do poder na governação foi, também, tematizado por Jonas e retomado por Pintasilgo. Ambos defendem que a responsabilidade e a ação livre (entendida como poder) são proporcionais. Assim, e no caso do/a governante, há uma responsabilidade acrescida, dado que o seu poder de ação é mais alargado. Por isso, no que toca ao exercício do poder político, tanto em Jonas como em Pintasilgo, é a responsabilidade que legitima o exercício da autoridade.

Jonas coloca o destino do mundo nas mãos dos decisores políticos e tenta alertar para o facto desse destino exigir reflexão filosófica, para não se deixar levar pela automação do desenvolvimento científico-tecnológico. Defende o filósofo que uma ação responsável é aquela que se exerce “para” e não “sobre”:

*O verdadeiro estadista vai ver a sua fama (que lhe pode importar) precisamente na medida daquilo que pode ser dito dele sobre ter agido para o bem daqueles sobre os quais ele tinha poder, isto é, para quem ele o tinha. Isto - o “sobre” torna-se em “para” - resume a essência da responsabilidade.<sup>34</sup>*

À relação de implicação entre poder e responsabilidade junta-se, como seu fundamento, o saber. Para Jonas, o saber dota o poder do discernimento capaz de prever os efeitos da ação e, portanto, da responsabilidade que lhe será imputada. Mas se, por um lado, o saber fornece o conhecimento da ação como causa de determinados efeitos, por outro, o saber deve ser ainda mais procurado para que a reflexão que conduz à ação seja mais responsável. O saber é, portanto, a fonte onde o “novo” agente ético, o coletivo, deve procurar as razões para uma reflexão que defina o desejável, tendo em conta a finalidade de possibilitar a existência das gerações vindouras. Eis as palavras de Jonas:

---

33 PINTASILGO, Maria de Lourdes (1999) “Femmes et hommes au pouvoir”, in *NPC*, op. cit., p. 123.

34 JONAS, Hans: *IR*, op. cit., p. 96.

*A primeira e mais geral condição da responsabilidade é o poder causal, ou seja, que a ação tem um impacto no mundo; o segundo, que tal ação está sob o controle do agente; e terceiro, que este pode, de certa maneira, prever as suas consequências.*<sup>35</sup>

A defesa é de que de uma ação livre e causal só se poderá esperar uma responsabilização sobre as suas consequências. Este é, a meu ver, o ponto fundamental na transposição que Jonas faz da responsabilidade do âmbito natural para o âmbito contratual das decisões políticas. A ação política, poderosa e que visa o coletivo, é poder que deve ser usado com a responsabilidade como seu correlato. É no âmbito do político que é desafiador compreender a relação de implicação entre poder e responsabilidade. A este propósito, afirmou o filósofo:

*Como reiterámos uma e outra vez, a responsabilidade é um correlato do poder, de tal modo que o alcance e o tipo de poder determinam o alcance e o tipo de responsabilidade.*<sup>36</sup>

Para Jonas, as ações do poder geram os conteúdos do dever. No caso do poder político, tal relação de implicação é ainda mais desafiadora, tão difícil como necessária.

De igual modo, Maria de Lourdes Pintasilgo concebe a ação humana livre como um ato de poder, o que leva à conclusão de que as suas concepções, também neste ponto, estão muito próximas. Os dois partilham a consideração de que a ação humana é causal, ou seja, expressão de um poder modificador. Pode-se, então, assumir que tanto Jonas como Pintasilgo estabeleceram a responsabilidade como um correlato de algo. No caso de Jonas, a responsabilidade é correlato do poder. No caso de Pintasilgo, a responsabilidade é correlato da liberdade. Contudo, entender a ação livre como exercício de poder é considerar que a liberdade é poder. Assim, a ação livre é poderosa.

Em Jonas, a relação da responsabilidade com o poder desembocou na sua conceção específica deste conceito no exercício do poder político. Para ele, é na correlação responsabilidade-poder que se legitima a autoridade, fundamental à prática governativa. A este propósito, escreveu Jonas:

---

35 JONAS, Hans: *IR, op. cit.*, p. 90.

36 JONAS, Hans: *IR, op. cit.*, p. 128.

*A autoridade só pode ter legitimidade quando nasce da responsabilidade realmente exercida. A responsabilidade não se exerce sem assumir algum grau de autoridade. Nessa dupla dimensão do poder, cimenta-se e constrói-se um ser em liberdade.*<sup>37</sup>

No caso de Pintasilgo, foi a correlação responsabilidade-liberdade que assumiu a preocupação da ação humana no domínio político. A correlação responsabilidade-liberdade serviu a Pintasilgo, sobretudo, para a sua defesa da necessidade de associar os deveres aos direitos. A sua proposta foi clara: aos direitos devem ser associados os respetivos deveres. Esta sua proposta foi manifestada na comemoração do 50º aniversário da *Declaração Universal dos Direitos Humanos*. Defendeu que nesta celebração, sem dúvida importante pela definição de direitos, se deveria propor a definição dos correspondentes deveres. Pintasilgo chegou mesmo a formular essa proposta, apontando alguns desses deveres<sup>38</sup>.

*Há uma lista de direitos na Declaração Universal dos Direitos Humanos. Tivemos a preocupação de ligar as obrigações, os deveres, as responsabilidades aos direitos. Daí decorre o texto que queremos submeter à ONU no ano em que se celebram 50 anos da Declaração Universal dos Direitos do Homem. E assim, cito a relação entre direitos e deveres:*

*“-se temos o direito à vida, temos também a obrigação de respeitar a vida;  
- se temos o direito à liberdade, temos a obrigação de respeitar a liberdade dos outros;  
- se temos o direito à segurança, temos a obrigação de criar condições para que cada ser humano goze de uma segurança humana;  
- se temos o direito de participar no processo político do nosso país e eleger os nossos dirigentes, temos a obrigação de participar e assegurar que os melhores dirigentes sejam escolhidos;”*<sup>39</sup>

No mesmo texto, após a listagem dos direitos e deveres correspondentes, resume a sua defesa de forma sintética e esclarecedora: «Cada direito tem, sem dúvida, a responsabilidade que lhe corresponde»<sup>40</sup>.

---

37 PINTASILGO, Maria de Lourdes: *PD, op. cit.*, p. 165.

38 Para além do texto de onde se extraiu a citação apresentada, Maria de Lourdes Pintasilgo faz corresponder deveres aos direitos consignados na *Declaração Universal dos Direitos Humanos* também no texto de 1998, “Uma ética global num mundo de problemas globais”, presente na antologia de textos *NPC, op. cit.*, p. 418.

39 PT/FCF/CDP/MLP - 0274.035, “Direitos e responsabilidades”, s.l., 20 julho 1998, 1 fl., p. 1.

40 *Ibidem*.

Maria de Lourdes Pintasilgo confessa que sentiu entraves de algumas instituições ao falar de responsabilidade. A proposta de se legislarem deveres a par dos direitos embatia em preconceitos que a própria identificou: por um lado, a ideia de que falar de responsabilidade é ter uma visão pessimista do mundo e que, por outro, é pôr em causa os direitos e liberdades individuais já consignados. Mas, para ela, definir deveres era exatamente garantir os direitos. No seu entender, só a definição dos deveres possibilitava o respeito pelos direitos. Havia, pois, que colocar a proposta séria da responsabilidade para garantir a liberdade como possibilidade de autodeterminação da pessoa.

Maria de Lourdes Pintasilgo defende a responsabilidade pelas pessoas e pela natureza, destacando a vida como valor basilar. Tais considerações são partilhadas com o pensamento ético de Hans Jonas. Na verdade, como já se disse, Pintasilgo não tratou a defesa da vida como questão metafísica, como havia feito o filósofo, mas apontou-a como valor inquestionável, central na tarefa (enquanto compromisso) de cuidar o futuro. Ao valor da vida juntou a necessidade de ela ser de qualidade.

Ainda na compreensão da noção de responsabilidade em Pintasilgo, e de como ela se constituiu a partir do pensamento de Jonas, apresenta-se a inovação da introdução do agente coletivo. Na proposta de Jonas de uma nova ética, um dos pontos que a distingue das éticas anteriores é a consideração do agente já não apenas como o indivíduo, mas como o coletivo de indivíduos que constituem as instituições, decisoras e influenciadoras da vida dos cidadãos que delas dependem no seio da organização democrática. Para o filósofo, o facto da ação humana não se realizar apenas a nível local e no tempo presente é aquilo que exige uma ética holística. É, portanto, na constatação de que vivemos num mundo global que assenta a defesa da sua proposta de uma nova ética. Neste sentido, a ética de Jonas propõe que o imperativo seja dirigido ao coletivo, ou seja, às políticas e aos Estados. Maria de Lourdes Pintasilgo adotou esta conceptualização de Jonas. Para ela, o mundo do final do século XX, início do século XXI, apresenta a seguinte fórmula de implicação: factos globais → problemas globais → ética global<sup>41</sup>.

---

41 Para compreender a importância desta relação de implicação será necessário compreender o sentido em que Maria de Lourdes Pintasilgo entendeu a noção de globalização e o seu entendimento do que é "global". No seu texto "Liderança feminina e governabilidade mundial", presente na antologia de textos *NPC*, Pintasilgo expõe a sua noção de global: «O que é global não é o que aparece simultaneamente em várias partes do mundo ou estabelece relações entre o mundo. A globalização diz respeito ao que se aplica ao mundo como um todo integrado, como um conjunto colectado». (PINTASILGO, Maria de Lourdes (2001) "Liderança feminina e governabilidade mundial", in *NPC*, *op. cit.*, p. 145).

Ora tudo isto para dizer que a vivência dos factos globais, a sua resolução ou gestão, exige uma ética global.<sup>42</sup>

---

### 3. Agir a palavra - a ética governativa

---

A indissociabilidade entre ética e política está patente, em Maria de Lourdes Pintasilgo, desde logo na sua defesa da inter-relação entre a teoria e a prática, o mesmo é dizer, entre o pensamento e a ação. Para ela, uma prática só pode ser justificada por uma teoria e uma teoria só pode ser construída, e constantemente atualizada, se se basear na prática sentida e pensada. Assim, todo o saber deve orientar a prática e toda a experiência deve ser tomada como fonte de conhecimento. Teoria e prática unem-se, assim, numa *praxis* de reflexão e ação, à maneira de Paulo Freire e que tanto inspirou Pintasilgo, como já se disse<sup>43</sup>. É a consideração de que o pensar nada muda sem o agir, mas o agir sem rumo poderá levar à errância. Nas palavras de Pintasilgo, a expressão icónica é «agir a palavra».

*Não há teoria que não assente numa prática perseverante. Essa prática é sempre uma prática no mundo, que se insere na História e que tem como objetivo a felicidade do ser humano. A teoria poderá então surgir de uma aplicação voluntarista a um domínio do conhecimento ou - o que é diferente - ir tomando forma como integral de todo o material que as numerosas práticas vêm trazendo ao ato reflexivo. A teoria é então a resultante de uma prática intensamente vivida, profundamente refletida, continuamente acumulada.*<sup>44</sup>

---

42 PINTASILGO, Maria de Lourdes (1998) "Uma ética global num mundo de problemas globais", in *NPC*, *op. cit.*, p. 417.

43 No seu livro *Educação como prática da liberdade*, Paulo Freire expressa bem o nexa compreensão-ação, quando escreve: «Acontece, porém, que toda compreensão de algo corresponde, cedo ou tarde, uma ação. Captado um desafio, compreendido, admitidas as hipóteses de resposta, o homem age. A natureza da ação corresponde à natureza da compreensão» (FREIRE, Paulo: *Educação como Prática da Liberdade*, *op. cit.*, p. 106).

44 PINTASILGO, Maria de Lourdes: *PD*, *op. cit.*, p. 137.

A defesa da correspondência entre a palavra e a ação teve influência tanto da filosofia, sobretudo pelo pensamento de Hannah Arendt, como da ação cristã, através da *Acção Católica* no seu lema «ver, julgar e agir».

*A Acção Católica foi muito importante, porque funcionava segundo uma metodologia própria: “Ver, Julgar e Agir”, ou seja, estar atenta às coisas e aos factos e analisá-los para ver o que era preciso fazer, e então fazê-lo. Isto dava a sensação de que a pessoa, para ser responsável, tinha obrigação de olhar à sua volta, para conhecer as coisas tais como eram. E de agir no sentido de ir ao encontro das pessoas que estavam numa situação difícil e a quem o cuidado dos outros podia ajudar*<sup>45</sup>.

Esta articulação entre teoria e prática pretende responder a uma questão de fundo, que Pintasilgo enunciou da seguinte forma: «Como construir uma sociedade convivial, onde a presença de cada um seja assumida como enriquecimento à existência de todos?»<sup>46</sup>. Foi para responder a esta inquietação que Maria de Lourdes Pintasilgo tanto pensou sobre o exercício da governação.

Nos textos de Pintasilgo, o tema da prática governativa é transversal às denúncias e às defesas que apontou. Como no tratamento de outros temas, começa por denunciar o que considera serem erros para, de seguida, apontar e defender hipóteses de correção dos mesmos. No caso específico da governação, Pintasilgo aponta erros que se constituem como sinais de que o sistema democrático não funciona como devia, uma vez que não há expressão real da diversidade dos elementos da sociedade. Eis os erros de governação que Pintasilgo denunciou, alguns deles já abordados anteriormente:

- O ser humano ao serviço da economia;
- A avaliação quantitativa da prática governativa;
- O consenso;
- A distância entre a palavra e a ação;
- A apatia e a ignorância;
- O conformismo;
- O entendimento negativo da crise;

---

45 PINTASILGO, Maria de Lourdes (1995) “Um olhar diferente sobre as coisas”, in BETTENCOURT, Ana Maria e PEREIRA, Maria Margarida Silva (org.): *Mulheres políticas – As suas causas*, Lisboa, Quetzal, p. 217.

46 PINTASILGO, Maria de Lourdes (1980) “Que Europa – amanhã (1)?”, in *MV*, nº 26, *op. cit.*, p. 4.

- A governação a curto prazo;
- O exercício do «poder sobre».

Em relação ao primeiro ponto, Pintasilgo critica o facto de a racionalidade económica ter invadido a sociedade, de tal forma que se tornou num movimento sem regulação, nem sequer pelo sistema governativo, levando este a aceitar que o ser humano seja apenas mais uma das “peças” desse complexo movimento, cujo motor é o lucro e não o bem-estar ou a felicidade.

A par da racionalidade económica está a quantificação de vários aspetos da vida, que se tornou na forma privilegiada dos governos avaliarem a sua prática. Contudo, Pintasilgo defende que esta quantificação não é suficiente para aferir a eficiência das práticas governativas. O que subjaz ao erro da quantificação é o fechamento dos sistemas governativos em si mesmos.

A procura do consenso é outro dos erros das sociedades democráticas e que também está ligado à prática governativa. Pintasilgo aponta o facto do consenso uniformizar, anulando as diferenças, resultando numa aparente harmonia social. Se, por um lado, o consenso é uma base de entendimento, por outro, é fonte de diluição da diversidade numa ilusória coesão social.

Comum a todos os erros denunciados, uma atitude sobressai: a inação. Maria de Lourdes Pintasilgo defende que o que se espera de qualquer governo é que haja correspondência efetiva entre a palavra e a ação, ou seja, entre aquilo que se defende e promete e a prática governativa. Portanto, a apatia, enquanto negação da ação, não pode ser uma posição governativa aceitável. Deve ser tanto mais evitada quanto mais advier da ignorância ou a tenha como justificação. Exclamar “eu não sabia” é, no entender de Pintasilgo, o pior dos erros quanto à preparação teórica que o/a governante deve ter, um claro sinal de falta de interesse e empenho. Em qualquer destes casos, a ignorância não é desculpável, sendo dever governativo estabelecer o diálogo, por um lado, com os diversos domínios do saber e, por outro, com o povo.

A par do erro da apatia está o conformismo que é, do mesmo modo, um erro na vivência do Estado e da governação, conduta a evitar tanto pelos cidadãos como pelos governantes. O conformismo tem como consequência a inação e, como vimos, nada pode ser pior do que a ausência de reflexão e de ação. Diz Maria de Lourdes Pintasilgo que há um exagerado apego à ordem, à segurança e à estabilidade, o que torna inaudíveis, e até malditas, as vozes da denúncia e da crítica, que assinalam a

crise e incitam à mudança. Aponta, ainda, que há uma resistência à mudança e à inovação porque, em geral, se entende a crise de forma negativa, pois a ela estão associadas as ideias de instabilidade, caos, desorganização e desresponsabilização.

A falta de rumo, direção ou orientação, ou seja, a falta de finalidade, desejo ou meta imaginada e definida, é outro dos erros que Maria de Lourdes Pintasilgo aponta. Para ela, a governação não deve ser um mero exercício de gestão, de decisões e ações estratégicas para responder apenas aos problemas imediatos. Defende que de qualquer governação se espera que seja capaz de desejar e definir finalidades, traduzidas num plano. Esta ideia está arregimentada na dimensão temporal da ação governativa, através da definição de três linhas temporais diferentes: o curto, o médio e o longo prazos.

*Basta ter em linha de conta que o curto, o médio e o longo prazos do planeamento têm regras e atores diferentes:*

*- O curto prazo é a matéria sobre a qual incide a ação governativa quotidiana e as tarefas que, sem qualquer justificação para serem adiadas, daí decorrem para administração pública.*

*- O médio prazo (de uma legislatura, por exemplo) é a ordem de prioridades estabelecida, a sua avaliação contínua, a clarificação dos seus patamares de execução no tempo, o entrosamento do poder local com o poder central.*

*- O longo prazo é o horizonte último da ação política que permite perspetivar cada decisão. Nele intervêm com vantagem órgãos qualificados exteriores à administração pública. Não pode haver ação coerente sem o longo prazo. A ação política não pode ser uma manta de retalhos. É a concretização de uma visão. É a implementação sistémica de um projeto.<sup>47</sup>*

Nos diferentes cenários de horizonte temporal, Maria de Lourdes Pintasilgo defendeu uma governação de gestão para o curto e médio prazos e uma governação de perspetivas e plano para o longo prazo.

---

47 PINTASILGO, Maria de Lourdes: *PD, op. cit.*, p. 110.

### 3.1. Uma nova cultura política

Fernanda Henriques evidencia a perspectiva de “cultura” na nova forma de fazer política defendida por Maria de Lourdes Pintasilgo.

*Gostaria de acentuar aqui a perspectiva de cultura na expressão «cultura política» para pôr de manifesto que o que está em jogo é a proposta de uma atividade governativa que ultrapasse a mera dimensão de gestão e se configure no quadro do horizonte da “coisa pública” como ideal de vida em comum capaz de promover horizontes de justiça e de igualdade.<sup>48</sup>*

Nesta proposta, Pintasilgo faz intervir a filosofia na constituição desta nova forma de governação, desde logo através da defesa de duas qualidades éticas que a devem estruturar: a lealdade e a clareza.

As suas palavras na defesa destas qualidades éticas na política são claras:

*Individualmente não reivindicamos qualquer pretensa «superioridade moral», mas colectivamente propusemo-nos restituir à prática política a qualidade ética. Deentre as exigências que esse empenhamento representa, temos salientado algumas que importa registar. Antes de mais a lealdade (...) Exigência igualmente fundamental é a clareza.<sup>49</sup>*

A primeira – a lealdade – funda o princípio de não instrumentalização da pessoa humana, ou seja, a defesa de que a política se deve fazer tendo em vista o ser humano, considerando-o um fim em si mesmo.

A segunda – a clareza – funda o princípio da informação fidedigna, ou seja, o critério da transparência na comunicação que o governo deve ter para com quem governa, a qual deve ser efetiva, clara, completa e verdadeira, fornecendo, assim, uma das condições essenciais à participação ativa dos cidadãos na sociedade. O esclarecimento deve ser a base de uma boa análise e avaliação da ação governativa. Em suma, trata-se da consideração e tratamento do Outro como interlocutor válido na discussão política.

---

48 HENRIQUES, Fernanda (2016) *Filosofia e género. Outras narrativas sobre a tradição ocidental*, Lisboa, Edições Colibri, p. 205.

49 PINTASILGO, Maria de Lourdes (1983) “Agir localmente, pensar globalmente”, in *MV*, nº 44, *op. cit.*, p. 2.

Dada a insatisfação generalizada que colocou as sociedades num tempo de questionamento, surge a pergunta fundamental: como reformular os sistemas governativos para que consigam maior respeito pelo ser humano e pela natureza? Para Maria de Lourdes Pintasilgo é claro que tal finalidade só será alcançada se a governação assumir duas exigências na sua prática: o rigor como condição e a eficácia como resultado. Significa que a governação deve ser uma teorização rigorosa que se traduza numa prática cujo resultado seja aquele que previamente se planeou.

Para Pintasilgo, o cerne da governação incide no elemento fundamental de toda a ação política – o ser humano – e em duas virtudes fundamentais e complementares: a escuta e o diálogo. A escuta é a virtude que, no seu âmago, nos leva à relação com o Outro e à sua consideração enquanto polo da alteridade. Tal relação é, para Maria de Lourdes Pintasilgo, o assumir de uma ligação não resultante de um contrato social, mas primária, por ser da essência do humano. A par da prática da escuta está a prática do diálogo. Se a escuta permite o conhecimento dos problemas, através de quem os vive, o diálogo é o “passo seguinte”, o de tentar encontrar soluções. Pintasilgo ressalta a riqueza do processo dialético enquanto processo de partilha. Como ela mesma expressou, trata-se de um «diálogo onde todos aprendemos uns dos outros»<sup>50</sup>.

Com base nos seus textos, verifica-se que Pintasilgo apresenta três tipos de relação para a prática da governação que têm a escuta e o diálogo como base:

1. A relação entre os governantes e o povo;
2. A relação entre as diversas instituições que constituem o poder governativo;
3. A relação entre o governo e os vários domínios do saber e da ciência.

A primeira – a relação entre o governo e o povo – exerce a escuta e o diálogo através da descentralização do poder. Pintasilgo assim o expressou:

*Tal desconcentração permitirá encarar, com realismo, a diversidade tão rica em potencialidades, das várias zonas do país e responder com rapidez às exigências reais e legítimas das populações.*<sup>51</sup>

É necessário dialogar com o povo para fazer uma avaliação qualitativa, a par da quantitativa. Este contacto direto com o povo só existirá efetivamente se o poder se

---

50 PINTASILGO, Maria de Lourdes (1983) “Agir localmente, pensar globalmente”, in *MV*, nº 44, *op. cit.*, p. 3.

51 PINTASILGO, Maria de Lourdes (1979) “Uma nova linguagem política”, in *MV*, nº 21, *op. cit.*, p. 3.

descentralizar, dando ao poder local os instrumentos e a capacidade de se aproximar das pessoas na sua vivência quotidiana.

A segunda – a relação entre as diversas instituições do Estado governativo – exerce a escuta e o diálogo através daquilo que Pintasilgo identificou como «interdisciplinaridade intersectorial e interministerial»:

*Já não tenho dúvida de que não é possível governar sem a interdisciplinaridade, o intersectorial, o interministerial. (...) Podemos chamar-lhe a construção de uma matriz de intercâmbio e de interdependência.<sup>52</sup>*

A partilha e a comunicação, a expressão e a escuta são essenciais entre as áreas de governação, porque a vida não é sectorial, mas um conjunto complexo de dinâmicas específicas que se interpenetram. Assim, para Pintasilgo, os diferentes ministérios devem estar em relação, abrindo-se à escuta e diálogo entre si, trabalhando em conjunto para a finalidade que lhes é comum.

A terceira – a relação entre o governo e os diversos campos do saber – exerce a escuta e o diálogo através do repúdio da ignorância e conseqüente vontade de adquirir conhecimento. Esta relação concretiza-se na atualização de conhecimentos que o governo deve buscar nas diversas áreas do saber, uma vez que, como Pintasilgo defendeu, tudo é contextual. Como a própria apelidava, são as «interfaces» ou os «entre-saberes» que é preciso partilhar.

*O que tento fazer realçar é, por um lado, a exigência de deixar que a política, na sua teoria e na sua prática, possa cruzar-se com a evolução do saber ou, dito de outro modo, com as outras ciências na sua forma atual.<sup>53</sup>*

Na «nova cultura política», a escuta e o diálogo são qualidades presentes, de forma privilegiada, numa parte da humanidade: as mulheres. Assim sendo, elas devem passar a ter maior relevância no campo político.

Através da cronologia de conceitos-chave pode-se perceber como a definição do papel específico da mulher na sociedade foi um tema presente em todo o percurso de vida e pensamento de Maria de Lourdes Pintasilgo. No que diz respeito à especificidade da mulher defendida por Pintasilgo, são de salientar a sua diferença quanto

---

52 PINTASILGO, Maria de Lourdes: *PD, op. cit.*, p. 133.

53 *Ibidem.*

à outra face da humanidade (o homem) e a sua irrupção na sociedade. A diferença da mulher foi fundamentada de diversas formas, a sua emergência na sociedade foi defendida não só como uma necessidade de equidade e justiça (a saída da invisibilidade social a que estava remetida), mas também como meio privilegiado de proporcionar a mudança desejada na sociedade, por ser um dos movimentos sociais e ser uma «voz diferente»<sup>54</sup>. No que se refere ao primeiro aspeto – a diferença da mulher em relação ao homem –, nos seus primeiros textos, Pintasilgo faz a diferenciação da mulher através de uma defesa de clara influência cristã. Para ela, a mulher é o ser que encarna o amor dado por Deus de uma forma única, através do que ela designa por «maternidade espiritual»:

*A maternidade espiritual é a capacidade de amor, de se apagar, de se dar, de curar todas as feridas, dese multiplicar numa solicitude que a todos atende e a todos ajuda.*<sup>55</sup>

Esta condição é, no seu entender, um amor à verdade e dádiva ao Outro. Este amor específico da mulher é recetividade, atenção, doação. Nesta mesma linha de dádiva de si ao Outro, de escuta e atenção, apareceu, mais tarde, a noção de cuidado. Em suma, para Pintasilgo, o afeto, que pela tradição vem das mulheres, deve impregnar a sociedade. É por isto que cabe às mulheres ser uma voz diferente (do discurso dominante) e consciencializadora (das fragilidades, das necessidades e dos riscos), na linha das ideias de Carol Gilligan. Assim, num primeiro momento, temos a fundamentação da diferenciação feminina através do Cristianismo e, num segundo, uma diferenciação através do género, enquanto constructo social<sup>56</sup>.

---

54 Sobre o tema da mulher na sociedade, Maria de Lourdes Pintasilgo teve a importante influência do pensamento de Carol Gilligan. A expressão «voz diferente» é de Gilligan e Pintasilgo usou-a para caracterizar essa especificidade das mulheres que as torna capazes de introduzir mudanças não antes operadas e fundamentais na sociedade.

55 PT/FCF/CDP/MLP – 0008.042, sem título, Lisboa?, 1953, 47 fls., p. 12.

56 O «amor» e o «cuidado» em Maria de Lourdes Pintasilgo aparecem, num primeiro momento, enraizados no pensamento cristão e, num segundo momento, no feminista e no filosófico. Esta análise está presente na dissertação de Mestrado de Vânia Duarte, intitulada *Memória silenciada. O percurso feminista de Maria de Lourdes Pintasilgo*. É no capítulo II, intitulado “A ética de cuidado na construção da utopia”, que Duarte expõe as raízes cristã e filosófica da tese de Pintasilgo sobre o «cuidado». A análise inclui a referência direta a Martin Heidegger e a Hans Jonas, ainda que sem fazer uma análise profunda da influência dos filósofos, o que se justifica pela própria finalidade da investigação de Duarte: o percurso feminista de Maria de Lourdes Pintasilgo. (DUARTE, Vânia (2011) *Memória silenciada. O percurso feminista de Maria de Lourdes Pintasilgo*, tese de mestrado em Estudos Feministas coorientada pelas Professoras Doutoradas Adriana Bebiano e Maria Irene Ramalho de Sousa Santos, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, pp. 27-39).

No que respeita ao segundo aspeto – a irrupção da mulher na sociedade – temos que, para Pintasilgo, as mulheres são um dos grupos sociais oprimidos que deve emergir socialmente, ao denunciar a opressão que sofre. Para ela, é a história das mulheres que as coloca na situação de protagonistas da mudança. E é exatamente pela sua história e posição social que as mulheres constituem uma «massa crítica», no sentido do que foi exposto anteriormente. Cabe-lhes assumir a sua identidade e tomar a palavra, ambas formas complementares do movimento de irrupção na sociedade que devem protagonizar. A forma de ser e estar cuidadora constitui a grande esperança de Maria de Lourdes Pintasilgo: as mulheres vão «colocar a justiça nas mãos do cuidado»<sup>57</sup>.

Uma outra mais valia da mulher na governação é a sua multifuncionalidade, ou seja, a capacidade de ter uma visão global e integradora. Às mulheres foi-lhes incumbida a gestão de diversos assuntos e o empreendimento de múltiplas tarefas. Para o conseguirem, explica Pintasilgo, usam a experiência, a intuição e o sentir (uma vez que, durante muito tempo, nem lhes era permitido o acesso a determinados saberes teóricos).

*À análise sectorial mais ou menos sistemática, elas preferem a percepção global, a apreensão envolvente, onde a inteligência, a intuição e o sentir se confundem.*<sup>58</sup>

No entender de Pintasilgo, esta forma de estar e agir torna as mulheres não só capazes, mas também preferíveis para ocupar posições políticas de decisões estratégicas.

---

57 PINTASILGO, Maria de Lourdes (1995) “Women become visible”, in *NPC*, *op. cit.*, p. 84.

58 PINTASILGO, Maria de Lourdes (1979) “Novos movimentos de Mulheres (2)”, in *MV*, nº 17, *op. cit.*, p. 4.

---

## 4. O papel regulador da ética

---

A nova ética que Jonas defende para a civilização científico-tecnológica apela a uma responsabilidade inquietante e perturbadora da consciência: ela deve obrigar, impor e ser capaz de negar, proibir, inibir e/ou rejeitar, se tal for necessário. Falamos, pois, de uma ética que regula a ação humana, podendo mesmo limitá-la. Para o filósofo, a regulação resulta da reflexão crítica e pretende fazer cumprir na ação os desígnios de verdade, igualdade e dignidade. De igual modo, Maria de Lourdes Pintasilgo defende que se devem regular os sistemas que, até agora, não têm conhecido limites.

*O primado do humano sobre o instrumental económico conduz necessariamente a repensar todo o conjunto das actividades consideradas «económicas» à luz do critério fundamental que é a utilidade social do empreendimento. Que significa tal afirmação? Significa que a produção de bens, a criação de riqueza, ficam subordinadas à interrogação crítica: é ou não útil aos homens?»<sup>59</sup>*

A lógica progressista deveria passar a obedecer a restrições advindas de uma definição prévia de valores e de finalidades que só o pensamento ético permite. São marcas desta defesa da regulação<sup>60</sup> as questões orientadoras que todo o sistema governativo deve formular antes de uma qualquer decisão: «para que serve?» e «a quem serve?».

*Inseridos simultaneamente em sistemas de produção e de consumo, de ensino e de aprendizagem, de concepção e de execução, sabemos que toda a actividade que realizamos é marcada por uma orientação política.*

*Por isso pairam, inevitavelmente, sobre cada actividade as questões: «para que serve? A quem serve?».<sup>61</sup>*

---

59 PINTASILGO, Maria de Lourdes (1980) "Uma economia ao serviço do Homem", in *MV*, nº 28, *op. cit.*, p. 2.

60 A defesa da regulação da ação humana aparece no pensamento de Maria de Lourdes Pintasilgo por volta da década de oitenta, mas é na década de noventa que ganha consistência. É também nessa altura que a influência do pensamento filosófico, sobretudo da ética, ganha maior relevância e onde se denota maior influência do pensamento de Jonas.

61 PINTASILGO, Maria de Lourdes (1983) "Agir localmente, pensar globalmente", in *MV*, nº 44, *op. cit.*, p. 4.

Para Jonas e Pintasilgo, a denunciada e receada ambivalência da ciência e da tecnologia justifica a regulação da ação humana, uma vez que nenhuma ação é neutra. É neste contexto de defesa do julgamento da ação pelo espírito que Pintasilgo defendeu a ética como meio capaz de regular os ímpetos tecnocientíficos. Assim, a ação governativa jamais poderá ser eficazmente exercida sem o cunho crítico da ética. A sua definição de valores e finalidades deve orientar a elaboração de estratégias de ação.

Significa, pois, que deve haver uma supervisão da ciência e da tecnologia e, se necessário, impor-lhes limites. Para Jonas, a regulação é mesmo um dos requisitos da nova ética. Para ele, a responsabilidade exerce-se definindo o desejável e controlando o querer imediato, que pode não ser compatível, nas suas consequências, com o desejável.

Esta posição acerca da regulação da ação pode gerar controvérsia, na medida em que pode ser entendida como uma limitação à liberdade. E mesmo sob o pretexto do cumprimento de uma finalidade desejável, não se torna numa ameaça à liberdade? Quem deve ter a autoridade para decidir as ações a limitar ou banir? É, pois, possível que a limitação da ação possa espoletar reações indesejáveis de repúdio e revolta<sup>62</sup>. Pintasilgo tenta evitar este perigo com a defesa da educação das massas, à maneira de Paulo Freire. Escreveu ela que «a educação é o caminho para pensar, para compreender»<sup>63</sup> e que, portanto, ela deverá possibilitar o movimento de «conscientização»<sup>64</sup>.

---

62 Sobre esta problemática, a filósofa espanhola Adela Cortina defende que a ética não deve ser entendida como um “travão” à investigação, mas como uma forma de exercer a precaução necessária. Percorrendo os princípios éticos de Kant da dignidade humana e de Jonas da precaução, passando pelas éticas do discurso, Cortina argumenta sobre o papel fundamental da ética na investigação das ciências da vida. Eis as suas palavras: «Quando se fala de ética relativamente à investigação nas ciências da vida, normalmente entende-se que tem como tarefa pôr-lhe limites, o que suscita a sensação de que a ética é um travão, um obstáculo ao avanço, ao invés de uma aliada, em vez de ser um impulso para o progresso da atividade investigativa. (...) Claro que “não se deve tudo o que se pode”, mas a ética não é um catálogo de proibições. Não se resume a uma relação de obrigações negativas, nem sequer é uma relação de obrigações. A ética é um impulso para tudo o que capacite os seres humanos, é o saber sobre o que nos torna mais justos e mais felizes, o que não é pouco. (CORTINA, Adela (2006) “Ética e investigación en las ciencias de la vida”, in AAVV (2007) *Ética e investigação nas ciências da vida. Actas do 10º Seminário do CNECV*, Lisboa, Coleção Bioética, 11, Conselho Nacional de Ética para as Ciências da Vida, pp. 33 e 34).

63 PINTASILGO, Maria de Lourdes: *PD, op. cit.*, p. 182.

64 Relembra-se que o conceito de «conscientização» provém de Paulo Freire. Sobre este processo, explicou Freire como pretendia que mudasse as pessoas: «Auto-reflexão que as [às pessoas] levará ao aprofundamento consequente de sua tomada de consciência e de que resultará sua inserção na História, não mais como espectadoras, mas como figurantes e autoras». (FREIRE, Paulo: *Educação como Prática da Liberdade, op. cit.*, p. 36).

*Simplesmente a marginalidade não se converte, de repente, numa força de transformação. É preciso passar pela conscientização, isto é, pela leitura penosa da própria situação, pelo seu caldeamento com as leituras de outras vidas, pela descoberta dos seus porquês e pela movimentação coletiva para uma ação.*<sup>65</sup>

Se os cidadãos estiverem conscientes dos desafios e perigos, dos possíveis ganhos e perdas, a regulação da ação não será sentida como limitação da liberdade, mas como prudência e conseqüente garantia e preservação do futuro. Para que este trabalho se efetive, é necessário questionamento e análise, o que implica espaço e tempo para o pensamento e para a escuta de quem pensa. O lugar da filosofia na vida prática e na organização social encontra, aqui, uma defesa inequívoca.

A tarefa de pensar a vida política e social não se afigura fácil. A inevitável possibilidade de escolha, inerente à condição humana de ser livre, obriga a uma consciência reflexiva e coloca a obrigação da escolha como um exercício de responsabilidade. A vida faz um apelo constante à decisão e à ação e, para Pintasilgo, agir é sempre preferível ao seu contrário. Por isso, criticou duramente o conformismo e a ignorância. Para ela, não há palavra proferida, nem decisão tomada, que não exijam a sua concretização através da ação. Esta consideração de Maria de Lourdes Pintasilgo sobre a ação tem, para além de outras influências, a da filósofa Hannah Arendt, na sua definição de *vita activa*. Para Arendt, a ação é a atividade que os seres humanos exercem sem a mediação das coisas ou da matéria, um pensamento que elabora, que realiza. Para Pintasilgo, palavra e ação, o mesmo é dizer pensamento e ação, confundem-se, não sendo possível conceber um sem o outro. Assim, as escolhas e as decisões têm um papel fundamental na definição da ação futura e esta é delimitadora da vida de cada um e de todos, enquanto sociedade, com repercussões no futuro. A este propósito, escreveu ela estas belíssimas palavras:

*Posso ler a vida como uma sucessão de acasos. Mas posso vivê-la como escolhas que me obrigaram à ousadia de as tomar no momento certo. Em etapas decisivas da vida olhar para trás e ler o que aí fomos escrevendo. Naquela bifurcação, escolher a decisão que se revela com a evidência das coisas simples.*

*Em etapas decisivas da vida, é necessário olhar para trás, fugir à tentação da repetição e inaugurar o nosso próprio caminho. A decisão impõe-se então ao acaso.*<sup>66</sup>

---

65 PT/FCF/CDP/MLP - 0044.025, "A mulher como sujeito da história", Lisboa?, 1973, 24 fls., p. 22.

66 PINTASILGO, Maria de Lourdes: *PD*, *op. cit.*, p. 34.

A questão “para onde caminhamos?”, repetida tantas vezes quantas a necessidade de definir o futuro, incita as sociedades a reverem os princípios e as finalidades que orientam as suas ações. E mesmo que cada ação político-social leve consigo as marcas da dúvida e da incerteza, os seres humanos devem a si próprios, enquanto grupo organizado e responsável pelo bem comum, o questionamento sobre o que decidir e como agir para viver melhor e mais justamente. Foi isto que interessou a Maria de Lourdes Pintasilgo durante toda a sua vida. Nesta tarefa, a ética assume o papel preponderante e este é um dos pontos mais interessantes do seu pensamento. Aliás, é minha convicção que o fascínio de uma leitura filosófica do pensamento de Maria de Lourdes Pintasilgo reside, exatamente, em compreender a complementaridade que estabeleceu entre o pensamento e a ação, tornando a filosofia num saber prático, fundamental na vivência quotidiana em sociedade. Interessou-lhe a aliança entre uma mente desperta e crítica e a vontade de agir, plenamente convicta de que a vida se cumpre na ação refletida.



## CAPÍTULO II

# A emergência de um novo paradigma como condição para uma governação ético-política

A proposta de mudança de paradigma constitui a resposta de Maria de Lourdes Pintasilgo a um mundo profundamente mudado e que denuncia potenciais riscos para a manutenção da vida tal como a conhecemos. Apoiando-se no saber de vários pensadores, como tanto defendia ser fundamental para a crítica e decisão responsáveis, Pintasilgo denuncia o tempo em que vive como o tempo da vergonha, denunciando o mal-estar associado.

Como o pensamento de Pintasilgo é de esperança, as suas denúncias servem-lhe de base para fundamentar as suas propostas. Tal é o seguimento deste segundo capítulo que finaliza com a proposta do paradigma de qualidade de vida.

---

### 1. O tempo da vergonha

---

Assumindo uma atitude crítico-interventiva, Maria de Lourdes Pintasilgo denuncia um mal-estar generalizado nas sociedades do século XX: as democracias representativas que estão esgotadas; os ditames da economia que controlam os seres humanos; os movimentos da ciência e da tecnologia, “alimentados” pelas suas próprias descobertas e cujos resultados nem sempre são benéficos. Maria de Lourdes Pintasilgo anuncia este mal-estar camuflado pelos ímpetus consumistas e pelo mito do eterno progresso, formas de pensar e de estar que se instalaram, sobretudo, nas sociedades do Hemisfério Norte.

*Vivemos numa sociedade em que se multiplicam as necessidades artificiais para alimentar o consumo de bens também artificiais. É um círculo vicioso de que dificilmente se consegue sair. No fundo, o que está em causa é a própria ideologia da industrialização – a crença na universalidade da ciência e da tecnologia – que o Hemisfério Norte tenta impor ao Hemisfério Sul.*<sup>67</sup>

A denúncia deste tipo de sociedade foi tema de análise para vários pensadores, entre eles Gilles Lipovetsky. Aliás, Maria de Lourdes Pintasilgo foi sua leitora, referindo o filósofo francês em alguns dos seus textos. Dele refere especialmente a ideia de «altruísmo indolor»<sup>68</sup>, atendendo a um interesse pelos problemas e necessidades humanas muito pouco enraizado no sentimento. Trata-se de um altruísmo sem dor, uma vida sem afeto pelo Outro. Ao «altruísmo indolor» de Lipovetsky, Pintasilgo associa a noção de «cegueira social» que resulta, sobretudo, de uma ignorância voluntária sobre os problemas dos outros. Pintasilgo é perentória em afirmar que um dos grandes defeitos é a falta de atenção, justificada frequentemente com a desculpa do “eu não sabia”, muitas vezes usada pelos governantes<sup>69</sup>. Esta é uma problemática central em Pintasilgo e ponto de partida para a sua defesa da compaixão e ligação ao outro.

Maria de Lourdes Pintasilgo traça a sua teoria político-social com base nesta denúncia crítica das sociedades do Hemisfério Norte, sobretudo na segunda metade do século XX. Essa denúncia atinge o ponto mais alto quando ela denomina o tempo em que vive, e profundamente analisa, como o tempo da vergonha.

---

67 PINTASILGO, Maria de Lourdes (1980) *Sulcos do nosso querer comum*, Porto, Edições Afrontamento, p. 118.

68 Livro constante da biblioteca pessoal de Maria de Lourdes Pintasilgo, *o Crepúsculo do Dever* de Gilles Lipovetsky contempla a noção de «altruísmo indolor». O filósofo aborda o conceito especificamente no capítulo IV: “as metamorfoses da virtude”, expondo a desilusão que reina nas sociedades contemporâneas quanto à moral. Escreveu Lipovetsky: «Quando, de todos os lados, se verifica a escalada da angústia da degenerescência moral, a nossa época já não tem fé no imperativo de viver para o outro, no ideal preponderante do próximo». A constatação do filósofo perante os números que apresenta é acompanhada da confessada desilusão de que «o imperativo altruísta perdeu a sua força de obrigação moral.» (LIPOVETSKY, Gilles (1992) *Le Crépuscule du Devoir*, tradução portuguesa de Fátima Gaspar e Carlos Gaspar: *O Crepúsculo do Dever*, Alfragide, Publicações Dom Quixote, 4ª edição, 2010, p. 150).

69 A expressão “eu não sabia” foi usada por Maria de Lourdes Pintasilgo como mostra da ignorância voluntária a que muitos cidadãos se sujeitam e cujo perigo maior reside naqueles a quem se deve o exercício do poder político. No livro *Palavras Dadas*, escreveu: «A ignorância (“eu não sabia...”) permanece uma desculpa do exercício frouxo e não elaborado do poder.» (PINTASILGO, Maria de Lourdes: *PD, op. cit.*, p. 285). No mesmo texto, Pintasilgo defende que a ignorância deve ser sempre reconhecida e corrigida.

*Como não sentir este tempo como o “tempo da vergonha”? Tanto progresso, tanta conquista da ciência, tão grande aumento da riqueza mundial e tanta perturbação em todos os sistemas de suporte de vida. (...)*

*“Tempo da vergonha”, este. Vergonha da incapacidade de pormos em prática tantas resoluções, declarações, convenções originadas no sistema das Nações Unidas. (...) Vergonha por serem tão claros os números, a vergonha de não termos vergonha. Uma vergonha que deve ter um fim. É preciso que termine. O fim não depende de nenhuma entidade fora de nós. É aqui, no mundo, com os instrumentos do mundo, que é preciso proclamar a urgência desse fim.<sup>70</sup>*

«Este é o tempo da vergonha»: as suas palavras são duras. Trata-se de uma denúncia sentida por Pintasilgo como perplexidade e problema: como é possível que o desenvolvimento científico, técnico e económico de algumas nações se coadune com a falta de comida, água potável e cuidados de saúde de outras nações? A sua indignação é pelo não aproveitamento dos meios já inventados e ao dispor dos seres humanos para colmatar as necessidades dos muitos milhões de pessoas que estão na pobreza. É o problema do uso da ciência e da técnica para o bem-estar dos seres humanos e da distribuição da riqueza, entendida como capacidade económica e do conhecimento, património que ela considera universal. Perante este contexto de efetivas desigualdades entre os seres humanos, considera Pintasilgo que não podemos afirmar que somos social e culturalmente evoluídos. Diante da injustiça que constitui a desigualdade no acesso aos bens essenciais, há questões que surgem e assolam todos aqueles que a ela são sensíveis. Destaco algumas:

- Num mundo que já teve, na sua história, o momento de considerar e objetivar a dignidade da pessoa humana para todo e qualquer indivíduo, escrevendo a *Declaração Universal dos Direitos Humanos*, como tolerar a existência de desigualdade de oportunidades e de tratamento entre os seres humanos? – O problema do cumprimento do previamente acordado e estipulado (a exigência de adequação da ação à palavra);
- Como permitir que uns tenham em excesso e a outros falte o mais básico para viver? – O problema da distribuição da riqueza que é, no fundo, o de um mundo que é global mas não o é efetivamente, porque não é igualitário;

---

70 PINTASILGO, Maria de Lourdes: *PD, op. cit.*, p. 87 e 88.

- Como vive a consciência sabendo que uns vivem e outros sobrevivem? – O problema da igualdade de oportunidades e do sentimento da responsabilidade que deve unir os indivíduos;
- Como permitir, e nalguns casos resignar-se, à continuidade deste estado de coisas? – O problema do conformismo e da inação, entaves à mudança.

Estas questões, que ajudam a explicar a vergonha de que Maria de Lourdes Pintasilgo nos falou, apontam para o seu duplo sentido: pela situação e pela perpetuação da situação. Doseu ponto de vista, a pobreza é a vergonha de qualquer sociedade e o ponto mais crítico da demissão de responsabilidade de um Estado para com o seu povo, vergonha que não se restringe aos limites de uma nação. Num mundo globalizado, os problemas são globais e, conseqüentemente, assoluções devem ser globais. Nesse contexto, Pintasilgo utiliza a expressão «internacionalização da vida humana»<sup>71</sup> para evidenciar exatamente esta responsabilidade a nível global. Neste contexto, os problemas de qualquer nação devem constituir-se como um problema de todas as nações. Significa, pois, que é como humanidade que devemos pensar e agir e é por ela que o devemos fazer. Pintasilgo vai ainda mais longe ao afirmar que o flagelo da pobreza se constitui como uma violação dos direitos humanos, defendendo que tal estado resulta da impossibilidade de acesso a mínimos de sobrevivência e chegando a enunciar, por diversas vezes, quais os mínimos que devem ser garantidos para todos: alimentação, habitação, educação e cuidados de saúde<sup>72</sup>. Eis como o expressou:

*Há condições de vida que são em si mesmo um risco, não escolhido, sofrido, ameaçador. Orisco de não ter que comer nem com que alimentar os filhos e os idosos. Orisco de não ter nem habitação nem condições sanitárias mínimas e estar assim sujeito a condições de saúde inaceitáveis. Orisco de ficar indefinidamente à margem do processo de educação e de não ter a possibilidade de intervir na evolução da vida social.*<sup>73</sup>

---

71 Num dos seus textos, Pintasilgo expressa muito bem o sentido desta expressão ao escrever: «A primeira nota que decorre imediatamente da internacionalização da vida humana é a da pequenez do mundo. Mundo sem fronteiras, mundo sem distâncias, cada vez mais mundo sem segredos, tal é a primeira realidade com que nos deparamos». (PT/FCF/CDP/MLP – 0012.018, “A Igreja e o problema africano”, s.l.,1958, 12 fls., p. 1).

72 A definição de mínimos, em oposição à identificação de máximos, é a proposta da ética da justiça, dado que propõe mínimos axiológicos e normativos como princípios de convivência justa, porque igualitária, numa sociedade pluralista.

73 PINTASILGO, Maria de Lourdes: PD, *op. cit.*, p. 61.

No entender de Maria de Lourdes Pintasilgo, o acesso aos mínimos constitui a base para os dois fatores cruciais na autodeterminação do indivíduo: a autossuficiência e a independência. Quer para o indivíduo, na sua vida, quer para o povo, na sua dinâmica de grupo organizado, significa poder criar, trabalhar, decidir, agir. Trata-se de garantir a capacidade de construir a vida, definindo o futuro. Maria de Lourdes Pintasilgo resumiu esta cadeia de ideias da seguinte forma:

*Uma economia ao serviço do Homem está intimamente associada ao conceito de auto-suficiência individual e colectiva. (Por auto-suficiência entendo o direito de cada um dominar a sua própria existência e o direito de cada nação se determinar a si própria). (...)*

*Ser autossuficiente não é só, nem necessariamente, cada um bastar-se a si próprio. É antes, e sobretudo, cada um ser plenamente pessoa: pessoa que produz, mas que também convive; pessoa que consome, mas que também cria; pessoa que trabalha, mas que também contempla.*

*Para tal, exige-se uma subversão corajosa de valores, de modo a que o ciclo da produção/acumulação/consumo seja definitivamente quebrado. Se é a economia que serve o homem e não vice-versa, todos os cidadãos terão que assumir-se como eixo vital do sistema social em que se movem.<sup>74</sup>*

O «tempo da vergonha» é também o tempo da “queda” de alguns mitos: por um lado, a certeza de estar a seguir o rumo correto e, por outro, a convicção de que o caminho se faz no sentido ascendente (do bom, do melhor, do perfeito). Estas são crenças que, para Pintasilgo, precisam ser desfeitas, pois a realidade não as corrobora. É necessário enfrentarmo-nos à evidência de que não há destino, não há linearidade, não há continuidade nem unicamente decisões que conduzam ao melhoramento da vida. A vida é progresso e dúvida, seguimento e abrandamento e, nalguns momentos, rutura, à maneira da análise do desenvolvimento científico que fez o filósofo Thomas Kuhn e que Maria de Lourdes Pintasilgo adotou. O desenvolvimento, conceito que indica esse caminhar no sentido ascendente, já não traduz a realidade das vidas humanas no planeta no final do século XX. Algo escapa a essa engrenagem: escapa-lhe o humano.

---

74 PINTASILGO, Maria de Lourdes (1980) “Uma economia ao serviço do Homem”, in MV nº 28, *op. cit.*, p. 4.

---

## 2. A existência e interpelação do Outro

---

Em sociedade, a existência de uma “voz” não “ouvida” constitui-se como falta de consideração do Outro, da sua presentificação perante o Eu, comparência que interpela e obriga a ser-com-ele. Trata-se da inevitável relação Eu-Tu, instaurada como natural modo de ser pessoa, patenteando a influência do pensamento filosófico em Pintasilgo, não apenas pela herança de Heidegger, como veremos mais adiante, mas também de Martin Buber e Emmanuel Levinas, cuja importância do face-a-face está presente quando Pintasilgo escreve: «O outro só se constitui na alteridade quando é olhado face a face. E é esse mesmo movimento que nos constitui ao nível do ser»<sup>75</sup>. A marca de Heidegger, Buber e Levinas faz-se notar na defesa de Pintasilgo de uma intersubjetividade constitutiva do ser humano. Para ela, não pode haver sentido de humanismo se não se considerar o Outro como correlato de uma alteridade fundamental: somos uns com os outros e é nessa relação que a pessoa se constrói.

*O “eu” é a consciência do sujeito, é o progressivo caminho para um centro sem o qual a existência não tem consistência, é a unidade de uma história, projecto e devir. O eu-com-os-outros vai mais além – é a inequívoca dimensão de uma relação que não é escolhida mas um dado da própria vida. Essa relação situa-se no mundo, na articulação com as suas múltiplas coordenadas.*<sup>76</sup>

O Outro “está aí” e a sua presença funda a alteridade enquanto forma específica de ser pessoa<sup>77</sup>. E é exatamente a inevitabilidade de ser em relação com os outros que exige a ética. Em consequência, a existência de “vozes não escutadas” é sinal de uma falha ética. Se excluimos uma pessoa, excluimos o Outro como correlato da relação ética.

---

75 PINTASILGO, Maria de Lourdes: *PD, op. cit.*, p. 208.

76 PT/FCF/CDP/MLP - 0197.014, “Relações entre a espiritualidade e a acção das fundações - terceiro setor, na perspectiva do homem como ser social”, Porto Alegre, 2001, 14 fls., p. 3.

77 No pensamento de Levinas, a presença do Outro é marcada e vivida pelo Eu na confrontação com a expressão do seu rosto. Para o filósofo, a «epifania do rosto» abre a humanidade e a sua expressão é a revelação do Outro. A relação estabelece-se com a comunicação possibilitada pela linguagem. Contudo, esta relação não significa uma fusão entre o Eu e o Outro. Antes pelo contrário: a relação marca exatamente a separação dos dois elementos, tornando o Outro como transcendente: o infinito.

Maria de Lourdes Pintasilgo revelou-se curiosa entendedora da filosofia heideggeriana ao expressar que o cuidado<sup>78</sup> é o ser do ser humano. Foi neste mesmo sentido que Pintasilgo usou o cuidado na sua teorização: ele é a característica própria do ser humano, articulação estrutural que faz do ser humano o que ele é e, portanto, constitui-se como a sua forma originária de ser. Por isso, o cuidado é a ligação do ser humano a tudo quanto o rodeia no mundo, possibilitando uma relação de significatividade com os demais existentes.

A análise feita ao pensamento de Maria de Lourdes Pintasilgo permitiu concluir que o cuidado que defende assenta em três pressupostos:

1. A vulnerabilidade do ser humano;
2. O ser humano sendo, essencialmente, um ser relacional;
3. O cuidado como essência do ser humano.

No primeiro ponto – a vulnerabilidade do ser humano – Pintasilgo evidenciou a pertença do ser humano à natureza. Um ser natural é um ser frágil, vulnerável, imperfeito e finito. Neste contexto, o cuidado é a forma necessária de acautelar as fragilidades inerentes à condição humana.

*Enquanto a ética da justiça constrói todo o edifício sobre o ser humano como sede de direitos, a ética do cuidado toma em linha de conta a posição eminentemente realista de que o ser humano é também um ser de vulnerabilidades que, em numerosas situações, o impedem de se erguer para defender os seus direitos.*<sup>79</sup>

No segundo ponto – o ser humano como ser relacional – temos explícita a condição essencial do ser humano de ser-com-os-outros-no-mundo. A sua maneira de ser-no-mundo é ser-com-os-outros, ou seja, uma existência relacional. Enquanto ser que busca a sua autodeterminação, o ser humano é relacional, porque só na

---

78 Fátima Grácio, que privou com Maria de Lourdes Pintasilgo durante muitos anos, testemunha a origem da noção de *cuidar* em Pintasilgo com as seguintes palavras: «Trabalhadora incansável das ideias, Maria de Lourdes Pintasilgo, definia o “cuidar” como uma expressão nova da linguagem política que traduz uma outra forma de olhar para os problemas que afectam a humanidade. Foi buscar a sustentação filosófica a Martin Heidegger, que define o ser humano como “un être de souci”, um-ser-que-cuida. Neste sentido, afirmava ela «que hoje “cuidar” é um conceito filosófico que se pode justapor à justiça». (GRÁCIO, Fátima (2005) “Fundação Cuidar o Futuro”, in HENRIQUES, Fernanda (org.): *Um legado de cidadania. Homenagem a Maria de Lourdes Pintasilgo*, op. cit., p. 163).

79 PINTASILGO, Maria de Lourdes (2000) “Cuidar o futuro”, in *NPC*, op. cit., p. 138.

convivência ele pode efetivamente ser. Características humanas em potência, como a bondade, o amor, a amizade, só se efetivam na relação com o Outro.

No terceiro ponto – o cuidado como essência do ser humano – Maria de Lourdes Pintasilgo adota, de forma assumida e indiscutível, a tese de Heidegger de que o ser humano é um ser de cuidado. Assim, Pintasilgo entende o cuidado como estrutura originária do ser humano. Significa, pois, que o cuidado não é uma prática aprendida, mas sim essência do humano ou, na linguagem do próprio Heidegger, marca do ser no humano. Não se trata do cuidado no sentido de um sentimentalismo. É, antes, uma sentida consideração do Outro como ser vivo, vulnerável, sensível e digno. Por tudo isto, e por sofrer consequências das ações, é objeto moral. O cuidado fundamenta a relação Eu-Tu como originária e que obriga à tomada de decisões ético-políticas. É pela vulnerabilidade e modo de ser/estar relacional que a ação humana deve ser guiada pela prática do cuidado.

Importa ter em conta o facto de Maria de Lourdes Pintasilgo ter colocado todos estes pressupostos como ontológicos. A vulnerabilidade, o cuidado e a convivencialidade não são, portanto, características adquiridas, mas sim condições próprias do ser humano. Para ela, o ser humano é um ser natural cuja essência é o cuidado e a sua vida é cumprida na relação com os outros, ou seja, no seio da sociedade, criando formas de tornar estas condições em sentida qualidade de vida<sup>80</sup>.

As lógicas de descoberta → invenção → produção → consumo e da pessoa ao serviço da economia relegaram o afeto para segundo plano. Aliás, a defesa do afeto e do sentimento é, arrisco-me a afirmá-lo, a “revolução” mais importante de todo o pensamento de Maria de Lourdes Pintasilgo. Para ela, o afeto assume um lugar de suma importância, senão vejamos:

- A ausência de afeto é a causa do mal-estar que denuncia, identificada através de expressões como «altruísmo indolor» (adotada do filósofo francês Gilles Lipovetsky) e «cegueira social»;

---

80 Importa, aqui, referir que a ética do cuidado pretende assumir-se como uma “outra forma” de pensar a vida e o futuro, paralela à tradição do pensamento ético virado para uma ética da justiça. A diferença que a ética do cuidado quer fundar no pensamento ético é apresentada por Maria Luísa Ribeiro Ferreira de uma forma muito clara, quando escreve: «As grandes linhas da ética ocidental, quer nas morais de tipo teleológico nas quais se procura a felicidade e a realização próprias, quer nas de cariz deontológico que se constroem em função do dever, consideram sempre a justiça como valor ético fundante, e nela destacaram a imparcialidade, a universalidade, a abstracção. (...) Contrastantemente, as éticas do cuidado com grande impacto no chamado feminismo cultural, dão um particular destaque às relações concretas, aos compromissos para com os indivíduos singulares, aos afectos, aos contextos, às histórias de vida, considerando-os possuidores de virtualidades éticas.» (FERREIRA, Maria Luísa Ribeiro (2003) “As teias dos afectos”, in *As Teias que as Mulheres Tecem*, Lisboa, Edições Colibri, pp. 161-174, p.172).

- A “viragem” para o humano que fundamenta a necessidade de «mudar a vida» tem como base o afeto, enquanto elo que possibilita a compaixão e a cumplicidade entre os humanos;
- O “dar voz” e escutar só é possível porque o afeto leva à atenção ao Outro;
- A mudança só é possível porque o afeto permite que cada pessoa sinta os problemas e, dessa forma, se comprometa na ação.

No entender de Pintasilgo, foi a falta de afeto que conduziu as sociedades científico-tecnológicas à situação de insatisfação e é ele a esperança de que algo pode ser feito para mudar a vida. Para ela, só o afeto abre o Outro ao Eu, ligando os humanos entre si. Ele possibilita relações de igual para igual e predispõe o ser humano à escuta, compreensão e comprometimento (deixando-se afetar), mobilizando-se para a ação.

É importante notar como o afeto atravessa todo o pensamento de Maria de Lourdes Pintasilgo, desde o seu início. Ele aparece, sobretudo, sob a influência da fé cristã: o afeto é amor e compaixão pelo outro. Qualquer um destes conceitos (amor e compaixão) aparece, em Pintasilgo, no contexto da procura de união afetiva e efetiva entre os indivíduos. O conceito de «amor» está presente nos seus textos desde o início até à década de setenta. Depois, deixa de aparecer com tanta frequência, à medida que ganha preponderância o conceito de «cuidado», que se manterá até aos seus últimos textos, ganhando notoriedade e profundidade cada vez maiores. Denotar que a importância do conceito de cuidado cresceu a par do desenvolvimento do seu pensamento ético, a partir da década de oitenta e teve o seu auge entre os anos 2000 e 2004. Nos textos destes anos, a referência ao pensamento filosófico é maior, notando-se, inclusivamente, diferença ao nível da sua argumentação. Significa que Maria de Lourdes Pintasilgo não abandonou os valores cristãos enquanto fundamento do seu pensamento sobre o humano, mas deixou a filosofia “ganhar terreno” à medida que amadurecia na vida e no pensamento<sup>81</sup>. O seu pensamento foi-se adensando, não chegando, apesar de tudo, a ser sistemático, coisa de que a própria

---

81 Numa entrevista que concedeu a Anabela Mota Ribeiro, Maria de Lourdes Pintasilgo refere ambas as influências e como passou da fé para a Filosofia, ainda que nunca tendo abandonado a primeira. Na entrevista, Pintasilgo assume essa passagem quando afirma: «Primeiro tive, como toda a gente, na adolescência, a ilusão de que era preciso fazer um estudo racional de tudo, inclusive da fé. Li os romances paradigmáticos que demonstravam, por absurdo, que não era possível chegar a Deus. Obviamente devorei Dostoiévski na sua procura de Deus, quer nas coisas que Aliocha diz nos «Irmãos Karamazov», quer naqueles que são tomados por outras ideias e valores. Depois, passei aos filósofos» (PINTASILGO, Maria de Lourdes (2004) Entrevista a Anabela Mota Ribeiro, *Suplemento do Diário de Notícias*, publicada postumamente, disponível on-line: <http://anabelamotaribeiro.pt/31563.html>, última consulta em 05/11/2017).

se arrepende<sup>82</sup>. Contudo, a utilização de conceitos de pensadores e pensadoras como bases teóricas das suas próprias ideias foi notável. Com cada um/a Maria de Lourdes Pintasilgo pensou a conceção do afeto como constituinte do ser humano e fundador do ser-com-os-outros, relação inevitável que apela à responsabilidade.

*Pensar o Outro. E não passamos nós a vida a pensar o Outro? Que significa? Que possibilidades abre esse pensar o Outro? Pensar o outro vem da capacidade de pensar enquanto dimensão do ser. É a totalidade que emerge, que se exprime, que se reproduz, que cria cultura, que se estrutura. Onde estariam Leonardo ou Picasso, Mozart ou Schönberger, Nijinski ou Pina Baush se não tivessem nascido numa comunidade em que todos os seres estão ligados ônticamente uns aos outros? É essa pertença que funda os humanos na sua humanidade.*<sup>83</sup>

---

### 3. A necessidade e a ousadia de mudar a vida

---

«Mudar a vida» é o lema que é missão e que Maria de Lourdes Pintasilgo definiu para as sociedades da era tecnocientífica de finais do século XX, início do século XXI. Trata-se do apelo à ação consciente, fruto de uma escolha ponderada e assumida porque, como afirmou, «a vida não tem lugar para espectadores»<sup>84</sup>.

É com a consciência das desigualdades que imperam entre os seres humanos que Maria de Lourdes Pintasilgo utiliza, repetidamente, palavras de apelo à mudança. Mudar a vida é o imperativo que, na sua opinião, cada vez mais se impõe.

---

82 No texto dedicado a José Portela, publicado no livro *Palavras Dadas*, Maria de Lourdes Pintasilgo confessa a sua tristeza por não ter sistematizado o seu pensamento. Escreveu na terceira pessoa, mas referindo-se a si própria: «Viveu sempre com a pena de não ter podido registar momentos que foram decisivos na evolução do seu pensamento e na compreensão das formas diversas que ele assumia. (...) Foi com um sentimento de frustração que foi encontrando textos de conferências, notas esparsas, esboços de livros que desejava publicar. Faltou a dimensão pessoal de *cuidar o futuro*, por isso, hoje tenta escrever.» (PINTASILGO, Maria de Lourdes: *PD, op. cit.*, p. 199).

83 PINTASILGO, Maria de Lourdes: *PD, op. cit.*, p. 96.

84 PINTASILGO, Maria de Lourdes: *PD, op. cit.*, p. 20.

*A grande empresa é mudar a vida. Mudar as estruturas mudando-nos. Mudar o olhar que pomos nas coisas e com ele fazer renascer novas possibilidades de relação, de acção, de organização.*<sup>85</sup>

A defesa de uma mudança urgente é sustentada pelas evidências do final do século XX que Pintasilgo identificou:

- O progresso não é ilimitado;
- A natureza não é totalmente regenerável;
- Os alcances da ação humana são globais e intemporais.

Neste apelo, usa uma expressão cujo sentido é o de uma revolução de fundo, uma revolução estrutural a partir das bases. Trata-se da expressão «re-vo-lu-ção fun-da-do-ra», que aparece destacada nos seus textos: «digo para mim mil vezes, escuto-me a dizer aos outros estas palavras “re-vo-lu-ção fun-da-do-ra”»<sup>86</sup>. Esta mudança é uma revolução porque pretende ir ao âmago das estruturas e das mentalidades para fundar uma nova forma de convivência social que só se pode cumprir com a mudança de paradigma<sup>87</sup>.

A convicção da necessidade de mudança é, para Pintasilgo, total e dotada de uma enorme força que se percebe quando escreveu, por exemplo, que «é preciso arrancar e demolir e depois construir e plantar»<sup>88</sup>. Mas mudar não é rápido porque não é fácil e não o é porque há barreiras, como o conformismo e o consenso. O conformismo, refere, é talvez a barreira mais notória e que se faz sentir, de uma forma muito geral, no povo. Conformar-se, resignar-se e, conseqüentemente, não agir são formas de estar que denotam um forte apego à segurança. Para Pintasilgo, apenas ultrapassando esta ideia de conformismo como garante de segurança se poderá ousar e empreender a mudança. Já o consenso é, desde há muito, a barreira institucionalizada e aceite em vários domínios da vida social e política, como já vimos. No mundo global que internacionalizou a vida humana, o consenso é tido como facilitador do entendimento entre os indivíduos. A ele recorrem instituições locais, regionais e mundiais, tornando-se na

---

85 PINTASILGO, Maria de Lourdes (1978) “A única mudança real”, in *MV*, nº 1, *op. cit.*, p. 2.

86 PT/FCF/CDP/MLP - 0076.008, [sem título], s.l., 13 maio 1975, 4 fls., p. 3.

87 A propósito da mudança de paradigma Maria de Lourdes Pintasilgo menciona o filósofo Thomas Kuhn quando escreveu: «O pensamento de Thomas Kuhn, na sua reflexão constante sobre os paradigmas, torna claro que é preciso ir enriquecendo o que nos aparece como novo paradigma com as experiências da nossa própria existência.» (PINTASILGO, Maria de Lourdes: *PD*, *op. cit.*, p. 123).

88 PINTASILGO, Maria de Lourdes: *PD*, *op. cit.*, p. 186.

forma privilegiada de tomar decisões no seio dos mais variados grupos. Contudo, para Pintasilgo a sua ação não é tão benéfica como aparenta. Se, por um lado, o consenso permite a tomada de decisões necessárias que sem ele pareceriam impossíveis, uma vez que possibilita um entendimento na diversidade, por outro, essa função estabilizadora advém de uma uniformização que anula as “vozes” diferentes, muitas vezes “fracas”, por serem em menor número. Deste modo, o consenso anula as diferenças e estas constituem a diversidade da vida humana, expressa na multiplicidade de pontos de vista. Essa multiplicidade constitui a riqueza da sociedade, uma vez que elas abrem o indivíduo a outras perspetivas.

*Ora a história das ideias revela sem ambiguidade que as ideias se criam e transformam pelas margens do que é comumente aceite. Internamente a cada sociedade, a acomodação, é o caminho mais fácil. Acompanhada do lamento pelo que está mal. Mas raramente pelo assumir da posição que se põe em contraluz. O consenso estabiliza no adquirido. Nega a mudança. Impede-a. As coisas não melhoram na sociedade porque o consenso a esteriliza. A sociedade deixa de ser fecundada por ideias novas. (...)*

*O sistema uniformiza, harmoniza ou hegemoniza (eufemisticamente, como no caso da Comissão Europeia). O sistema dilui a diversidade. Toma-a como seu inimigo principal, não tolera a diferença, a originalidade.<sup>89</sup>*

### 3.1. A teoria das brechas

Uma das conceções mais curiosas de Maria de Lourdes Pintasilgo é a sua teoria das brechas. Sabemos que uma brecha é uma fenda, uma abertura por onde é possível fazer entrar algo. Numa porta ou janela, permite que o ar da rua entre, renovando o existente no habitáculo. E renovar, quer seja o ar, quer seja uma instituição, significa refrescar, atualizar, na medida em que se deixa “entrar” o novo. Para Pintasilgo, uma brecha é uma possibilidade de intervenção. Para ela, todas as fissuras existentes nas instituições políticas e sociais são mostras de uma abertura que advém de uma “matéria” que não está “coesa”, denunciando, por um lado, a falta de algo e, por outro, a possibilidade de fazer entrar algo novo. Constituindo aberturas à mudança, as brechas possibilitam a entrada na estrutura, permitindo alterá-la no seu âmago e não apenas na superfície.

---

89 PINTASILGO, Maria de Lourdes: *PD, op. cit.*, p. 203.

*As brechas não são necessariamente defeito da construção dos objectos ou das sociedades – que, então, a nossa acção acorreria, generosa, a colmatar. As brechas são estruturais, características de todos os sistemas. São um vazio na uniformidade das estruturas mentais e materiais. Paradoxalmente, é nesse vazio que é possível rasgar ainda mais as brechas, entrar nelas e eventualmente transformar, por dentro, as estruturas. (...) Mais do que numa estrutura estática, as brechas requerem estudo, determinação e uma grande capacidade imaginativa. Só são encontradas por quem quer pensar. (...) Encontrar a brecha é sempre essencialmente a descoberta do “ponto de entrada”.<sup>90</sup>*

A defesa de Pintasilgo é clara: é preciso analisar para descobrir as brechas, ousar e arriscar para entrar por elas. Temos, portanto, uma “fórmula” para iniciar a mudança: arriscar-se a entrar pelas brechas. O risco é a atitude que Pintasilgo quis contrapor à postura de apatia e inação, próprias do conformismo. É o risco da realização da acção, de fazer «agir a palavra», como ela mesma escreveu – a defesa de que o prometido deve ser cumprido, através da efetivação da acção. Dizer é arriscar, agir é arriscar. Viver supõe a comunicação pela palavra e a mudança pela acção.

*O risco está ligado indelevelmente à palavra e à acção. Dizer a palavra é um risco. Realizar a acção é um risco. Que fazer então, se não quisermos cruzar os braços por sentirmos que essa responsabilidade do risco nos é demasiado pesada? Qualquer que seja a palavra dita, onde quer que chegue, ela passa a ser um dado, um facto. Nada a pode apagar. Mas como é estruturante de cada pessoa, é imperativa e, eticamente, precede-nos. (...) Não é a palavra no entanto algo que se baste a si própria. Ela postula a acção. E aí o risco é diferente. A acção tem a sua própria autonomia e, ao ser realizada, objectiva-se.<sup>91</sup>*

---

90 PINTASILGO, Maria de Lourdes: *PD, op. cit.*, pp. 74 e 75.

91 PINTASILGO, Maria de Lourdes: *PD, op. cit.*, pp. 61 e 62.

---

## 4. A utopia é o sonho que anima a ação

---

Em relação à mudança que Pintasilgo defendeu, há que fazer uma importante ressalva: ela não defendia a mudança apenas pela mudança. Para ela, a mudança deve ser realizada quando inserida num horizonte de valores e ideias previamente traçado. Muitas vezes esse horizonte por ela defendido foi criticado como sendo a sua utopia. Durante a chefia do V Governo Constitucional de Portugal, Pintasilgo foi alvo dessa crítica. A utopia, comumente encarada como uma forma irreal de perspetivar o mundo e a vida a construir, não era encarada desta forma por Pintasilgo. Para ela, tudo o que concebia era realizável e, portanto, a utopia era um lugar ideal e possível, constituindo-se como o horizonte orientador da ação.

*Para muitos, utopia é um sonho sem lugar, é um desejo sempre insatisfeito. Para mim, imagino sempre que o lugar existe e que me estou aproximando dele.<sup>92</sup>*

A utopia é, pois, o sonho que anima a esperança, a vontade e a ação. É o horizonte onde estão definidas as finalidades das decisões e ações humanas. Ela funciona como meta da ação e, enquanto tal, é a sua força impulsionadora. É o “para quê” da ação, o seu sentido, fundamento e justificação. O modo como a noção de utopia mobilizou a forma de intervenção sociopolítica de Maria de Lourdes Pintasilgo permite-nos reportá-la, igualmente, à perspetiva kantiana da função reguladora das ideias da razão<sup>93</sup>. Na verdade, foi como tal que a utopia funcionou em Pintasilgo: um horizonte catalisador do agir. Maria de Lourdes Pintasilgo tinha uma pretensão: dotar cada pessoa da capacidade de sentir o desejo como uma possibilidade. No fundo, tentou fazer acreditar que a mudança só vale a pena se for para alcançar o que se deseja e para cumprir aquilo que se promete na palavra proferida.

Maria de Lourdes Pintasilgo arriscou muito ao usar o termo «utopia» e isso custou-lhe, muitas vezes, a falta de consideração séria das suas propostas e do seu pensamento. Poderia ter designado esta meta através de um outro conceito, como “finalidade” ou “objetivo último”, mas preferiu utilizar o termo «utopia». Certamente,

---

92 PINTASILGO, Maria de Lourdes: *PD, op. cit.*, p. 153.

93 A utopia era, para Maria de Lourdes Pintasilgo, comparável às ideias que o filósofo Immanuel Kant distinguiu como reguladoras da razão. Sem serem intuídas e, portanto, não sendo resultado de conhecimento, estas ideias existem na razão pura e regulam a ação humana. É exatamente por isto que para Kant a ética não é do domínio do empírico, mas do domínio da razão pura, da razão pura prática.

esta decisão não foi ao acaso. Arrisco-me a afirmar que, ao assumir a meta como utopia, Pintasilgo quis evidenciar que cabe ao ser humano não considerar nada como impossível, levando-o a anular qualquer ação por achar que não o conduzirá ao desejado. E quis mostrá-lo através da sua forma muito específica de se expressar: com uma forte convicção, querendo que todos e todas que a ouviam sentissem o seu entusiasmo e partilhassem com ela o mesmo fervor apaixonado. Essa forma de expressão entusiasmada está presente não só na forma como comunicava, como também nas frases que proferia, como é exemplo a que se segue: «O que me surpreende é o novo. O que me atrai é o futuro. O que me seduz é a promessa»<sup>94</sup>.

Esta forma urgente de apelo, própria da maior parte do seu discurso, pode, de facto, ser lida como algo exagerada. Até o facto de querer mudar, desafiando os poderes instituídos, levou a debates que Maria de Lourdes Pintasilgo perdeu algumas vezes. A forma como foi tratada, sobretudo quando foi primeira-ministra, quer pelos deputados da Assembleia da República, quer pela imprensa, revelam os confrontos por que passou<sup>95</sup>. Confundiam-se as razões do desgaste a que era exposta: ou eram as suas ideias utópicas e de reformulação, muitas delas, hoje, consideradas visionárias<sup>96</sup>, ou era por ser mulher num mundo e tempo ainda demasiado masculinos. Mas o suposto exagero nos seus textos relaciona-se com aquilo

---

94 PINTASILGO, Maria de Lourdes: *PD, op. cit.*, p. 17.

95 A propósito da forma como Maria de Lourdes Pintasilgo foi considerada e sobre o que dela escreveram durante o seu mandato como primeira-ministra no V Governo Constitucional de Portugal, aconselha-se a leitura da dissertação, resultado da investigação realizada no âmbito do Mestrado em Questões de Género e Educação para a Cidadania de Ana Cristina Tavares, intitulada *Maria de Lourdes Pintasilgo Primeira-ministra do V Governo Constitucional – O olhar da imprensa: dois semanários, duas perspectivas*. A dissertação teve a orientação da professora doutora Fernanda Henriques e foi apresentada à Universidade de Évora em março de 2011. A dissertação apresenta o “olhar” da imprensa portuguesa sobre Maria de Lourdes Pintasilgo durante o período do V Governo Constitucional, centrado em dois jornais: o Expresso e o Jornal. O confronto da imagem de Pintasilgo veiculada por ambos os jornais e a análise que Tavares faz tornam o seu trabalho inovador e de suma importância para compreender como Pintasilgo se manteve, durante tantos anos, uma figura da política nacional aquém da sua verdadeira relevância.

96 Olof Olafsdottir descreveu como as ideias de Maria de Lourdes Pintasilgo eram, muitas vezes, difíceis de compreender e o seu raciocínio difícil de seguir. Confessa como aquelas ideias eram «muito avançadas para o seu tempo». A descrição de Olafsdottir é tão marcante que tem pertinência ser aqui registada: «Às vezes, o entusiasmo de Maria de Lourdes Pintasilgo fazia-a sair um pouco do quadro que nós tínhamos fixado. Eu nem sempre sabia o que deveria verdadeiramente reter para a redacção do relatório – que deveria ser examinado posteriormente pelos outros membros do grupo – e também se eu tinha compreendido tudo, porque ela podia, por vezes, tornar-se muito filosófica ao explicar as suas ideias. Pensando de novo nisso, agora, dou-me conta que as suas ideias eram frequentemente muito avançadas para o seu tempo e que ela falava de coisas que não estavam então na ordem do dia mas que o estão hoje.» (OLAFSDOTTIR, Olof (2005) “Maria de Lourdes Pintasilgo: algumas memórias”, in HENRIQUES, Fernanda (org.) (2005) *Um legado de cidadania. Homenagem a Maria de Lourdes Pintasilgo*, Revista ex aequo, nº 12, op. cit., p. 73).

que as suas palavras pretenderam ser: apelos, chamadas de atenção, mobilização. À dificuldade que sentia em ser entendida, contrapôs o uso, cada vez maior, da palavra. Esta era a sua arma<sup>97</sup>.

---

## 5. O paradigma de qualidade de vida

---

Para Maria de Lourdes Pintasilgo, o «tempo da vergonha» anuncia o esgotamento do paradigma vigente e exige um outro que responda às exigências e necessidades. Esta conceção deve muito ao pensamento do filósofo americano Thomas Kuhn, na sua tese sobre o desenvolvimento científico. No Posfácio adicionado numa edição posterior da obra *Estrutura das Revoluções Científicas*, Kuhn definiu paradigma como «a constelação de crenças, valores, técnicas, etc, compartilhadas pelos membros de uma dada comunidade»<sup>98</sup>. Para Pintasilgo, nada poderia estar mais correto sobre o funcionamento das comunidades humanas. Assim, através da concetualização de Kuhn, Pintasilgo descreve o seu presente: um momento em que, detetadas «anomalias», se regista uma «crise» e se prepara a «revolução» paradigmática. O próprio Kuhn assinalou que a revolução não é fácil. No processo de mudança de paradigma, os cientistas tendem a resistir e só quando confrontados com as anomalias, muitas vezes já com a apresentação do paradigma alternativo, é que aceitam a revolução científica e adoção de um novo paradigma. Para Maria de Lourdes Pintasilgo, a constatação de um mundo que desiludiu nas promessas que criou (justiça, liberdade, igualdade) exige a mudança de paradigma. E essa mudança processa-se à maneira das revoluções científicas, ou seja, num processo de rutura e inovação. Como resultado desta revolução em específico, anuncia Pintasilgo que o paradigma do «desenvolvimento» deve ser substituído pelo paradigma da «qualidade de vida»:

---

97 No prefácio da antologia de textos de Maria de Lourdes Pintasilgo intitulada *Para um Novo Paradigma: Um Mundo Assente no Cuidado*, Marcelo Rebelo de Sousa refere que a palavra era a sua grande arma. Especificamente, escreveu o professor que Pintasilgo é «o triunfo da palavra feita arma da sua missão, do seu combate, das suas cruzadas». (PINTASILGO, Maria de Lourdes: *NPC*, op. cit. p. 13).

98 KUHN, Thomas (1962) *The Structure of Scientific Revolutions*, tradução portuguesa de Carlos Marques: *A Estrutura das Revoluções Científicas*, Lisboa, Guerra e Paz Editores, 1ª edição, 2009, p. 236. É no Posfácio, que data de 1969, que Kuhn explicita a sua tese, clarificando, sobretudo, o conceito de «paradigma».

*É a minha convicção que é urgente a substituição do conceito frio e cada vez mais macroeconómico de «desenvolvimento» pelo conceito e prática de Qualidade de Vida.<sup>99</sup>*

O conceito de «qualidade de vida» remete diretamente para a avaliação qualitativa, que advém das capacidades humanas do sentir e da reflexão<sup>100</sup>. A defesa de Pintasilgo é clara: é preciso substituir o paradigma que não traduz o bem comum desejável por aquele que o garanta no futuro.

*Há uma convicção que quero partilhar convosco. Não hesitem em abandonar conceitos que não conduzem a uma vida mais digna e mais feliz para as pessoas. Por exemplo? O próprio conceito de “desenvolvimento” que tem sido usado com boas intenções mas que, por falta de fundamentos conceptuais adequados, tem afinal contribuído para um fosso cada vez maior entre os que são devorados pela febre do consumismo e os que vivem em cada dia a luta cruel pela própria sobrevivência. Em vez disso, trabalhem o conceito de Qualidade de Vida que, através dos instrumentos do direito internacional, é hoje um imperativo objectivo para todas as nações.<sup>101</sup>*

Para Maria de Lourdes Pintasilgo, «qualidade de vida» é proporcionar patamares mínimos de existência digna, considerados como direitos, uma vez que possibilitam a autossuficiência e independência do indivíduo. Significa que ao garantirmos o acesso aos mínimos estaremos a dar condições para a autodeterminação de cada cidadão. Conseguir construir uma vida digna e feliz deve ser a finalidade, o sonho utópico, mas desejado e possível. Tal constitui-se como um novo contrato social, nas palavras de Pintasilgo:

---

99 PINTASILGO, Maria de Lourdes (2000) “Cuidar o futuro”, in *NPC*, *op. cit.*, p. 130.

100 A propósito do sentir e da reflexão, Marijke de Koning, no livro *Lugares emergentes do Sujeito-Mulher*, mais especificamente no ponto 2, aborda a viagem humana como metáfora da passagem «de-para», ou seja, de um ponto de partida e um ponto de chegada, diferente do primeiro no que diz respeito à consciência. Nesta abordagem da educação como viagem, refere e cita Maria de Lourdes Pintasilgo quanto à sua conceção fundante de que à razão se associa, sempre, o sentir. E escreve: «a viagem é marcada pelo desejo de “ir em demanda”. É imaginar. É procurar saber e fazer. É perder o caminho, reencontrar uma pista. É falar. É agir. É vencer o medo.» (KONING, Marijke (2006) *Lugares Emergentes do Sujeito-Mulher. Viagem com Paulo Freire e Maria de Lourdes Pintasilgo*, Porto, Edições Afrontamento, p. 36).

101 PINTASILGO, Maria de Lourdes: *PD*, *op. cit.*, p. 59.

*Voltamos a um novo contrato social que já não se baseia, como em Locke e em Rousseau, no pressuposto de uma relação de subordinação mas sim numa comunidade de homens e mulheres igualmente livres, quaisquer que sejam as suas funções no corpo social.*<sup>102</sup>

Para ela, este novo contrato social deve proporcionar uma sociedade amigável, ativa<sup>103</sup>, paritária e que reconcilia a natureza e a cultura. Assim cumprida, esta sociedade deverá ser fraterna, respeitando as diferenças e dignificando todos os seres humanos; uma sociedade em que cada cidadão e cada cidadã se sinta capaz e necessário à atividade, contribuindo para a sua construção; em que homens e mulheres sejam, efetivamente, a dupla face de uma essência comum – o humano – e, deste modo, sejam objeto das mesmas oportunidades e direitos e em que o ser humano se sinta parte integrante da natureza, considerando-a como objeto ético. A «nova ordem» que Maria de Lourdes Pintasilgo ambicionou, neste «novo contrato social», é regida pelos valores da bondade e da solidariedade e pela prática do respeito e do cuidado. Para a «nova ordem» poder emergir, algumas condições são necessárias:

- A instauração de mecanismos de regulação;
- Uma cidadania com intervenção de homens e mulheres;
- Uma soberania alargada e responsável.

Para Maria de Lourdes Pintasilgo há, ainda, um outro requisito: novos direitos. Um deles é o direito a um ambiente sã (responde ao problema da natureza afetada pela ação humana). Um outro é o da proteção e privacidade, não cumprido pela crescente expansão dos meios de comunicação e informação (responde, por um lado, ao problema da invasão da vida privada e, por outro, ao da falta de verdade, através da deturpação que é feita da realidade nas notícias, em consequência da omissão

---

102 PINTASILGO, Maria de Lourdes (2002) "Ética, cidadania e política", in *NPC, op. cit.*, p. 211.

103 No Relatório da OCDE intitulado "Conduzir a mudança estrutural: o papel das mulheres", que data de 1991, consta a noção de «sociedade ativa» como motor da mudança estrutural necessária para dar resposta a uma sociedade já em mudança. Neste relatório, o grupo de peritos, no qual Maria de Lourdes Pintasilgo se inclui, defende a reestruturação de mentalidades e instituições para dar resposta a uma sociedade em mudança, sobretudo no que diz respeito aos papéis de homens e mulheres. Para tal, o relatório aponta linhas de ação, medidas concretas que passam, sobretudo, pela flexibilização do trabalho. Esta «sociedade ativa» exige a atualização do «contrato social». (OCDE (1991) "Conduzir a mudança estrutural: o papel das mulheres", Relatório da OCDE, traduzido para português por GRAAL – Rede de mulheres anos 2000, disponível *on-line* em: [http://www.graal.org.pt/files/mudanca\\_estrutural.pdf](http://www.graal.org.pt/files/mudanca_estrutural.pdf), última consulta em 05/11/2017).

do contexto ou de outros factos relevantes)<sup>104</sup>. E, ainda, o direito à permanência da espécie humana (responde à ameaça de extinção, possível em consequência dos danos causados à natureza). A este último direito não é alheio o valor, absoluto e primordial, da vida.

---

104 A este propósito, refere-se a obra de Gianni Vattimo *A sociedade transparente* de 1989, onde o filósofo italiano aborda a questão da suposta transparência que os meios de comunicação em massa deveriam possibilitar no conhecimento do mundo. O filósofo expõe como na sociedade pós-moderna os *mass media* passaram a ter um papel determinante, mas que esse papel não se cumpriu na desejada transparência, mas sim numa crescente complexidade. Conclui, assim, que a pluralidade de visões do mundo resulta numa perda do sentido da realidade. (VATTIMO, Gianni (1989) *La società trasparente*, tradução portuguesa de Hossein Shooja e Isabel Santos: *A sociedade transparente*, Lisboa, Relógio d'água, 1992).



### CAPÍTULO III

## *Cuidar o futuro* – fundamento da ética global e imperativo humano

Este terceiro capítulo expõe a proposta de Maria de Lourdes Pintasilgo de uma nova ética. A ética global não é uma ideia exclusivamente sua<sup>105</sup>, mas a sua proposta tem o brilhantismo de juntar o cuidado à responsabilidade inerente à ação humana, identificando-o como categoria filosófica, mais precisamente, categoria ontológica.

Os diálogos de Pintasilgo com Heidegger e Jonas ganham, aqui, maior destaque, à medida que nos vamos adentrando no seu pensamento filosófico. Este culmina na sua proposta de princípios éticos, no final do capítulo.

---

105 O filósofo Hans Küng elaborou o projeto de uma ética mundial, que é uma ética da responsabilidade, no seu livro *Projecto para Uma Ética Mundial*. A proposta de Küng é partilhada por Maria de Lourdes Pintasilgo e, registando-se que este seu livro consta da sua biblioteca pessoal, crê-se que as “pontes teóricas” entre ambos não são mero acaso. Confira-se, por exemplo, as ideias de Küng muito próximas de Pintasilgo, quando o filósofo escreveu: «A mudança de paradigma não implica necessariamente uma desagregação dos valores, mas sim a sua transformação: de uma ciência isenta de referências éticas para uma ciência responsável; de uma tecnocracia dominadora dos seres humanos para uma tecnologia ao serviço da humanidade; de uma indústria que polui o meio ambiente para uma indústria que fomenta os verdadeiros interesses e as necessidades do Homem em harmonia com a Natureza; de uma democracia formal e de direito para uma democracia viva, em que liberdade e justiça se conciliem». (KÜNG, Hans (1990) *Projekt Weltethos*, tradução portuguesa de Maria Luísa Cabaços Meliço: *Projecto para Uma Ética Mundial*, Lisboa, Instituto Piaget, 1996, pp. 48 e 49).

---

## 1. O lema *cuidar o futuro*

---

«Cuidar o futuro»: eis o lema que Maria de Lourdes Pintasilgo adotou e que resume a sua proposta ético-política. A investigação empreendida sobre o seu pensamento pretendeu explorar o alcance desta proposta através da análise dos conceitos de cuidado e responsabilidade, assumidamente provenientes dos pensamentos dos filósofos Martin Heidegger e Hans Jonas. A análise destes dois conceitos justifica-se pelo papel determinante que os conceitos, forjados no quadro conceptual destes filósofos, desempenham no referido lema de Maria de Lourdes Pintasilgo.

Mas, antes de mais, vejamos o alcance do lema «cuidar o futuro» na vida de Maria de Lourdes Pintasilgo:

- Foi o título do estudo a que presidiu no âmbito da Comissão Independente para a População e Qualidade de Vida, em 1992;
- Foi, depois, o nome da Fundação que fundou e que preserva e gere o seu espólio;
- É, ainda, a expressão que resume a sua proposta de uma ética global: do cuidado, da responsabilidade e do futuro.

A expressão «profecia da catástrofe» de Jonas, anunciando a possibilidade futura de aniquilação da vida no planeta, não foi adotada por Pintasilgo. Contudo, a preocupação que subjaz a tal expressão foi um dos pontos do seu pensamento crítico. Num dos seus muitos textos, Pintasilgo formulou uma questão que expressa bem a sua preocupação com uma possível catástrofe, tal como Jonas temia: «A que novos paradigmas podemos recorrer para que a globalização não seja um caminho de destruição global?»<sup>106</sup>.

Maria de Lourdes Pintasilgo foi clara ao fundar a necessidade de «cuidar o futuro» com o argumento da vulnerabilidade da natureza em todas as suas formas, inclusive na forma humana. O culto da racionalidade da modernidade, que pareceu distanciar o ser humano da sua componente de ser natural, caiu por terra com a constatação de uma designada «revolta da natureza»<sup>107</sup>. Esta revolta afeta diretamente a capacidade

---

106 PT/FCF/CDP/MLP – 0197.014, “Relações entre a espiritualidade a acção das fundações-terceiro sector, na perspectiva do homem como ser social”, Porto Alegre, 2001, 14 fls., p. 12.

107 A expressão «revolta da natureza» é utilizada por Maria de Lourdes Pintasilgo em diversos textos. Destes, destaca-se o capítulo intitulado “Sinais de esgotamento da democracia”, do livro *Palavras Dadas* e o texto cujo título é “Revolta da natureza”, publicado na antologia de textos *NPC*. Deste último, extrai-se o seguinte excerto que esclarece o sentido da expressão: «A globalização manifesta-se, num primeiro olhar, na revolta

de subsistência do ser humano, ser natural que é. Foram preocupações de Pintasilgo o esgotamento dos recursos, a sobrecarga populacional no planeta com a sua exigência de alimento e água potável, o desequilíbrio climático que surge como consequência da ação humana empoderada pela ciência e pela técnica. Aliás, o lema «cuidar o futuro» foi, como referido, título do estudo elaborado pela Comissão Independente para a População e Qualidade de Vida, presidida por Pintasilgo<sup>108</sup>. Na introdução do estudo, Pintasilgo reitera a sua defesa de mudança do paradigma de desenvolvimento para o paradigma da qualidade de vida, defendendo a centralidade da pessoa, ao afirmar:

*Pouco a pouco, a qualidade de vida impôs-se à Comissão como um conjunto articulado de direitos e deveres, e como um objetivo claro tanto para os decisores políticos como para os elementos dinâmicos da sociedade civil.*<sup>109</sup>

Na senda do lema «cuidar o futuro», Maria de Lourdes Pintasilgo definiu duas finalidades que considerou urgentes para a ação humana: humanizar a política e possibilitar uma existência digna. Significa que à defesa do afeto nas relações humanas, Pintasilgo considerou essencial juntar a exigência de se ter o futuro como linha de horizonte da ação, marcando-o como o lugar-tempo para onde o sentimento e o exercício da responsabilidade devem orientar-se para lograrem uma efetiva realização.

Considerando a pessoa concreta, imersa na vida efetiva e quotidiana, a liberdade é a possibilidade de se autodeterminar. Esta existência, que procura a essência própria do ser humano, só se realiza de forma relacional, pelo que a presença do Outro e a relação que estabelece com ele são fundamentais, como já vimos. É, pois, pelo facto da liberdade do ser humano se desenvolver no meio convival que

da Natureza. (...) A «revolta da natureza» politiza, hoje, de forma explícita, todas as escolhas técnicas e obriga a pôr limites concretos ao domínio dos homens sobre a natureza. É que a revolta da natureza não se manifesta só num lugar.» (PINTASILGO, Maria de Lourdes (1997) "A revolta da natureza", in *NPC, op. cit.*, pp. 317 e 318).

108 O referido estudo foi publicado em 1998 sob o título *Cuidar o futuro, um programa radical para viver melhor*. Esclarece-se o objetivo do projeto através das próprias palavras de Maria de Lourdes Pintasilgo, na introdução da publicação: «A missão atribuída oficialmente à ICPQL [Comissão Independente População e Qualidade de Vida] era muito ambiciosa: elaborar uma nova visão das questões internacionais de população, tomando como elementos fundamentais de referência os direitos humanos e as condições socioeconómicas.» (PINTASILGO, Maria de Lourdes (1998), "Prefácio", in *Comissão Independente para a População e a Qualidade de Vida, Cuidar o Futuro, um Programa Radical para Viver Melhor*, Lisboa, Inova, p. VIII).

109 PINTASILGO, Maria de Lourdes (1998), "Prefácio", in *Comissão Independente para a População e a Qualidade de Vida, Cuidar o Futuro, um Programa Radical para Viver Melhor, op. cit.*, p. X.

a responsabilidade se liga a ela. Sendo o cuidado a marca dessa convivencialidade, que é essência do humano, o que urge em cada decisão é cuidar o futuro.

Colocar o futuro como horizonte do presente é saber-se num constante movimento de ser. Como Almada Negreiros escreveu: «até hoje fui sempre futuro»<sup>110</sup>. É a consideração de que o futuro se constrói no presente, momento fugaz sempre orientado para o por-vir. O presente é, pois, esse instante que sempre mira o futuro, mas que tem a fundamental tarefa de o construir.

---

## 2. A proposta de uma ética global

---

Com o desenvolvimento conhecido na segunda metade do século XX, a ação humana científico-tecnológica apresenta três características que a tornam específica:

- Magnitude;
- Irreversibilidade;
- Acumulação.

Magnitude, ganha pelo poder de transformar cada vez mais e em maior escala; irreversibilidade dos efeitos da ação e, neste caso, a queda de dois mitos: o mito de uma essência intocável da natureza e o mito da sua autorregeneração; efeito cumulativo dos efeitos da ação humana, característica intimamente ligada à anterior (não

---

110 A frase reside, eternizada, numa das paredes da estação *Saldanha* do Metro da cidade de Lisboa. É curioso pensar que esta frase marca um local de passagem de muitos que contemplam apenas a breve espera pelo transporte que os leve para o resto das suas vidas. A cada passo que damos, mesmo numa estação de metro, dirigimo-nos para o futuro. A frase que na estação ousa desafiar a atenção de quem segue apressado é parte integrante do poema intitulado "Rosa dos Ventos". O poema expressa a combinação única que cada pessoa é uma fina construção de todos os "ventos", ou seja, da natureza toda. Transcreve-se o poema, que versa assim: «Não foi por acaso que o meu sangue que veio do sul / se cruzou com o meu sangue que veio do Norte. / Não foi por acaso que o meu sangue que veio do Oriente / se cruzou com o meu sangue que veio do Ocidente. / Não foi por acaso nada de quem sou agora. / Em mim se cruzaram finalmente todos os lados da terra. / A Natureza e o Tempo me valeram: séculos e séculos / ansiosos por este resultado um dia / e até hoje fui sempre futuro. / Faço hoje a cidade do Antigo / e agora nasço novo como ao Princípio: / foi a Natureza que me guardou a semente / apesar das épocas e gerações. / Cheguei ao fim do fio da continuidade / e agora sou o que até ao fim fui desejo. / O centro do Mundo já não é o meio da terra / vai por onde anda a Rosa dos Ventos / vai por onde ela vai / anda por onde ela anda. / Agora chego a cada instante pela primeira vez à vida / já não sou um caso pessoal / mas sim a própria pessoa». (NEGREIROS, José de Almada (1971) *Obras Completas 4 - Poesia*, Lisboa, Editorial Estampa, p. 217).

havendo reversibilidade dos efeitos há, inevitavelmente, acumulação dos mesmos). Tal constatação coloca a urgência de definir uma ética global.

Maria de Lourdes Pintasilgo foi, como já vimos, leitora de Hans Jonas. A proposta ético-política de Pintasilgo tem muitos pontos de toque com o princípio de responsabilidade daquele filósofo, sobretudo na consideração da nova ética global, com características específicas, a saber:

- holística;
- consequencialista;
- da responsabilidade;
- do cuidado.

A defesa do alargamento do campo ético pelo filósofo Hans Jonas teve como base três razões:

1. A ação humana entendida como poder causal<sup>111</sup>;
2. O empoderamento da ação humana através da ciência e técnica modernas;
3. O infligir danos irreversíveis e cumulativos na natureza.

A primeira razão não é novidade no pensamento ético, mas constituiu-se como uma séria chamada de atenção (como se tal estivesse esquecido) de que a ação humana é um poder-fazer. Ela é, portanto, causa de um efeito, ação que resultará em determinadas consequências.

A segunda razão é a mudança que a ação humana sofreu ao munir-se dos extraordinários avanços, e consequentes possibilidades, da ciência e da tecnologia.

A terceira razão diz respeito à consideração da natureza como objeto ético e de como o dano que lhe é infligido representa uma potencial ameaça à vida. O entrelaçar da vida dos diversos seres vivos é a complexidade que dita a sua interdependência natural.

Este alargamento do campo ético marca a viragem de uma conceção ética antropológica para uma conceção ética holística. Aliás, Jonas justifica exatamente esta necessidade de uma nova ética pela insuficiência de resposta das éticas consideradas

---

111 A ética de Hans Jonas é, sem dúvida, consequencialista, ainda que não à maneira tradicional utilitarista. O seu consequencialismo funda-se ontologicamente e não num contrato. O artigo de António Manuel Martins sobre contratualismo e o de Pedro Galvão sobre consequencialismo, no *Dicionário de Filosofia Moral e Política*, são importantes no confronto das duas posições. Através deste último consegue-se perceber a ética jonasiana como consequencialista, ainda que Galvão não refira Jonas no artigo. (AAVV: *Dicionário de Filosofia Moral e Política*, disponível on-line em: <http://www.ifl.pt/pages/dictionary-of-moral-and-political-philosophy>, última consulta em 05/11/2017).

tradicionais. A estas, não lhes retira o mérito nem a atualidade quanto aos valores que defendem (como o “bem” ou a “virtude”), mas aponta-lhes a fraqueza de não serem eficazes ao lidar com uma ação humana mudada a vários níveis. Trata-se da passagem de éticas cujo valor é a virtude, com a tónica assente na intenção da ação, para éticas cujo valor é a conservação, portanto, assentes nas consequências da ação. Já não estão em jogo as relações humanas do imediato, mas sim as relações do ser humano com a natureza, tendo como preocupação os efeitos da ação. Maria de Lourdes Pintasilgo não podia estar mais de acordo. Segundo ela, a imposição de sanções aos países poluidores, por exemplo, não anula os efeitos da poluição no planeta, com consequências globais e não apenas para os poluentes. Assim, para ela, deve-se atuar na origem da ação tendo como justificação a imprevisibilidade que assume grande parte das ações humanas, sobretudo as empoderadas pela ciência e pela tecnologia.

Se o alcance da ação humana aumentou em extensão e intensidade, então o alcance do pensamento ético também tem de ser alargado. Em resultado, os elementos da relação ética, ou seja, o sujeito, o objeto, a dimensão temporal e o critério de moralidade, viram o seu papel alterado. Analisa-se, mais especificamente, a mudança de papel de cada um dos elementos nos pontos que se seguem:

- O sujeito ético deixou de ser considerado o indivíduo, na sua vida quotidiana e privada, e passou a ser considerado o coletivo, ou seja, o conjunto de indivíduos que, nas instituições da sociedade, toma as decisões, incluindo a figura do governante que toma decisões representando um coletivo. Deste modo, Jonas defende que o âmbito da reflexão ética deve passar a ser, preferencialmente, o da política pública:

*Mencionei que o poder de cada um de nós, isto é, o que concerne à sua parte na determinação das coisas e do destino do seu contexto, não aumentou nem sequer relativamente. (...) Mas o que cresceu foi, sem dúvida alguma, o poder relativo do coletivo, isto é, dos sujeitos coletivos de atuação, como, por exemplo, «a indústria»: trata-se de um corpo coletivo que integra inumeráveis atuantes individuais na sua atuação global. (...)*

*Isto significa, pois, que a maioria dos grandes problemas éticos que coloca a moderna civilização técnica tornou-se obra da política coletiva.<sup>112</sup>*

---

112 JONAS, Hans: *TME, op. cit.*, p. 178.

- O objeto ético foi alargado: deixou de estar restrito ao ser humano para se estender à natureza. A noção de dano fundamenta a atribuição de estatuto moral à natureza na medida em que esta é alvo dos danos causados pela ação humana. Assim, a ação deixa de ser entendida apenas nas relações entre humanos e passa a ser entendida também num outro tipo de relação: a do ser humano com a natureza. A natureza passa, então, a ser objeto de reflexão e responsabilidade de conservação, porque nela reside o propósito da vida que é a sua manutenção, tal como escreveu Jonas:

*O objeto da obrigação humana eram os homens, em casos extremos a humanidade, e nada mais neste mundo. (Usualmente o horizonte ético tinha limites muito mais estreitos, como por exemplo, o «amor ao próximo»). Nada disto perdeu a sua força vinculante. Mas agora a biosfera inteira do planeta, com toda a sua abundância de espécies exige, na sua recém revelada vulnerabilidade perante as excessivas intervenções do homem, a sua quota de atenção que merece tudo o que tem o fim em si mesmo, isto é: todo o ser vivo.*<sup>113</sup>

- Aquilo que torna uma ação moral já não deve ser a intenção da ação, mas sim as suas consequências, dado que a ação humana é ambígua quanto aos seus efeitos. A ambiguidade entre o desejável e o que resulta da ação coloca a Jonas o desafio e constante preocupação de tornar os princípios eficazes, pondo a tónica na previsão das consequências:

*O novo imperativo apela a outro tipo de concordância; não a do ato consigo mesmo, mas a concordância dos seus eventuais efeitos com a continuidade da ação humana no futuro.*<sup>114</sup>

- No que respeita à dimensão temporal, deixou de se considerar que uma ação vale no imediato da sua realização, para se entender que importam as suas repercussões a médio e a longo prazos. Assim, o tempo a considerar é o futuro, porque a responsabilidade é não só pela vida atual mas também pela vida futura. Jonas assim o alertou:

---

113 JONAS, Hans: *TME*, op. cit., pp. 35 e 36.

114 JONAS, Hans: *IR*, op. cit., p. 12.

*Com o que fazemos aqui e agora, a maioria das vezes pensando em nós mesmos, influímos massivamente sobre a vida de milhões de pessoas, noutros lugares e no futuro, que não têm voz nem voto a respeito. Hipotecamos a vida futura em troca de vantagens e necessidades a curto prazo... a maioria das vezes, necessidades criadas por nós mesmos.*<sup>115</sup>

Em Pintasilgo, a proposta de uma ética global ecoa da proposta que vimos do filósofo. Para ela, a ética deve ser um pensar global sobre os problemas que se tornaram globais pela extensão e duração que a ação humana passou a ter.

*Ora tudo isto para dizer que a vivência dos factos globais, a resolução ou a mera gestão dos problemas globais que daí nascem, exigem também uma ética global.*<sup>116</sup>

A ética global defendida por Pintasilgo responde à necessidade de construir um mundo harmonioso (dos seres humanos entre si e dos seres humanos com a natureza) e pretende ser a base da organização de uma vida justa, com as oportunidades necessárias para cada indivíduo desenvolver o seu ser em harmonia consigo mesmo, com os outros e com o meio natural. Ora, tal orientação teórica é perspectivada para o futuro, considerada como uma tarefa a empreender, uma missão a cumprir. Destacou a dimensão futura na sua proposta ética por duas grandes razões:

- As consequências das ações humanas fazem-se sentir não apenas no presente, mas também no futuro;
- Em consequência do primeiro ponto, a nova ética deve atender tanto aos seres existentes, como aos seres ainda não existentes.

Neste último ponto constata-se como tanto Jonas, como Pintasilgo, colocam as gerações futuras como objeto ético, em igual direito com as atuais. Ambas as gerações (atuais e futuras) constituem o Outro da correlação Eu-Tu, base da responsabilidade ética. Como tal, o objeto ético é, também, o ainda não existente, tendo como finalidade garantir a vida futura. Pintasilgo refere-o inequivocamente:

---

115 JONAS, Hans: *TME, op. cit.*, p. 35.

116 PINTASILGO, Maria de Lourdes (1998) "Uma ética global num mundo de problemas globais", in *NPC, op. cit.*, p. 417.

*Como a natureza se tornou parte da história, ela afirmou a sua existência como uma categoria filosófica, constituindo-se como parceira naquilo que Michel Serres chamou «o contrato natural». A responsabilidade pela natureza, pela preservação da sua essência entra como uma nova dimensão de uma educação ética. As muitas facetas de tal responsabilidade são evidentes nos desastres quotidianos, ou naturais ou infligidos pelo homem e pelas tentativas desajeitadas de procurar solução para elas.*

*O compromisso para com o futuro está também presente de uma outra forma. Salvaguardando a natureza (e no limiar de mudanças catastróficas nas próximas décadas), é também a vida das gerações futuras que estamos a salvar de um modo que nenhuma outra geração tinha de ser em períodos anteriores da história.<sup>117</sup>*

Para além de holística e consequencialista, a ética global que propôs Maria de Lourdes Pintasilgo é uma ética do cuidado e da responsabilidade, conceitos que serão analisados em maior pormenor no capítulo seguinte. Pintasilgo faz depender cuidado e responsabilidade, na medida em que, como afirmou, a responsabilidade é a atuação do cuidado que nos merece o outro<sup>118</sup>. Irene Borges Duarte, no artigo intitulado “A fecundidade ontológica da noção de cuidado. De Heidegger a Maria de Lourdes Pintasilgo”, perspetiva esta interligação entre cuidado e responsabilidade afirmando que para Pintasilgo o cuidado é o «exercício fáctico da responsabilidade»<sup>119</sup>.

Ao afeto que faz considerar o Outro como existente e digno, une-se a responsabilidade como modo de agir, efetivando o cuidado na prática da vida quotidiana.

---

### 3. Os princípios da ética global

---

Para Maria de Lourdes Pintasilgo, a vida coletiva deve ser orientada pelo pensamento filosófico, nomeadamente, pela ética enquanto pensamento estruturante da ação. Para ela, a filosofia obriga a buscar caminhos para que o desejável se torne mais

---

117 PINTASILGO, Maria de Lourdes (1993) “Changing values in a world in transition”, in *NPC*, *op. cit.*, pp. 406 e 407.

118 PINTASILGO, Maria de Lourdes: *PD*, *op. cit.*, p. 165.

119 BORGES DUARTE, Irene “A fecundidade ontológica da noção de cuidado. De Heidegger a Maria de Lourdes Pintasilgo”, in HENRIQUES, Fernanda (org.) (2010) *Ecoss de Palavras Dadas. Maria de Lourdes Pintasilgo cinco anos depois*, *op. cit.*, p. 129.

próximo de ser possível. Foi este o seu desígnio confesso enquanto candidata à Presidência da República:

*Candidato-me porque a ética obriga a buscar caminhos para que aquilo que é tido como sendo o possível, se aproxime cada vez mais daquilo que é não só desejável mas imperiosamente necessário.*<sup>120</sup>

Assente nos pilares indissociáveis do cuidado e da responsabilidade, a ética global proposta por Maria de Lourdes Pintasilgo assume-se como guia da ação humana: a aliança entre o pensamento sobre a vida e a sua realização. Para Pintasilgo, a ação humana é definida pelas escolhas e estas são marcadas pela consciência e pela liberdade. Isto porque a vida exige um total entrosamento no mundo e este inclui o contexto natural e o sociopolítico. É exatamente no que parece o simples viver que a filosofia ganha, para Pintasilgo, o estatuto de pensamento primordial: formula as perguntas e procura o conhecimento. É intencionalidade originária (ou compreensão afetiva, como denominou Heidegger) o movimento que leva o ser humano a considerar tudo o que o rodeia, a incluir-se, entrosar-se, a viver com os outros no mundo. As palavras de Pintasilgo não podiam ser mais claras:

*O fundamento da própria filosofia enquanto acto de conhecimento reside na capacidade de formular as perguntas. Em certo sentido, a condição humana, mais do que uma racionalidade sem falhas, é a errância permanente na procura de respostas, errância que nasce da atenção do ser humano a tudo o que o rodeia. Só há respostas quando há perguntas que nascem da emergência da pessoa enquanto sujeito, dono das suas próprias interrogações. Nessa emergência do sujeito a consciência mágica vai dando lugar à consciência crítica e à capacidade de intervenção que integram o exercício activo da cidadania.*<sup>121</sup>

A filosofia tem, portanto, um lugar de indiscutível importância para Pintasilgo. Enquanto pensamento problematizador, possibilita a «emergência do sujeito», uma vez que o capacita de consciência crítica e capacidade de intervenção. Alhear-se, demitir-se, desinteressar-se, não agir, é não viver. Intervir de forma consciente, tomando a palavra, fazendo-se ouvir e agindo, foi o apelo entusiasmado que Pintasilgo

---

120 PINTASILGO, Maria de Lourdes (1985) "Independência e convergência", in *MV*, nº 56, *op. cit.*, p. 4.

121 PT/FCF/CDP/MLP- 0279.023, "Cidadania nas escolas?", Lisboa, 22 março 2000, 4 fls., p. 2.

tantas vezes repetiu. A atuação que exige o mundo e a construção do futuro dependem da ação humana. Imprevisível tanto no seu poder como no seu benefício, a ação deve ser definida tendo em consideração a previsão das suas consequências, pois o seu poder tornou-se global e o seu benefício questionável, perante o objetivo da permanência da vida com qualidade.

Para que o pensamento filosófico, nomeadamente a ética, exerça o seu papel crítico e estruturante, é preciso estabelecer princípios que fundem e orientem a ação humana. Assim, a proposta ética de Maria de Lourdes Pintasilgo completa-se, no meu entender, quando ela define dois princípios éticos. Estes foram apresentados naquele que considero ser um dos seus textos mais ricos do ponto de vista filosófico, a conferência intitulada “Ética, cidadania e política”, que data de 2002. Eis os princípios éticos da ética global de Maria de Lourdes Pintasilgo:

1. «Nem tudo o que é cientificamente exato ou tecnologicamente viável é socialmente aceitável»;
2. «É a pessoa humana a primeira e última finalidade de toda a decisão política».<sup>122</sup>

Ambos os princípios são imperativos éticos, ou seja, reguladores da ação. E a regulação da ação humana pode ser cumprida em dois sentidos: como orientação e como limitação, como visto no primeiro capítulo. Como orientação, uma vez que dá uma matriz geral para a ação; como limitação, dado que pode exercer a censura de algumas práticas ao denunciá-las como maléficas nas suas consequências.

O primeiro princípio citado atende à regulação como limitação. Perante um evidente progresso científico-tecnológico galopante, deve surgir a crítica acerca das consequências do mesmo. A formulação deste princípio torna-o numa máxima que aponta para a prática e utilização responsáveis da ciência e da tecnologia, que devem ter como pano de fundo a centralidade da pessoa. É, portanto, um princípio que apela diretamente à responsabilidade enquanto prudência.

O segundo princípio atende à defesa da centralidade do ser humano na decisão e ação, a par do valor da vida e da sua qualidade. Para tal finalidade, não é alheio o facto deste princípio estar formulado sobre a decisão política. Por outro lado, este princípio é uma máxima sobre o cuidado que a pessoa humana deve merecer. Considerar a pessoa humana como primeira e última finalidade é colocá-la como central, tanto

---

122 PINTASILGO, Maria de Lourdes (2002) “Ética, cidadania e política”, in *NPC*, *op. cit.*, p. 207.

na intenção da ação, como nas suas consequências. Isto significa que é pela pessoa humana e para a pessoa humana que a política se deve exercer.

Sobre esta proposta de ética global Pintasilgo esclarece:

*Importa sublinhar, na perspectiva da ética global, que não se trata de um modelo uniforme, nem de um menor denominador comum. Não é tão pouco a imposição de um sistema ético sobre outro. Mas sim a descoberta do núcleo central dos valores éticos partilhados pelos grandes sistemas de pensamento, em particular, religiosos e filosóficos, nos quais todos os humanos se podem reconhecer e a que se podem comprometer por imposição não do exterior mas da sua própria consciência.*<sup>123</sup>

Atendendo às últimas palavras da citação anterior: «...a que se podem comprometer por imposição não do exterior mas da sua própria consciência», sentimos, de novo, uma ressonância kantiana<sup>124</sup>. Esta expressão é uma clara defesa de que os princípios éticos são imposições da consciência, capaz de uma razão prática, isto é, uma consciência autónoma e legisladora da ação.

---

123 PINTASILGO, Maria de Lourdes (1998) “Uma ética global num mundo de problemas globais”, in *NPC*, *op. cit.*, pp. 417 e 418.

124 Ao mencionar o filósofo Kant, é imperioso lembrar a defesa que fez de uma razão prática, ou seja, a razão que se ocupa dos princípios determinantes da vontade e da ação. Ao sublinhar a autonomia da razão humana, Kant definiu o que se deve entender por imperativo categórico: um mandamento racional que obriga ao dever-agir em conformidade com ele. Fruto da liberdade e vontade do ser humano, este princípio racional deverá ser obedecido, voluntariamente, como a uma lei. Escreveu Kant, na sua obra *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*: «O imperativo categórico seria aquele que representasse uma ação como necessária em si mesma, sem qualquer relação com outra finalidade, como objectivamente necessária». (KANT, Immanuel: *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*, *op. cit.*, p. 83).

## CAPÍTULO IV

# Cuidado e responsabilidade como pilares do agir ético-político

Após a apresentação da proposta de Maria de Lourdes Pintasilgo de uma ética global, urge explicitar o sentido dos conceitos de cuidado e responsabilidade, confessadamente herdados da ontologia fundamental de Heidegger e da ética para a civilização científico-tecnológica de Jonas, respetivamente. Assim, este capítulo é dedicado exclusivamente ao sentido dos referidos conceitos, tanto nos filósofos como em Pintasilgo. Trata-se, pois, de uma explicitação conceptual para um entendimento aprofundado da proposta ética de Maria de Lourdes Pintasilgo.

O conceito de cuidado como categoria filosófica apareceu tardiamente no pensamento de Maria de Lourdes Pintasilgo. Da análise feita aos seus textos, verificou-se que o cuidado começou a ser tratado na década de 80 do século XX. Contudo, a defesa do afeto como ligação dos humanos entre si já existia em Pintasilgo através da noção de amor, de influência cristã. De notar que a aceção de amor cristão e a noção de cuidado como categoria filosófica não são idênticas. No início do seu pensamento, entendeu Pintasilgo que o amor seria dádiva de si ao outro, ao ponto da abnegação de si, como visto anteriormente. No que diz respeito ao cuidado, não se trata do afeto que faz esquecer de si mesmo e apenas se dirige ao Outro, mas é o cuidado de si e o cuidado do outro, considerando que sem o primeiro não é possível o segundo. Tal influência advém do pensamento de Sócrates, como Pintasilgo expressou nas palavras que se seguem:

*A segunda área vem de toda a filosofia socrática, que vê como cada vez mais necessária a obrigatoriedade de “cuidar de si mesmo”, de ultrapassar a ignorância para poder governar. Sócrates mostra claramente a Alcibiades que é impossível governar quando*

*“ele ignora todo o objeto da sua ação, a natureza do objeto de que tem de cuidar”. Grande parte da tragédia política do nosso tempo vem desse “pecado original” – não cuidar de si mesmo – que resulta da ignorância de quem governa e se torna incapaz de conseguir o bem-estar de todos e a concórdia entre todos.<sup>125</sup>*

O conceito de responsabilidade surge nos primeiros textos de Maria de Lourdes Pintasilgo, mais precisamente na década de 50, no contexto da defesa do papel específico do estudante universitário. Defende que o estudante universitário tem responsabilidade sobre a vida social, pois a universidade fornece-lhe as bases científicas e humanas para se tornar num dirigente. Cabe, pois, ao/à estudante universitário/a sentir o apelo da responsabilidade, pois é dele/a que depende a organização social. É interessante notar como a presença desta defesa torna claro o interesse de Maria de Lourdes Pintasilgo em pensar a vida em sociedade e de como esse interesse surgiu muito cedo na sua vida. Considerar o estudante universitário uma pessoa que se está a preparar para ser «dirigente» revela a interessante tese de Pintasilgo de que o conhecimento prepara a consciência humana para a prática da vida social. Anos mais tarde, na década de 80, retoma o conceito de responsabilidade, mas agora fundamentando-o filosoficamente<sup>126</sup>. As leituras interessadas que fez de Jonas<sup>127</sup> possibilitaram-lhe a compreensão da noção de responsabilidade em diversos aspetos que expressou nos seus textos, a partir desta década e até à sua morte. Aliás, denota-se um aprofundamento da fundamentação filosófica do conceito de responsabilidade desde a década de 80 até ao ano de 2004. Os seus textos de finais dos anos 90 e dos anos 2000 a 2004 são os que mais defendem a necessidade de uma ética global e de como esta exige a responsabilidade para cuidar o futuro. Revemos, assim, o que aconteceu com o conceito de cuidado.

Ambos os conceitos (cuidado e responsabilidade) aparecem muito cedo no pensamento de Maria de Lourdes Pintasilgo, ainda que não fundamentados filosoficamente. Contudo, esta falta de fundamentação inicial não os destituiu da significação

---

125 PINTASILGO, Maria de Lourdes: *PD, op. cit.*, p. 190.

126 Considera-se necessário justificar que o conceito de *responsabilidade* aparece na *cronologia de conceitos-chave* apenas na década de 80 e não na década de 50 uma vez que nesta altura não foi conceptualizado por Pintasilgo como categoria filosófica.

127 A assunção de que Pintasilgo fez leituras interessadas adveio da consulta das obras de Hans Jonas que integram a biblioteca pessoal de Maria de Lourdes Pintasilgo (consulta gentilmente cedida pelo GRAAL Portugal e Fundação *Cuidar o Futuro*). Registou-se que as obras de Hans Jonas *Princípio de Responsabilidade* e *Para uma ética do futuro* estão sublinhadas e com anotações de Maria de Lourdes Pintasilgo, o que levou a depreender que existiu uma leitura interessada e crítica das mesmas. É, sobretudo, na obra de compilação de textos do filósofo, intitulada *Para uma ética do futuro*, que se registam mais sublinhados e anotações.

que lhes quis conferir e que manteve ao longo de décadas. A fundamentação filosófica que Pintasilgo trouxe aos conceitos não só reiterou o sentido que já lhes tinha atribuído, como alargou a sua compreensão e permitiu estabelecer uma relação entre eles, sucintamente expressa no lema «cuidar o futuro».

---

## 1. O cuidado como fundamento ontológico do ser humano

---

“Tem cuidado!”, dizemos nós a uma criança que se pendura de uma varanda e cujo atrevimento nos parece poder resultar numa aparatosa e dolorosa queda. “Cuido dos meus pais, pois já são idosos e já não podem tomar conta de si mesmos”, explicamos nós, indicando a atenção que prestamos a outrem, zelando pelo seu bem-estar. Em ambos os casos, o cuidado refere-se ao trato que damos ao corpo, sabendo-o vulnerável, numa preocupação com o bem-estar físico dos visados. Há dois aspetos a apontar nesta consideração do cuidado no nosso quotidiano: cuidado é tratar do corpo para acautelar a sobrevivência, mas também é atenção dispensada a algo, intencionalidade para o Outro, tomando-o como importante, como nos exemplos aqui considerados. Este sentido do cuidado não é, para nós, estranho na vivência diária: parece-nos óbvio que só existe cuidado se existirem, pelo menos, dois que estabelecem entre si uma relação de atenção, em que cada um importa ao outro. Trata-se das relações humanas na sua necessária reciprocidade: necessária, porque se trata de sobreviver; reciprocidade, porque somos teia de relações e não uma existência isolada. Neste sentido, cuidado é ligar-se a um outro na forma da atenção, preocupando-se e atendendo ao outro no que lhe fará falta. Para o filósofo Heidegger, o cuidado é esta atenção, ou ocupação, por outrem, mas também por tudo o que rodeia. O cuidado marca, portanto, a existência interessada, desalienada do ser humano. Na perspetiva ontológica heideggeriana, o cuidado não é aprendido, dado que ele é a estrutura prévia, ou seja, ontológica do *Dasein*<sup>128</sup>. Desta forma considerado,

---

128 *Dasein* é um conceito central em Heidegger. No prólogo à edição portuguesa de *Holzwege* (*Caminhos de Floresta*), Irene Borges Duarte explica a opção pela tradução de *Dasein* por *aí-ser*. *Dasein* tem o seguinte sentido: *Da-sein*, em que *Da* significa “aí” e *Sein* significa “Ser”, palavra alemã que, na sua junção, se traduziria habitualmente por “existência”. Todavia, o sentido filosófico que Heidegger conota ao conceito não o permite considerar como existência, à maneira como a entendemos no senso comum. Assim, e no sentido heideggeriano, *Dasein* é o *aí-Ser*, em que o “aí” é abertura, isto é, «mostração fenomenológico-aletheiológica»

o cuidado não é obrigação ou sentimentalismo, não é sequer um comportamento, mas sim uma estrutura *a priori*, articulação que unifica a forma de ser-no-mundo do ser humano. O cuidado assim entendido, como estrutural e estruturante, é o modo de ser mais próprio e originário do ser humano. Isto quer dizer que, no seu ser, a pessoa humana é cuidado<sup>129</sup>.

Maria de Lourdes Pintasilgo entende o cuidado exatamente da forma heideggeriana, expressando que não se trata de um qualquer sentimentalismo, mas sim da estrutura originária do ser humano.

*Não estamos aqui num qualquer discurso moral, mas sim naquilo que filosoficamente faz a pessoa humana ser um ser-de-cuidado. É esta tradição, desenvolvida por Heidegger e Hannah Arendt, que pertencem, entre outros, Michel Foucault tal como Lévinas.*<sup>130</sup>

Nas referências que Maria de Lourdes Pintasilgo faz ao pensamento de Heidegger, é de destacar a sua análise da lenda de *Cura*, de Higino, tal como Heidegger o fez em *SeT*<sup>131</sup>. Pintasilgo chega mesmo a contar a lenda, de forma breve, pelas suas próprias palavras:

como refere Borges-Duarte no prólogo da já referida obra *Caminhos de Floresta*. (HEIDEGGER, Martin (1949) *Holzwege*, tradução portuguesa no âmbito do projeto de investigação "Heidegger em Português. Investigação e tradução da obra de Martin Heidegger": *Caminhos de Floresta*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2002, prólogo à edição portuguesa de Irene Borges-Duarte, p. XIV).

129 Hervé Pasqua, na sua obra de análise a *Ser e Tempo* de Heidegger, apontou bem este entendimento que Heidegger fez do cuidado quando escreveu o seguinte: «O cuidado precede todo o comportamento, toda a situação. Não seria possível reduzi-lo a um ato particular ou a uma tendência psicológica como o impulso ou a inclinação. Todos estes fenómenos, longe de explicar o cuidado, fundamentam-se pelo contrário nele, porque este lhes é anterior». (PASQUA, Hervé (1993) *Introduction à la lecture de Être et Temps de Martin Heidegger*, tradução portuguesa de Joana Chaves: *Introdução à Leitura do Ser e Tempo de Martin Heidegger*, Lisboa, Instituto Piaget, 1997, p. 100).

130 PINTASILGO, Maria de Lourdes (1999) "Femmes et Hommes au pouvoir", in *NPC*, *op. cit.*, p. 121.

131 O filósofo brasileiro Leonardo Boff dedicou grande parte da sua obra *Saber cuidar: ética do humano - compaixão pela terra* à exposição e análise da fábula de *Cura*, sobretudo a sua aceção no pensamento heideggeriano, que define o cuidado como modo-de-ser do ser humano. Mais precisamente no capítulo VII, Boff analisa o «cuidado» na fábula-mito, ao escrever: «Em Higino ele [cuidado] não é visto como uma divindade, mas como uma personificação de um modo-de-ser fundamental.» Mais à frente no texto, o filósofo expõe sucinta e claramente o sentido do cuidado em Heidegger: «Não temos cuidado. Somos cuidado.» (BOFF, Leonardo: *Saber cuidar. Ética do humano - compaixão pela terra*, (1999) *Saber Cuidar. Ética do Humano - Compaixão pela Terra*, Petrópolis, Editora Vozes, p. 89).

Mais tarde, na obra intitulada *O cuidado necessário*, Boff retoma a análise da fundamentação filosófica do cuidado. É no capítulo 3 que Boff volta a expor a lenda-mito de *Cura* e a centralidade do cuidado no pensamento heideggeriano. (BOFF, Leonardo (2012) *O Cuidado Necessário. Na vida, na saúde, na educação, na ecologia, na ética e na espiritualidade*, Petrópolis, Editora Vozes, pp. 47-65).

*Em primeiro lugar, o próprio fundamento mítico da palavra CUIDADO. Na origem, a lenda latina sobre a criação da humanidade pela deusa Cura. Um dia, com argila começou a moldar uma figura humana e pediu a Júpiter que lhe insuflasse o espírito. Cada um deles queria dar-lhe o seu nome mas a Terra, donde fora extraída a matéria, insistiu em que o seu nome novo fosse o seu. A disputa foi resolvida por Saturno que determinou: uma vez que Júpiter lhe tinha insuflado o espírito, seria para ele que o espírito voltaria na hora da morte; à Terra, que lhe dera o corpo, voltaria; a nova criatura chamar-se-ia homo (de húmus, terra), e uma vez que Cura lhe tinha dado a forma, seria Cura que a habitaria enquanto vivesse.<sup>132</sup>*

Para Heidegger, esta lenda foi a prova de que existiu uma compreensão pré-ontológica do ser humano como cuidado, como próprio expressou:

*O testemunho pré-ontológico tem uma significação especial pelo facto de que não só se vê a Cura como aquilo a que o Dasein está entregue durante a sua vida, senão porque esta primazia da Cura aparece em conexão com a conhecida concepção do homem como o composto de corpo (terra) e espírito.<sup>133</sup>*

Foi através da lenda que Maria de Lourdes Pintasilgo compreendeu a raiz latina da palavra cuidado como curiosidade e, também, como esta remete para o entendimento do ser humano como abertura e direção ao Outro. Assim, o cuidado é modo de relação que só pode advir da curiosidade e da atenção para com o Outro. É um “dirigir-se a”, originário, que torna o ser humano parte integrante do mundo e com o que nele existe, como ela própria expressou:

*Curiosidade é uma palavra com origem na língua latina e – só recentemente o descobri – com a sua origem no nome da deusa Cura, que modelou o ser humano e se tornou constitutiva do Cuidado que o define e habita. Por isso a curiosidade é o movimento para o outro e para as suas ideias. Dela se diz que é atitude de “ter cuidado”, “tomar conta de”, como é também o desejo de conhecer e de saber.*

*Mas para conhecer, saber, cuidar, há uma exigência que não se pode subestimar: a curiosidade só existe onde está a atenção, onde cada coisa é interpelada na sua originalidade.*

---

132 PINTASILGO, Maria de Lourdes: PD, *op. cit.*, p. 228.

133 HEIDEGGER, Martin: SeT, § 42, *op. cit.*, Gaos p. 219, Rivera p. 216.

*Anterior ao cuidar, esta atenção a cada coisa permite fazer o gesto, dar o passo, entrar no universo do conhecimento, entender o que se joga na relação com o outro.*<sup>134</sup>

Tanto em Heidegger, como em Maria de Lourdes Pintasilgo, o cuidado é intenção originária, abertura a si e aos outros. Esta abertura originária marca a forma de ser do ser humano: ele é ser-com-os-outros-no-mundo, situado e interessado, porque estabelece relações de significatividade com o que o rodeia. Heidegger resumiu essas relações de forma clara, quando escreveu que «a significatividade é, desde logo, o modo da presença na qual todo o ente do mundo se torna descoberto»<sup>135</sup>. Para ambos, Heidegger e Pintasilgo, o ser humano é ser-com-os-outros-no-mundo, condição ontológico-existencial.

*Foi Heidegger que deu ao cuidado um lugar determinante na sua filosofia do ser. Longe dos que veriam no cuidado primariamente uma moral, Heidegger define o ser humano como um ser de cuidado. Paul Ricoeur retoma essa mesma noção em particular no seu livro *Soi-même comme un autre*. Emmanuel Levinas ao afirmar que «nós não é o plural de eu» mas que traduz sobretudo uma ligação prévia à existência de todos os humanos, não faz senão dizer que esse «nós» supõe o cuidado como garantia da própria existência individual e colectiva.*<sup>136</sup>

A explicação da origem do ser humano patente na fábula foca, a meu ver, dois aspetos importantes:

1. O ser humano é constituído por corpo, alma e um outro elemento: o cuidado;
2. O cuidado é a origem do ser do ser humano que, enquanto estiver no mundo, ou seja, enquanto viver, deve o seu ser ao cuidado.

O cuidado é, então, aquilo que molda o ser humano, ou seja, que lhe confere especificidade. Outro aspeto a reter é que o ser humano fica entregue ao cuidado (*Cura*) durante a vida. Significa, pois, que o cuidado é aquilo que caracteriza, mais originalmente, a sua existência<sup>137</sup>.

---

134 PINTASILGO, Maria de Lourdes: *PD, op. cit.*, pp. 207 e 208.

135 HEIDEGGER, Martin: *PHCT*, § 23, *op. cit.*, p. 263.

136 PINTASILGO, Maria de Lourdes (2000) "Cuidar o futuro", in *NPC, op. cit.*, p. 137.

137 Irene Borges Duarte analisou esta utilização da fábula pelo filósofo da seguinte forma: «No entanto, o essencial parece-me ser: a condição humana não é cunhada nem pelo espírito, nem pelo corpo, que lhe são emprestados em vida, mas que com a morte se dissolvem e retornam a quem lhes emprestou, mas por aquilo que lhe deu forma - o Cuidado, que o transe e mantém em vida». E mais à frente no seu texto,

## 1.1. O duplo sentido do cuidado

A compreensão que Maria de Lourdes Pintasilgo fez do cuidado heideggeriano foi muito completa, chegando inclusive a expressar a importante consideração das duas aceções da palavra alemã *Sorge*: *Besorgen* e *Fürsorge*. Esta compreensão parece ter sido mediada pelo filósofo Paul Ricoeur<sup>138</sup>, quando Pintasilgo escreve o seguinte:

*Mas Ricoeur não deixa de alertar para as armadilhas que a palavra pode colocar a uma reflexão menos lúcida. Se é certo que o conceito de *Sorge* se repercute do ponto de vista linguístico nas palavras *Besorgen* (preocupação ou cuidado pelas coisas) e *Fürsorge* (solicitude ou cuidado pelas pessoas), ele perderia a sua força envolvente e fundadora em interpretações que Ricoeur considera “psicologisantes” ou “sociologisantes”. É enquanto fundamento filosófico da existência humana que “cuidar” representa uma nova categoria e como tal deve ser usado.*<sup>139</sup>

De facto, em língua alemã cuidado [*Sorge*] tem um duplo sentido, expresso em duas palavras: *Besorgen* e *Fürsorge*. A primeira, no sentido de que o cuidado é ocupar-se, absorver-se no mundo tendo “atenção a”; a segunda, no sentido de que o cuidado é solicitude, intento zeloso para com os outros entes, como Heidegger explica:

*Pelo ser-no-mundo ser essencialmente cuidado, nas análises precedentes foi possível conceber como ocupação (*Besorgen*) o estar à beira dos entes à mão, e como solicitude (*Fürsorge*) o estar com os outros, enquanto coexistência que comparece no mundo.*<sup>140</sup>

acrescenta: «Ou seja: não é a distinção de alma e corpo e a sua união constitutiva o que caracteriza ontologicamente o humano, mas o seu levar o ser no seu ser, ocupando-se dele, desí, cuidando de e tendo cuidado, desvelando-se por e no viver». (Tradução portuguesa de Irene Borges Duarte no artigo: “A fecundidade ontológica da noção de cuidado. De Heidegger a Maria de Lourdes Pintasilgo”, in HENRIQUES, Fernanda (org.): *Écos de Palavras Dadas. Maria de Lourdes Pintasilgo cinco anos depois*, op. cit., p. 119).

138 Se esta compreensão do pensamento heideggeriano foi totalmente mediada por Ricoeur, não há forma certa de saber. Pintasilgo já não pode responder e o que existe que permita deduzi-lo é aquilo que escreveu nos seus textos, bem como os livros que constam da sua biblioteca pessoal. Nesta, a obra *Ser e Tempo* de Heidegger não consta. De Heidegger constam outros títulos, como *Essais et conférences*, *Qu'appelle-t-on penser?* e *Lettres 1923 - 1973* (com Hannah Arendt). Esta citação foi a única referência encontrada sobre a palavra alemã *Sorge* e parece ter sido mediada por Ricoeur. Contudo, o que considero ser importante destacar é que, quer tenha sido mediada ou não, a compreensão da noção heideggeriana de cuidado existiu e foi através dela que Pintasilgo definiu o conceito de cuidado como categoria filosófica.

139 PINTASILGO, Maria de Lourdes: *PD*, op. cit., p. 228.

140 HEIDEGGER, Martin: *SeT*, § 41, op. cit., Gaos p. 213, Rivera p. 211.

### 1.1.1. O cuidado como ocupação

«Ser-o-aí (do Ser) é “cuidar de”»<sup>141</sup>, resumiu Irene Borges-Duarte, antes de explicitar as duas acepções do cuidado enquanto totalidade originária do *Dasein*. Sobre o cuidado enquanto ocupação, escreveu Borges Duarte:

*Em primeiro lugar, de mim no meu viver cada dia a minha vida, ocupado em fazer o que tenho a fazer, preocupado com o que desejo conseguir ou com o que temo o perturbe. Para esta faceta do cuidado, Heidegger usa o verbo besorgen, derivado do mesmo radical, e habitualmente vertido por “tratar de”, no sentido de estar ocupado, sem deixar de lado o matiz de preocupação que se diria com o substantivo Besorgnis (receio, apreensão), embora preso ao concreto. Ou seja: cuidar de fazer pela vida é também “ter cuidado com”.<sup>142</sup>*

Eis, então, um dos sentidos do cuidado: ele é ocupação e, como referiu Borges Duarte na citação anterior, ocupação é “tratar de”. Para Heidegger, cuidado é a forma originária de ser-no-mundo, absorvendo-se e tratando dele. Assim, ocupação é o trato do mundo, ou seja, a demora do *Dasein* no mundo, vivendo. A ocupação é, portanto, a vida no mundo e traduz-se nas mais simples e quotidianas ações, como produzir, empreender, examinar, questionar. Eis as palavras do filósofo:

*O ser-aí é o ente que se caracteriza como ser-no-mundo. (...) Ser-aí enquanto ser-no-mundo significa ser de tal maneira no mundo, que este ser queira dizer: tratar com o mundo, demorar-se residindo nele à maneira de um executar, efetuar e levar a cabo [tarefas], mas também [à maneira] do observar, dopôr em questão e do definir observando e comparando. O ser-no-mundo caracteriza-se como estar-ocupado.<sup>143</sup>*

Ocupação é, portanto, a absorção do *Dasein* no mundo, no qual ele está “já” lançado e no qual vive. É o desenrolar da vida que tem a marca da atenção e da preocupação. Estar no meio dos entes no mundo é um “estar ocupado” e é nesta ocupação que o *Dasein* tem com o em-torno que descobre a sua significatividade.

---

141 BORGES DUARTE, Irene (2009) “O tempo do cuidado e o tempo do mundo. Um núcleo conceptual heideggeriano” in *Razão e liberdade. Homenagem ao Prof. Carmo Ferreira*, op. cit., p. 1395.

142 *Ibidem*.

143 HEIDEGGER, Martin: CT, op. cit., pp. 36 e 37.

A tudo nos referimos de alguma forma num contexto de referências e remissões, ou seja, numa espécie de teia de relações significativas. Nada existe no mundo isoladamente, ou seja, sem ser em relação e sem ter significado.

### 1.1.2. O cuidado como solicitude

Retomemos o início do subponto anterior e a análise que Irene Borges Duarte fez sobre as duas aceções de cuidado em Heidegger. No seguimento do texto, no mesmo artigo, Borges Duarte expõe a sua análise do cuidado como solicitude da seguinte forma:

*Em segundo lugar, Sorge é cuidar dos outros, com os que convivo e que, como eu, são ex-sistentes à maneira do Dasein. Heidegger designa este matiz de Sorge com outro derivado linguístico: Fürsorge, que significa assistência, auxílio solícito. É este o sentido que, do latim cura (tão geral como o alemão Sorge), passou às línguas latinas: curar é cuidar do corpo e da alma, é tratar e sanar, mas também ter encomendadas as almas dos fiéis da paróquia.<sup>144</sup>*

A maneira de sermos uns com os outros é cuidado e este é no sentido do auxílio, do zelo. A abertura que o Dasein é, lançado na existência, coloca-o como ser-em e ser-com. Ser-em (no mundo) supõe ser-com os entes intramundanos e com os restantes seres humanos. Heidegger assim o explicou:

*Simplesmente que o Dasein, enquanto estar-sendo-no-mundo, é ao mesmo tempo estar-com-outros – melhor dizendo: “co-estar-sendo”. (...) Esse ser-com-outros não é resultado da soma da presença de vários, um epifenómeno da multiplicidade da existência, algo adicionado, que só chegará a dar-se graças a um número determinado, mas ao contrário: dado que o Dasein, enquanto estar-sendo-no-mundo, é por si mesmo co-estar-sendo, dá-se o que se diz o estar-com-outros, o estar uns com os outros. Significa que esse ser dos outros que comparecem junto com..., nas coisas do mundo, não é o estar à mão nem o estar aí que convém a essas coisas do mundo, mas Mitdasein.<sup>145</sup>*

---

144 BORGES DUARTE, Irene (2009) “O tempo do cuidado e o tempo do mundo. Um núcleo conceptual heideggeriano.” in *Razão e liberdade. Homenagem ao Prof. Carmo Ferreira*, op. cit, p. 1396.

145 HEIDEGGER, Martin: *PHCT*, § 26, op. cit., pp. 297 e 299.

Já antes, na conferência publicada sob o título *O Conceito de Tempo*, que data de 1924 e onde se julga estar o gérmen das suas teses de *SeT*, Heidegger apontou as especificações do *Dasein*, entre as quais o ser-com-outros:

*O ser-aí enquanto tal ser-no-mundo coincide, assim, com ser-uns-com-outros, ser com outrem: ter aí, com outrem, o mesmo mundo, encontrar-se uns com os outros, ser-uns-com-os-outros à maneira do ser-uns-para-os-outros.*<sup>146</sup>

O ser-com-outros é, para Heidegger, coexistir [*Mitdasein*]. Assim, cuidar dos outros supõe a aproximação do ser-para. Cuidar dos outros é também cuidar de mim, e cuidar dos outros e de mim é cuidar do mundo.

Mais tarde, em 1934, na publicação *Lógica – A pergunta pela essência da linguagem* (doravante *Lógica*), Heidegger confessa que existiu uma má compreensão do seu pensamento e esclarece, de forma sintética e até bela:

*O cuidado é a constituição fundamental do homem como temporalidade, a partir da qual se torna possível toda a tonalidade afetiva em geral. Porque o homem está exposto ao ente, arrebatado para o ser e estendido como ente histórico – por isso, ele só pode ser enquanto estiver em exposição, estiver a favor ou contra esta, e assim suportar o ente que ele é.*<sup>147</sup>

Tornou-se claro que a apropriação que Maria de Lourdes Pintasilgo fez do pensamento de Heidegger foi no sentido de perspetivar nele um “solo fértil” para o florescimento de uma ética. Se considerarmos os conceitos essenciais da filosofia heideggeriana (ser-uns-com-os-outros; consciência; responsabilidade e cuidado), poderíamos pensar que estávamos perante conceitos de ética. Sabemos que não foi esse o projeto de Heidegger. Contudo, não posso deixar de evidenciar que o filósofo tratou a vida do ser humano no seu viver quotidiano no mundo e com os outros. Não o abordou como ética mas, a meu ver, construiu o solo onde uma ética pode florescer. O investigador brasileiro João Bosco Batista julga que este solo existe. O autor definiu o discurso de Heidegger como um discurso de tipo «ético-ontológico»<sup>148</sup>.

---

146 HEIDEGGER, Martin: *CT*, *op. cit.*, p. 37.

147 HEIDEGGER, Martin: *Lógica*, § 28, *op. cit.*, p. 246.

148 No artigo intitulado “A questão da técnica e o sentido do Ser: viabilização de um discurso ético-ontológico no pensamento de Martin Heidegger”, Batista expõe a sua tese de que o pensamento de Heidegger tem

Ainda assim, o que importa destacar é a apropriação que Maria de Lourdes Pintasilgo fez da filosofia heideggeriana, sobretudo o carácter originário do cuidado no ser humano, o que tornou a sua proposta ética enraizada no que há de mais próprio no ser humano: a sua dimensão ontológica. Para Pintasilgo, o cuidado é o fundamento ontológico-existencial do ser humano e tal traduz-se em pensamento e ação. Defende que o cuidado deve sair do papel secundário a que foi remetido pelas distrações e ilusões das conquistas técnicas e do consumismo.

Para Maria de Lourdes Pintasilgo, ser-com-os-outros-no-mundo é ontológico e, sendo-o, é a condição essencial para cada indivíduo se constituir como pessoa. Não somos isolados, não poderemos sequer desenvolver-nos como pessoas se estivermos isolados. Na inevitabilidade de sermos uns com os outros, o cuidado é o elo de ligação que, por ser afetivo, permite uma relação de cumplicidade. Tal relação supõe tudo quanto o cuidado é: ocupação (atenção e preocupação) e solicitude (zelo). Foi toda esta dimensão da análise do ser humano como ser-com-os-outros-no-mundo que Maria de Lourdes Pintasilgo adotou e com ela fundou o seu pensamento social e político. A mudança da vida a ser empreendida por todos é a revolução do cuidado, fazendo-o ressurgir no ser humano.

---

## **2. A responsabilidade como exigência da condição humana de ser-com**

---

A investigação empreendida possibilitou compreender aquilo que interessou a Maria de Lourdes Pintasilgo do pensamento do filósofo de Hans Jonas: a sua elaboração de uma filosofia prática. A sua ética constituiu uma orientação teórica da ação humana, elaborada para o mundo específico que Maria de Lourdes Pintasilgo via surgir, contemplando os perigos e desafios inerentes a esse mundo mudado e em

uma dimensão ético-ontológica: «Vemos assim que o sentido fenomenológico-existencial do débito ou culpa originária como um jogo existente entre possibilidades e escolhas tem um carácter de fundamentação ética - isto é, deeticidade. O ser e estar em débito; de ser na culpa, é o modo originário de "morar" (*ethos*) no mundo. O débito originário constituinte do ser do homem adquire em Heidegger um carácter de eticidade: condição da moralidade». (BATISTA, João Bosco, "A questão da técnica e o sentido do Ser: viabilização de um discurso ético-ontológico no pensamento de Martin Heidegger", Comunicação apresentada no III Encontro de Filosofia Contemporânea, pp. 293-304, p. 301).

mudança. O facto de ser uma ética e desta advir duma profunda e cuidada análise da civilização científico-tecnológica, fazendo uso duma fina capacidade preditiva, constituiu-se como o ponto de maior cumplicidade entre Pintasilgo e Jonas. Ter cruzado o pensamento de ambos foi ter percebido como Jonas proporcionou a Pintasilgo matéria teórica dirigida à prática e à mudança. Em última instância, a afinidade teórica que os uniu teve como finalidade a perpetuação da esperança, dado que ambos se preocuparam em definir como se cuida o futuro para que ele continue a ser possível.

A responsabilidade é individual, mas exerce-se, porque as outras pessoas, plurais e diversas, existentes ou ainda por existir, obrigam a ser consideradas. É uma responsabilidade exercida, porque a ação humana é, em si, causal e, portanto, tem consequências. Este tipo de responsabilidade tem como presunção que a ação tenha sido exercida em liberdade e sob a base da consciência. Para Pintasilgo, isto é evidente, dada a correspondência que estabelece entre liberdade e responsabilidade, como já vimos. A responsabilidade é, portanto, guia da consciência no exercício da decisão que se quer prudente, que pretende salvaguardar a vida das gerações futuras e que legitima o exercício da autoridade política.

*Resta-nos o exercício da decisão responsável, tanto a nível do poder político como a nível das escolhas diárias dos cidadãos.*

*Os limites da ciência e da tecnologia, o carácter finito do planeta exigem paralelamente uma autodisciplina de todos nós, na fidelidade atualizada às grandes tradições espirituais que nos habitam e nos unem.*

*A responsabilidade que assim assumimos é o nosso compromisso para com as gerações futuras.*<sup>149</sup>

A tônica é de que o poder da ação humana mudou. Para o filósofo, muito mudou e cada mudança acarreta novas consequências<sup>150</sup>:

- a. O ritmo acelerado, quase frenético, das invenções científicas e tecnológicas. Consequência: maior dificuldade na previsão das novas invenções, bem como dos seus consequentes impactos;

---

149 PINTASILGO, Maria de Lourdes (1992) "O grande desafio da conferência do Rio", in *NPC, op. cit.*, p. 240.

150 Refere-se que os pontos sobre a essência alterada da ação humana empoderada pela técnica estão presentes em *IR*, mais precisamente no primeiro capítulo. São, também, enunciados no capítulo 2 de *TME*, intitulado "Porque a técnica moderna é objeto da ética".

- b. O aumento, em quantidade e severidade, dos impactos das invenções da ciência e da técnica. Consequência: os resultados dessas invenções deixam de ser apenas a nível local e no tempo presente, para serem a nível global e prolongando-se no futuro;
- c. O alargamento do campo de ação humana de local para global e de humano para extra-humano. Consequência: o ser humano já não pode causar dano apenas a outro ser humano, mas à totalidade do mundo natural – à biosfera – e já não causa dano apenas no “aqui e agora” da sua ação, mas sim numa escala global, onde as consequências se podem fazer sentir num tempo futuro;
- d. A transformação do sujeito ético de individual em coletivo. Consequência: não se trata de ações individuais, mas sim de ações coletivas. Assim, a dificuldade de controlo ou sanção da ação torna-se maior, mas imperiosa. Este último facto é um claro desafio do filósofo à política mundial.

Para Jonas, a garantia de poder-ser advém da ação: é o agir que faz cumprir a vida. Perante a ameaça do não-ser, a ética recai na responsabilidade (no sentido de imperativo ou obrigação) de preservar o ser. Neste sentido, a sua teoria ética coloca duas grandes questões:

1. Será ético causar dano à natureza, ela que nos possibilita a vida?
2. Será ético condenar as gerações futuras a uma vida menos boa do que aquela que temos atualmente?

Estas questões apontam para a necessidade de repensar a ação do presente para que haja ação no futuro porque, considera Jonas, qualquer ser vivo é objeto de responsabilidade ética. Contudo, apenas o ser humano é sujeito eticamente responsável, decisor e agente que é. A liberdade e a racionalidade conferem-lhe tal responsabilidade e o poder da sua ação exige-lhe um pensamento ético.

Na senda de um princípio universal, tal como fez Kant<sup>151</sup>, Jonas formulou um imperativo categórico, princípio de responsabilidade da ética para a civilização tecnológica:

*Um imperativo que responda ao novo tipo de ação humana e dirigido ao novo tipo de agentes poderia ser assim: «Age de tal modo que os efeitos da tua ação sejam compatíveis*

---

151 Jonas fundamenta o seu projeto de uma ética da responsabilidade demarcando-se da ética kantiana. Ao formalismo da criação de um princípio racionalmente válido, Jonas contrapõe um princípio baseado não na sua lógica racional, mas no cumprimento daquilo que é desejável.

*com a permanência de uma vida humana autêntica»; ou expresso negativamente: «Age de tal modo que os efeitos da tua ação não sejam destrutivos da possibilidade futura dessa vida»; ou simplesmente: «Não comprometas as condições para uma indefinida continuação da humanidade na Terra»; ou, de novo, de forma positiva: «Nas tuas presentes escolhas, inclui a integridade do futuro de Homem entre os objetos da tua vontade».<sup>152</sup>*

Atendamos a que a “permanência” aponta para o dever de garantir a existência humana (primeiro mandamento) e que a “vida autêntica” aponta para o dever de garantir a essência humana (segundo mandamento). De igual modo, Maria de Lourdes Pintasilgo assim o considerou: à existência deve ser garantida a sua qualidade. Cabe, pois, ao/à governante um papel de suma importância.

*«É o carácter imprevisível do futuro que, paradoxalmente, intensifica a exigência da ética no horizonte da vida política»<sup>153</sup>.*

## **2.1. As três dimensões da responsabilidade**

Para a compreensão da aceção da responsabilidade em Jonas, apropriada por Pintasilgo, é necessário entender os três grandes pontos que caracterizam este conceito ético:

1. A responsabilidade enquanto sentimento;
2. A responsabilidade enquanto dever-ser;
3. A responsabilidade enquanto condição da ação causal.

### **2.1.1. A responsabilidade enquanto sentimento**

A contraposição que Jonas fez às éticas tradicionais incidiu não só na reformulação do imperativo categórico, mas também no papel que a emoção deve ter na reflexão ética. A uma ética formalista e racional opôs Jonas uma ética vivencial e emocional. O destaque que Jonas deu ao emocional efetiva-se na apresentação da responsabilidade como sentimento, fundamentado por duas razões:

---

152 JONAS, Hans: *IR*, op. cit., p. 11.

153 PINTASILGO, Maria de Lourdes (2002) “Inventar a Democracia”, in *NPC*, op. cit., p. 201.

1. Torna o agente recetivo aos apelos que aludem à vulnerabilidade da natureza e os perigos que ela enfrenta;
2. Motiva a ação de forma mais efetiva que a razão ou a lógica.

Com isto, não se pense que a teoria ética de Jonas é desprovida de racionalidade. A responsabilidade advém tanto da razão, enquanto capacidade de fornecer um imperativo, ou seja, um princípio válido, como da emoção, enquanto sentir a vida de forma a impulsionar a vontade. A razão funciona como validação do mandamento moral e o sentimento como capacidade de comprometimento para a realização da ação, o já referido «agir a palavra» que Pintasilgo tantas vezes defendeu. Mas se a razão já era condição de validade da moralidade, a emoção não. Renegada à desconfiança e dúvida desde Descartes, a emoção não coube no projeto moderno do ser humano e, como consequência, teve dificuldade em entrar no projeto contemporâneo de um novo paradigma em resposta a um mundo novo.

Partindo da crítica a um tempo cujas novas conquistas científico-tecnológicas têm efeitos ambivalentes, a responsabilidade jonasiana, e que Pintasilgo adotou, é um apelo à prudência. Neste contexto, um sentimento em específico tem o papel de destaque: o medo. A influência de Jonas faz-se notar em Pintasilgo também neste ponto. Para ambos, o medo é o sentimento que faz evitar o mal, portanto, que previne e é capaz de banir certas ações que ameacem o bem comum. Pintasilgo explicitou-o desta forma:

*Uma emoção adquire particular relevo no mundo de hoje: o medo, um sentimento forte não desprezível. Levamos o tempo a tentar recalcar, em nós e nos outros, os medos, que se tornam, assim, um freio para a ação. Parece-me fundamental, neste universo de emoção, de sentimentos e de sensações, olhar de frente o medo para poder agir. A coragem não é senão um conjunto de medos que são vencidos e não a ausência de medos. Este medo apela à responsabilidade. Mas a responsabilidade que não é um “pequeno” dever. É, sim, a responsabilidade como valor englobante de todo o comportamento ético. Este medo ou receio, sentimo-lo por tudo o que é vulnerável. É uma convicção partilhada por Levinas e Hans Jonas que “só um ser vulnerável e frágil pode afetar-nos e compelir-nos à responsabilidade, a um ponto tal que nos tornamos*

*seus reféns". A ética, neste momento, é aceitarmos ser reféns desse ser frágil que é a humanidade no seu habitat que é o planeta.*<sup>154</sup>

Para Jonas, só o medo é capaz de conseguir fazer com que os seres humanos adotem a postura humilde da prudência e da precaução, necessária para combater a ameaça de catástrofe. É um apelo ao sentimento negativo do medo para que este funcione como "controlador" da ação.

*Sabemos muito mais rapidamente aquilo que não queremos do que aquilo que queremos. Portanto, a filosofia moral deve consultar os nossos medos antes dos nossos desejos para saber o que devemos acalentar.*<sup>155</sup>

Assim, tal como Jonas havia feito, Pintasilgo defende o medo como sentimento diretamente ligado à responsabilidade. Ela define a ação corajosa não como a ausência de medos, mas como a sua ultrapassagem. A sua defesa é clara: não devemos ter medo de ter medo. A utilização do sentimento do medo como instigador da cautela leva-nos à defesa da regulação da ação, igualmente partilhada por Pintasilgo e Jonas.

A ética da responsabilidade orientada para o futuro é, então, uma ética que se baseia no medo do que ainda não foi experimentado, mas que se afigura possível dadas as previsões que são elaboradas pelos conhecimentos preditivos. Para Jonas, o medo é «...muitas vezes o melhor substituto da autêntica virtude e sabedoria»<sup>156</sup>. Assim, o filósofo defende a «heurística do medo» já que, no seu entender, só através da ameaça da perda é que o ser humano conseguirá comprometer-se e mobilizar-se verdadeiramente para os perigos e agir para evitá-los<sup>157</sup>.

---

154 PINTASILGO, Maria de Lourdes (1998) "Uma ética global num mundo de problemas globais", in NPC, *op. cit.*, pp. 422 e 423.

155 JONAS, Hans: *IR, op. cit.*, p. 27.

156 JONAS, Hans: *IR, op. cit.*, p. 23.

157 A utilização de uma emoção negativa como o medo não é consensual entre as diversas teorias éticas. Exemplo de uma posição discordante desta argumentação da prudência pelo sentimento do medo é a da pensadora espanhola Carmén Velayos. Na sua obra *Ética e Alterações Climáticas*, de 2008, Velayos defende uma outra argumentação ética para o problema das alterações climáticas como ameaça à manutenção da vida, apelando à emoção positiva da felicidade.

## 2.1.2. A responsabilidade enquanto dever-ser

Para Hans Jonas, o ser apela ao dever de continuar a possibilitar a sua existência. O caminho a realizar pelo ser humano é, então, “do ser ao dever” e “do dever para o ser”, uma vez que o dever encontra o seu propósito no ser, perpetuando a sua existência. Temos, portanto, em Jonas um pensamento ético de fundamentação ontológica, demonstrando a herança do professor Heidegger no aluno Jonas. Trata-se da união entre teoria e prática, tão defendida por Pintasilgo, ou seja, a indissociabilidade entre o pensamento sobre a vida e o seu cumprimento que, nas palavras de Jonas, é a união entre a responsabilidade e a preservação da existência. À pergunta metafísica do porquê de existir algo em vez de nada, encontra o filósofo a resposta na natureza e nesta natural tendência dos seres vivos para perpetuarem a sua existência, ainda que enfrentando a vulnerabilidade dos corpos e a sua inevitável finitude. É, então, na condição do ser humano de procriador que Jonas coloca a responsabilidade como natural: enquanto progenitor, o ser humano vive uma responsabilidade de cariz natural, que é a de perpetuar a sua espécie. Neste contexto, refere o papel natural de procriação do ser humano não apenas no sentido de manutenção da espécie pela descendência, mas também para explicitar um dos sentidos que assume a responsabilidade: a «responsabilidade paternal/maternal»<sup>158</sup> é o arquétipo da responsabilidade que o filósofo defende para a ética da civilização tecnológica.

*Eis o arquétipo de toda a ação responsável que, felizmente, não requer a dedução de um princípio, porque ele está fortemente implantado em nós pela natureza ou, pelo menos, na parte fértil da humanidade.*<sup>159</sup>

Para Jonas, a «responsabilidade parental/maternal» é de tipo vertical, ou seja, uma responsabilidade não recíproca. É a responsabilidade de possibilitar ser, daí que não seja uma responsabilidade recíproca. Assim, para Jonas, a responsabilidade é exigência de ser que começa com o ser. A vida exige a responsabilidade e exige-a

---

158 Ainda que Jonas tenha escrito que a responsabilidade de referência é a de pai para filho, entendi que esta corresponde à utilização, em linguagem, do género masculino como correspondente ao humano. Contudo, e uma vez que a assunção do masculino como correspondente ao humano exclui o género feminino da linguagem, assumo a designação de «responsabilidade parental/maternal» sempre que for referido este tipo de responsabilidade em Jonas.

159 JONAS, Hans: *IR, op. cit.*, p. 39.

porque é fragilidade e mutabilidade, caminho para um futuro incerto. Ainda que Jonas tenha considerado a liberdade humana como poder-ser, esse poder não está garantido em si mesmo, mas ameaçado pela possibilidade da catástrofe da não sobrevivência.

### 2.1.3. A responsabilidade enquanto condição da ação causal

A ação humana é força causal na configuração do mundo e do futuro e Jonas denunciou a possibilidade de catástrofe dado o crescente empoderamento da ação humana na civilização científico-tecnológica. Neste contexto, torna-se claro que a ação humana é uma fonte de poder, um poder transformador e ambivalente, tal como anunciado pelo coro da peça *Antígona*, de Sófocles<sup>160</sup>. O filósofo usou este exemplo de exaltação do poder humano para evidenciar a ação humana como poder de modificação e dominação<sup>161</sup>.

Maria de Lourdes Pintasilgo também menciona a tragédia *Antígona* em vários textos. Ela exalta a personagem de *Antígona* na sua luta contra a ordem política instalada e irredutível da *Polis*. Contra essa ordem, a personagem *Antígona* apela à ordem do humano (uma ordem que não está escrita, mas é sentida na consciência humana) e da dignidade da pessoa que, mesmo tendo agido condenavelmente em vida, deve

---

160 SÓFOCLES: *Antígona*, tradução portuguesa de Maria Helena da Rocha Pereira, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1992, pp. 52 e 53.

161 A passagem do coro da peça *Antígona* é de tal forma brilhante na exultação ao poder da ação humana que aqui se transcreve: Muitos prodígios há; porém nenhum / maior do que o homem. / Esse, co'o sopro invernos do Noto, / passando entre as vagas / fundas como abismos, / o cinzento mar ultrapassou. Ea terra / imortal, dos deuses a mais sublime, / trabalha-a sem fim, / volvendo o arado, ano após ano, / com a raça dos cavalos laborando. / E das aves as tribos descuidadas, / a raça das feras, / em côncavas redes / a fauna marinha, apanha-as e prende-as / o engenho do homem, / Dos animais do monte, que no mato / habitam, com arte se apodera; / domina o cavalo / de longas crinas, o jugo lhe põe, / vence o touro indomável das alturas. / A fala e o alado pensamento, / as normas que regulam as cidades / sozinho aprendeu; / da geada do céu, da chuva inclemente / e sem refúgio, os dardos evita, / de tudo capaz. / Ao Hades somente / não pode escapar. / De doenças invencíveis os meios / de escapar já com outros meditou. / Da sua arte o engenho subtil / pr'a além do que se espera, ora o leva / ao bem, ora ao mal; / se da terra preza as leis dos deuses / na justiça faz fé, grande é a cidade; / mas logo a perde / quem por audácia incorre no erro. / Longe do meu lar / o que assim for! / E longe esteja dos meus pensamentos / O homem que tal crime perpetrar! (SÓFOCLES: *Antígona*, tradução portuguesa de Maria Helena da Rocha Pereira, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1992, p. 52 e 53).

ter o tratamento respeitoso após a sua morte<sup>162</sup>. No texto “O sagrado e a política”, Pintasilgo escreveu:

*Antígona vive das leis que ninguém escreveu, de um sentimento que a habita e de que ela sabe, numa discreta lucidez, que o resultado será a morte. Não é o sagrado mas o reduto da consciência que abriga a coragem e a força de Antígona*<sup>163</sup>.

Ao poder, Jonas acopla a responsabilidade, o que significa que à ação poderosa (porque é causal) vem associada a responsabilidade pelos seus efeitos. Assim, para o filósofo, não há como fugir à responsabilidade, não só porque ela é natural ao ser humano, na sua condição de procriador, mas também porque o ser humano é agente transformador.

---

162 Isabel Allegro de Magalhães tem uma perspetiva interessante sobre a ligação de Maria de Lourdes Pintasilgo à figura de Antígona. Para Magalhães, Antígona era uma figura inspiradora de Pintasilgo na luta contra o poder instituído, tentando fazer valer as leis não escritas do humano, um pouco como ela tentou fazer. Eis as palavras de Magalhães: «Neste contexto, a figura trágica de Antígona de Sófocles era para si paradigmática e inspiradora: porque Antígona impôs-se ao poder estabelecido, para defender leis humanas fundamentais, mas “não-escritas”. E, porque não-escritas, essas “leis” implicam o erguer da voz e do gesto em defesa do que não tem voz, e dos sem-voz. Antígona estaria do lado certo, pensava. Por isso, a Maria de Lourdes sempre escolheu esse lado, para que o futuro pudesse acontecer». (MAGALHÃES, Isabel Allegro (org.) (2006) *Faces de Maria de Lourdes Pintasilgo*, Lisboa, Publicações “Terraço”, n.ºs 27/28, GRAAL, p. 21).

163 PINTASILGO, Maria de Lourdes (1989) “O sagrado e a política”, in *NPC*, *op. cit.*, p.355.



ENCERRANDO UM PERCURSO

## O legado de Maria de Lourdes Pintasilgo

Este último capítulo pretende fechar o caminho percorrido pelo pensamento ético-político de Maria de Lourdes Pintasilgo. Não se assume exatamente como uma conclusão, mas sim como um resumo, ao mesmo tempo que tenta deixar a marca da esperança que Pintasilgo tanto defendia: a responsabilidade ético-política inerente ao exercício da governação deve ser encarada como essencial para a definição de um futuro que mantenha a vida com qualidade.

A herança que Maria de Lourdes Pintasilgo assumiu de Martin Heidegger e Hans Jonas demonstrou ser basilar na sua defesa da responsabilidade de todos em cuidar o futuro.

---

### **1. A herança filosófica de Heidegger e Jonas em Maria de Lourdes Pintasilgo**

---

Após vários capítulos em que as ideias de Maria de Lourdes Pintasilgo foram aparecendo e, com elas, as palavras de Heidegger e Jonas, apresenta-se, agora, uma súmula da herança de cada filósofo na pensadora.

De Heidegger, concluiu-se que Pintasilgo adotou a noção de cuidado, entendida na aceção em que o filósofo a expôs. Verificou-se um paralelismo em outros pontos, nomeadamente na defesa do ser humano como ser-com-os-outros-no-mundo e do ser humano como ex-sistência. Mas, se a noção de cuidado é adotada de forma assumida por Pintasilgo, já os outros dois pontos não aparecem nos seus textos

como influências confessadas de Heidegger. Contudo, pode-se concluir que a concepção que Pintasilgo tem do ser humano como “ator” entrosado no mundo deve o seu fundamento às concepções heideggerianas de ser-com-os-outros-no-mundo e da vida humana como ex-sistência. Assim, a investigação empreendida possibilitou concluir que a influência do pensamento de Heidegger se faz sentir em Maria de Lourdes Pintasilgo em quatro ideias-chave:

1. a aceção da noção de cuidado. Cuidar é “preocupar-se por”; “ocupar-se de”; “ter atenção a”;
2. o cuidado é o modo de ser do ser humano, é a sua constituição ontológica ou modo originário;
3. o ser humano é um ente lançado no mundo, situado, livre e, portanto, responsável pela vida que decidir construir;
4. o ser humano é um “ser-com”, uma relação e não um isolamento. A dimensão de “ser-com-os-outros” heideggeriana não pretendeu dar conta de uma ética, mas Maria de Lourdes Pintasilgo fundamentou a necessidade de uma nova ética que têm como correlativo nunca esquecido o Outro.

De Jonas, concluiu-se que Pintasilgo adotou, de forma assumida, a noção de responsabilidade como fundamento da ética que responde a um tempo e mundo mudados: a civilização científico-tecnológica. De influência jonasiana, Pintasilgo assume, também, a defesa do medo como emoção privilegiada no exercício da decisão responsável. Para além destes dois pontos, o pensamento de Maria de Lourdes Pintasilgo faz transparecer mais influências do pensamento de Jonas, como é o caso da ideia de regulação como prática da responsabilidade perante os possíveis efeitos danosos da técnica ou a concepção de poder e do seu exercício, sobretudo no que concerne ao poder governativo. De igual modo, as teses de Maria de Lourdes Pintasilgo tiveram grande influência de Jonas, sobretudo em cinco ideias-chave:

1. a introdução da natureza como elemento moral e a conseqüente concepção de uma ética holística e já não antropocêntrica;
2. a responsabilidade como inerente ao viver em comunidade. O estabelecimento de direitos implica o cumprimento de deveres e estes supõem a responsabilidade;
3. a importância da dimensão temporal do futuro. As ações do presente devem ter como horizonte o por-vir, uma vez que o futuro será o seu resultado;
4. a tônica na qualidade de vida. Se a primeira preocupação de Jonas em relação ao futuro foi a sobrevivência da espécie humana, a segunda preocupação é que,

garantida a sobrevivência, esta seja de qualidade. Aqui a qualidade é entendida como manutenção da vida tal qual a temos agora, garantindo o acesso aos mínimos básicos para a vida;

5. o papel do governante como sendo um papel paternal/maternal, no sentido deste ser cuidador e responsável por garantir a cada cidadão a possibilidade de exercer uma cidadania efetiva.

---

## 2. A vida permanentemente construída

---

Na senda da desocultação da presença heideggeriana no pensamento de Pintasilgo, foi possível relacionar a concepção de ex-sistência com a defesa do ser humano como pura abertura. O neologismo ex-sistência foi criado por Heidegger para tornar compreensível a diferença entre a existência dos entes e a existência do *Dasein* (ser humano). Significa, pois, que a existência do ser humano é diferente e específica no sentido deste ser pura abertura. Assim sendo, o *Dasein* é o indeterminado e, portanto, o puro possível, cuja única certeza do horizonte que se estende à sua frente é a morte. A sua condição é a de lançado no mundo, um puro poder-ser, como Heidegger escreveu: «o *Dasein* tem de “chegar a ser”, ele mesmo, o que ainda não é»<sup>164</sup>.

A consideração de Maria de Lourdes Pintasilgo é neste sentido heideggeriano de que o ser humano é um ente indeterminado e que apenas se torna pessoa através das relações que estabelece com os outros no mundo. Aliás, para ela é a abertura afetiva, marcada pelo cuidado, que possibilita a construção do social, o mesmo é dizer, do político. Falamos da organização da comunidade onde o ser-com-os-outros propicia o “ser eu mesmo”, ou seja, em que ser-em-relação é aquilo que abre a pessoa ao seu ser: cuidadora, preocupada, criadora, construtora e perspectivadora do futuro.

A dimensão de “ainda não” do ser humano, tal como Heidegger o expressou, foi evidenciada por Pintasilgo, por um lado, através da designação da pessoa humana como «ator social», decisor da sua própria vida, e, por outro, quando alertou que o futuro está sempre por construir. A pura abertura é o desafio que Pintasilgo repetiu nos seus textos e o futuro é o horizonte sempre presente que, por ser indeterminado,

---

164 HEIDEGGER, Martin: *SeT*, § 48, *op. cit.*, Gaos p. 266, Rivera p. 260.

precisa constantemente da decisão e da ação para se definir. Pintasilgo resume, de forma simples, esta constante imersão na obrigatoriedade da escolha para definição da vida, ao escrever que «a grande questão da nossa existência é a possibilidade de escolha»<sup>165</sup>.

---

### 3. O futuro como horizonte do presente

---

O tempo, e em especial o futuro, está presente em Pintasilgo e nos dois filósofos. Para Heidegger, o *Dasein* é temporalidade, como o próprio explicou:

*Resumindo, diria: tempo é ser-aí. O ser-aí é o meu carácter de em-cada-momento-respectivamente no que está por vir no antecipar do trânsito, certo embora indeterminado.*<sup>166</sup>

O *Dasein* está “sendo”, ou seja, mesmo no seu “aí”, situado, ele é dinamismo existencial: é um existente dinâmico, aberto e indeterminado. A sua existência inscreve-se num *continuum* desde o já sido até às possibilidades que se apresentam, horizonte indeterminado que caracteriza a sua ex-sistência.

Em Jonas, a preocupação pelo futuro está, desde logo, presente no imperativo categórico que apresentou e que se relembra numa das suas formulações positivas: «Age de tal modo que os efeitos da tua ação sejam compatíveis com a permanência de uma vida humana autêntica»<sup>167</sup>.

Conclui-se, portanto, que Heidegger, Jonas e Pintasilgo fizeram do futuro a meta onde o ser humano deseja chegar, sendo essa a perpetuação da vida no mundo e o seu melhoramento. Para ela, o futuro também é o horizonte da ação do presente, expresso, desde logo, pelo seu lema «cuidar o futuro». Mas o futuro está presente, também, na sua defesa de que a governação deve ser a definição de um plano a longo prazo, com objetivos e metas, em vez de uma mera gestão.

Um outro ponto que coloca o futuro no horizonte de preocupação e ação de Jonas e Pintasilgo é a defesa do direito à existência das gerações futuras. Para o

---

165 PINTASILGO, Maria de Lourdes: *PD*, op. cit., p. 33.

166 HEIDEGGER, Martin: *CT*, op. cit., p. 69.

167 JONAS, Hans: *IR*, op. cit., p. 11.

filósofo, o direito à vida é tanto dos que existem como dos que ainda não existem, sem diferença ou distinção:

*Tornar impossível para eles [gerações vindouras] ser o que devem ser é o verdadeiro crime, por detrás do qual toda a frustração dos seus desejos, censurável que seja, fica em segundo lugar.*<sup>168</sup>

Pintasilgo também coloca a existência das gerações futuras como um direito. O direito à vida é tanto dos que têm voz, como dos que ainda não têm. Confessa a sua preocupação para com as gerações futuras, quando assim escreveu: «Defender o direito de vida das gerações futuras pensando no que poderá acontecer no médio e longo prazos»<sup>169</sup>.

Para Jonas, a preocupação com o futuro regista-se, também, na denunciada possibilidade de aniquilação em larga escala e de forma rápida. A ambivalência da ação humana tornou-se razão suficiente para o filósofo lançar a profunda convicção de que a humanidade está diante da catástrofe. Assim colocado, o pensamento jonasiano parece ser o pensamento pessimista do fim iminente (o apocalipse). O investigador Olivier Depré não concorda e considera que o pensamento de Jonas é de esperança<sup>170</sup>. Ainda que apontando a catástrofe como possibilidade futura e defendendo o sentimento negativo do medo como consciencializador e mobilizador da vontade, o seu constante olhar para o horizonte futuro é a marca de que o seu pensamento é de esperança. O constante incitamento à ação no presente para garantir o futuro é a marca de que Jonas tem esperança no futuro.

O futuro está presente na ética jonasiana também na sua consideração da responsabilidade encarada como ação que possibilita o ser de outrem. Trata-se de uma responsabilidade pelo desenvolvimento de ser no futuro. É, portanto, uma

---

168 JONAS, Hans: *IR, op. cit.*, pp. 41 e 42.

169 PINTASILGO, Maria de Lourdes (1991) "Visioning the future", in *NPC, op. cit.*, p. 64.

170 Na obra intitulada *Hans Jonas*, Olivier Depré dedica o último capítulo da primeira parte à esperança no pensamento do filósofo alemão. Após expor que o princípio de responsabilidade de Jonas é uma resposta ao princípio de esperança de Ernst Bloch, Depré conclui que o pensamento de Jonas não é desprovido de esperança. É assaz interessante esta avaliação que Depré faz do pensamento de Jonas, sobretudo quando o autor escreve: «Em 1987, o filósofo recebeu, no crepúsculo da sua vida, o prémio dos livreiros alemães. No seu discurso de agradecimento, pronuncia palavras com valor de património intelectual. São palavras de humanismo, pois mesmo os horrores que o homem tem infligido ao homem e mesmo correndo o sério risco do homem continuar a causar danos graves à natureza, persiste em acreditar na liberdade, na razão, e descobre como, inconscientemente, o seu trabalho é o da esperança». (DEPRÉ, Olivier: *Hans Jonas, op. cit.*, p. 36).

responsabilidade que é preocupação, ou seja, que é cuidado<sup>171</sup>. A citação que se segue expressa bem o desejo de cuidado pelo futuro que Jonas teve:

*Cuidar o futuro da humanidade é o dever soberano da ação humana coletiva na era da civilização técnica que se tornou “todo poderosa”, se não na sua produtividade então, pelo menos, no seu potencial destrutivo. Este cuidado deve, obviamente, incluir o cuidado do futuro de toda a natureza neste planeta como uma condição necessária ao próprio homem.*<sup>172</sup>

Para além das partilhas teóricas com Heidegger e Jonas, Maria de Lourdes Pintasilgo entende que o futuro está presente também na esperança depositada na juventude, a quem ela incitava ao cuidado pelo futuro. No livro *Sulcos do Nosso Querer Comum*, uma compilação de várias entrevistas que Maria de Lourdes Pintasilgo deu a diversos órgãos de comunicação nacionais e estrangeiros, expressa a sua vontade de falar para os jovens. Neste livro, mais especificamente na sua resposta a Joaquim Letria no programa “Tal e qual”, em outubro de 1979, disse o seguinte:

*Não é só acreditar nos jovens! É sentir que a juventude é a invasão do futuro, hoje. Quando olho para os jovens e quando escuto os jovens, não os escuto em referência ao passado, ao que foi a minha juventude – isso para mim não tem interesse, carece de significado. O que os jovens me trazem é já, hoje, o século XXI que eu não viverei; eles estão presentes, hoje, com uma carga de futuro, que muitas vezes não sabem ainda verbalizar e que apenas se pode intuir através da diferença que há entre a sua forma de viver e conhecer as coisas e a da geração que os precedeu. Há neles uma tal diferença em relação àquilo que somos, àquilo que a minha geração é, que não posso deixar de ver neles essa irrupção espantosa de futuro.*<sup>173</sup>

---

171 Na conferência de Jonas intitulada “Filosofia. Olhar para o passado e olhar para o futuro até ao fim do século”, parte da publicação/compilação de textos intitulada *Para uma ética do futuro*, o filósofo fala do mestre Heidegger e da sua noção de cuidado no sentido de preocupação, apontando-a como marca do seu existencialismo. Neste texto, Jonas refere o contributo da analítica do *ai-Ser* de Heidegger, evidenciando que foi uma analítica que não tratou de determinar coisas, mas sim maneiras de ser. Contudo, aponta que faltou a Heidegger duas coisas: passar da ontologia para uma ética do comportamento e aprofundar a relação entre o homem e a natureza. É interessante notar como Jonas perspetivou o pensamento de Heidegger como existencialista, em total oposição ao que Heidegger considerava do seu próprio pensamento. A *Carta sobre o Humanismo* é a conhecida explicitação de Heidegger de que o seu pensamento não pretendeu ser existencialista.

172 JONAS, Hans: *IR*, op. cit., p. 136.

173 PINTASILGO, Maria de Lourdes: *SQC*, op. cit., p. 81.

O futuro afigurava-se a Maria de Lourdes Pintasilgo como um desafio constante e incontornável. À fluidez do tempo, é preciso responder com o exercício da decisão responsável, na missão de tornar a vida atual melhor e garantir que ela seja possível no futuro.

Com os “pés” no presente e os “olhos” no futuro, assim deve ser o ser humano responsável. Falar de possibilidade é falar de futuro. Falar das gerações vindouras é falar dessa responsabilidade futura. Falar da definição do que é desejável é falar de futuro, de o preparar, de cuidar dele.

---

#### 4. Uma governação que cuida o futuro

---

Uma das maiores heranças do pensamento de Maria de Lourdes Pintasilgo é a do afeto indissociavelmente ligado à governação tendo como horizonte a justiça. Vimos como as emoções são exatamente o ponto de toque entre os nossos dialogantes: Pintasilgo, Heidegger e Jonas. Elas são forma de ser, de decidir e de agir. Desde o cuidado em Heidegger (como afetividade compreensora), à responsabilidade e ao medo em Jonas, as emoções são, para Maria de Lourdes Pintasilgo, o motor da vida, que se constrói na inegável ligação dos seres humanos entre si. Para ela, a condição humana de ser-com-os-outros-no-mundo, tão heideggeriana, obriga à ação consciente e responsável, cuidadora portanto, e geradora de justiça. Eis as suas palavras:

*Torna-se vital uma nova competência: a de refazer constantemente a visão do mundo na sua complexidade e na sua interdependência a todos os níveis.*

*A nossa própria vulnerabilidade, assim acrescida, abre-nos a capacidade de olhar o mundo com compaixão. Em vez de apelarmos para o controlo dos acontecimentos pela vontade, descobrimos que o que nos cabe é o cuidado de uns pelos outros.<sup>174</sup>*

Fernanda Henriques destaca muito bem a importância do cuidado no pensamento político de Maria de Lourdes Pintasilgo, ao afirmar:

---

174 PINTASILGO, Maria de Lourdes (1990) “Motivações e valores na sociedade de hoje”, in *NPC*, *op. cit.*, p. 386.

*A contribuição original de Maria de Lourdes Pintasilgo para a questão da resignificação do cuidado foi trazê-lo para o espaço público e considerar que ele deveria ser a chave para a configuração de um novo paradigma para a política.*<sup>175</sup>

No mundo diferente do final do século XX e início do século XXI , complexo pela interpenetração, uma vez que «tudo tem que ver com tudo»<sup>176</sup>, e cujas consequências das ações não têm limite espacial ou temporal, é necessário «agir localmente e pensar globalmente»:

*Mas, quanto ao referencial, das lealdades políticas, ao nível dos valores, não o vejo estático. Vejo que é um referencial feito de múltiplas comunidades que transcendem as fronteiras, que tendem a dizer «agir localmente, pensar globalmente», portanto, que tendem a ver o mundo como completamente solidário e tendem a dizer «para eu ter alguma eficácia mundial tenho que agir localmente, mas também só posso agir localmente se tiver em conta tudo aquilo que é global neste momento». Por isso, o referencial não é um referencial determinado uma vez por todas, é um referencial que estabelece sobretudo a ligação entre o local e o global.*<sup>177</sup>

Assim, a governação deve possuir as qualidades de abertura, elasticidade e adaptabilidade, todas capacidades de resposta à complexidade desse mundo global e à imprevisibilidade das mudanças que a era tecnocientífica trouxe.

*O que está em causa no desenvolvimento é a possibilidade para os homens e grupos de libertarem energia criadora dando um salto para o que tecnicamente se pode chamar a «instabilidade permanente». Em termos de estratégia, isto significa a passagem de sistemas autocráticos, fixos, fechados, pesados, a sistemas planificados, abertos, elásticos, autorreguladores, suscetíveis de previsão e de integração.*<sup>178</sup>

---

175 HENRIQUES, Fernanda (2016) *Filosofia e género. Outras narrativas sobre a tradição ocidental*, op. cit., p. 203.

176 No texto intitulado “O sentido da mudança”, de 1985, Maria de Lourdes Pintasilgo torna clara esta ideia de interpenetração, em que «tudo tem que ver com tudo», quando afirmou: «A expressão “eu-com-os-outros-no-mundo” tem hoje uma tradução inequívoca: tudo tem a ver com tudo, a mudança é sistémica. Consistindo em partes diferenciadas mas solidárias entre si, a mudança é o quadro permanente em que se inscrevem as nossas breves vidas. Nenhum factor é isolável e tratado *in vitro*. Todos são interdependentes, a reiteração é constante». (PINTASILGO, Maria de Lourdes: *DM*, op. cit., p. 229).

177 PINTASILGO, Maria de Lourdes: *MR*, op. cit., p. 100.

178 PINTASILGO, Maria de Lourdes (1980) “Que desenvolvimento?”, in *MV*, nº 23, op. cit., p. 4.

A abertura supõe não apenas a consideração de todo e qualquer ser humano como pessoa digna de respeito e cuidado, mas também uma abertura a novos colaboradores com a governação, como os parceiros sociais, sobre os quais Pintasilgo defende que não devem restringir-se aos parceiros económicos, mas incluir também os de carácter humanístico e ecológico, como, por exemplo, as ONG's. Cabe, portanto, ao sistema governativo proporcionar as condições para que cada um/a emergja na sociedade como sujeito, escutando todas as "vozes" que se fazem ouvir. E para que as "vozes" existam e se façam ouvir, a nova governação passará pela maior intervenção do cidadão, pedindo-lhe Pintasilgo maior consciencialização de si e da sua situação, da sua vida com os outros e do seu bem-estar. O seu sonho era o de uma democracia participativa, tendo-o confessado diversas vezes nos seus textos.

Ao sistema governativo exige-se, pois, que "dê voz" ao sujeito, que lhe dê a liberdade e a estrutura adequadas para que a sua voz (ou seja, a sua palavra) chegue aos seus representantes, aqueles que foram eleitos para tal. A representação só pode existir verdadeiramente se houver uma ligação efetiva e comunicacional entre representante e representado. Assim, e diretamente relacionado com a escuta dessas "vozes", está o diálogo, como já se viu, prática basilar na organização em rede<sup>179</sup>. Esta forma de estruturação permite que o poder se partilhe e, portanto, não fique confinado a algumas pessoas ou instituições, como acontece numa organização de tipo vertical, ou que a partilha se faça numa linha ou cadeia, num único sentido, como acontece numa organização de tipo horizontal.

Maria de Lourdes Pintasilgo crê que o paradigma que regula o "novo mundo" e, com ele, a nova governação – a qualidade de vida – conduzirá a uma humanização da política. Esta cumpre-se pela via do afeto que, devolvido à política, deverá traduzir-se na preocupação real com a vida e com o Outro e deverá ter como pilares o cuidado e a responsabilidade. Para ela, o sentimento é o melhor modo de impregnar o pensamento, a recetividade e a vontade. Ao afeto que nos liga uns aos outros devemos juntar o sentimento, como entusiasmo que nos impele a agir. É preciso acreditar e acreditar é sentir. Maria de Lourdes Pintasilgo escreveu-o desta forma convicta:

---

179 A organização em rede foi uma defesa mas também uma prática de Maria de Lourdes Pintasilgo ao longo da sua vida. Desde a *JUC* (Juventude Universitária Católica), passando pelo *GRAAL*, a *Rede de Mulheres* e a *Lien*, Pintasilgo cultivou esta forma de relacionamento, sem nivelamento ou escalonamento, que tinha por base a partilha. (PINTASILGO, Maria de Lourdes (1995) "Um olhar diferente sobre as coisas", in BETTENCOURT, Ana Maria e PEREIRA, Maria Margarida Silva (org.): *Mulheres políticas - As suas causas*, op. cit., p. 224).

*É também o reconhecimento do desejo que nos permite uma vinculação amorosa à tarefa em que ele se concretiza. Sim, “não é andar que nos cansa”. Sim, “o que cansa é não acreditar”.*<sup>180</sup>

Este afeto, que une os seres humanos e funda a prática governativa, está diretamente ligado ao sentimento da responsabilidade, ou seja, o afeto liga-se ao dever. A este propósito, dois conceitos assumiram grande importância na formulação de Pintasilgo: «compromisso» e «missão». Para ela, a governação é o assumir de um compromisso, encarando a tarefa de realização como uma missão:

*Considero esta missão tão profundamente humana que pode realizar-se em múltiplos partidos desde que sejam inspirados por um humanismo profundo e pelo primado dado à libertação dos pobres e oprimidos.*<sup>181</sup>

Contudo, poder-se-ia perguntar: afinal, de que missão falamos em Maria de Lourdes Pintasilgo? O que tem de cumprir uma governação? O plano estratégico que visa a concretização de um ideal, como a própria afirma:

*Mas a política, se é também relação de forças, é sobretudo “projecto” – perspectiva, horizonte, finalidade (...)*

*O horizonte é afinal a visualização possível das finalidades claras: finalidades de que a pessoa humana não pode deixar de ser o centro.*<sup>182</sup>

---

180 PINTASILGO, Maria de Lourdes: *PD, op. cit.*, p. 27.

181 PINTASILGO, Maria de Lourdes: *SQC, op. cit.*, p. 53.

182 PT/FCF/CDP/MLP - 0246.011, sem título, s.l., s.d., 8 fls., pp. 1 e 3.

Em síntese, para Maria de Lourdes Pintasilgo, uma governação tem duas exigências que se resumem da seguinte forma:

1. A realização de uma visão:

*Não pode haver ação coerente sem o longo prazo. A ação política não pode ser uma manta de retalhos. É a concretização de uma visão. É a implementação sistémica de um projeto.*<sup>183</sup>

2. A implementação de um plano ou projeto:

*A questão do Plano para quê? Digo em duas palavras: a questão do Plano para estabelecer objetivos, métodos e regras. (...)*

*Com Plano, isto é, com metas, objetivos e regras, e, depois, com um programa anual de execução, o que supõe aquilo que há em todas as leis britânicas, por exemplo, que são os patamares de execução. Mas que nós, tendo herdado do Direito romano, não temos; fazemos leis como se fossem leis para a eternidade. E do que precisamos, realmente, é de leis que tenham esses patamares de execução.*<sup>184</sup>

O estabelecimento da visão e a definição do plano devem ser sempre fundadas na procura pela verdade (inicialmente, uma defesa de influência cristã) e na vontade de saber socrática, efetivada através do diálogo com o povo, com os diversos saberes e do diálogo interno no seio do sistema governativo. Nesta dinâmica governativa, o papel crucial cabe ao/à governante. Dele/a se espera que sinta empenho e vontade, entusiasmo e motivação e que seja capaz de sentir como suas as dores dos outros, para fazer delas a força impulsionadora da sua ação.

*Porque a felicidade de um governo está no seu dinamismo, na sua certeza de que está a descobrir e a percorrer caminhos que podem contribuir para a felicidade daqueles que lhe cabe servir.*<sup>185</sup>

---

183 PINTASILGO, Maria de Lourdes (2002) "Inventar a democracia" in *NPC*, op. cit., p. 200.

184 PINTASILGO, Maria de Lourdes: *MR*, op. cit., p. 135.

185 PINTASILGO, Maria de Lourdes: *PD*, op. cit., p. 220.



## BIBLIOGRAFIA

A bibliografia que aqui se apresenta espelha a história da investigação que ela sustentou e o seu contexto de realização.

Realizar um trabalho de investigação em Maria de Lourdes Pintasilgo é enfrentar-se à leitura dos mais variados textos, elaborados em contextos e com finalidades muito diferentes. As suas ideias estão presentes tanto em textos políticos, como em textos de resposta a homenagens, como por exemplo, o livro *Palavras Dadas*. No acesso a todos esses textos, destaco a base de dados *Arquivo Pintasilgo – Centro de Documentação e de Publicações da Fundação Cuidar o Futuro*. A sua organização cronológica e temática dos textos de Maria de Lourdes Pintasilgo foi fundamental para a investigação. A referência desta fonte é feita apenas através do *link*, dada a tarefa hercúlea que seria citar todos os textos de Maria de Lourdes Pintasilgo constantes nesta base de dados.

Pelo facto de se tratar de uma investigação que cruzou o pensamento de Maria de Lourdes Pintasilgo com dois outros pensadores, Martin Heidegger e Hans Jonas, optei por apresentar as referências bibliográficas de ambos os filósofos com a mesma estrutura que apresento as de Maria de Lourdes Pintasilgo, considerando os textos de Heidegger e Jonas fontes primárias, tal como os textos de Pintasilgo.

Em termos de formalização, a bibliografia apresenta-se estruturada em sete secções:

- Textos de Maria de Lourdes Pintasilgo, por sua vez classificados em seis subsecções: Obras editadas em volume; Colaboração em obras coletivas; Outras publicações; Artigos; Prefácios e Entrevistas.
- Textos sobre Maria de Lourdes Pintasilgo, organizados em cinco subsecções: Obras sobre e dedicadas a Maria de Lourdes Pintasilgo; Revistas; Artigos/ Capítulos de obras; Estudos académicos e Documentários.
- Textos de Martin Heidegger, classificados em duas subsecções: Obras editadas em volume e Entrevistas.

- Textos sobre Martin Heidegger, classificados em duas subsecções: Obras editadas em volume e Artigos;
- Textos de Hans Jonas, apresentados numa única subsecção: Obras editadas em volume.
- Textos sobre Hans Jonas, classificados em três subsecções: Obras editadas em volume; Artigos e Estudos académicos.
- Outras referências bibliográficas. Esta secção contempla as obras que foram citadas ao longo da dissertação, quer por referência direta de Maria de Lourdes Pintasilgo, quer por necessidade interpretativa e argumentativa, e mesmo pela sua pertinência.

No que concerne à forma de citação, optei pelo modelo mais clássico, que separa todas as informações por meio de vírgulas e fornece o máximo de informação possível sobre a edição consultada. De referir, ainda, a informação quanto às datas: uma data aparece após o nome, a outra data no final da referência bibliográfica. A primeira data, entre parêntesis, refere-se à data da primeira edição da obra; a segunda data, no final da informação bibliográfica, corresponde à data da edição consultada.

---

## 1. Obras de Maria de Lourdes Pintasilgo

---

### 1.1. Obras editadas em volume

- (1979) *Les nouveaux féminismes: question pour les chrétiens?*, Paris, Institut Catholique de Paris. Edição portuguesa: (1981) *Os novos feminismos: interrogação para os cristãos?*, Lisboa, Moraes.
- (1980) *Sulcos do nosso querer comum*, Porto, Edições Afrontamento.
- (1985) *As minhas respostas*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.
- (1985) *Dimensões da mudança*, Porto, Edições Afrontamento.
- (2005) *Palavras dadas*, Lisboa, Livros Horizonte.
- (2011) *Para um novo paradigma: Um mundo assente no cuidado. Antologia de textos de Maria de Lourdes Pintasilgo*, Porto, Edições Afrontamento.

### 1.2. Colaboração em obras coletivas

#### 1.2.1. Revista *Mudar a vida*

- (1978) "A única mudança real", in *Mudar a vida*, nº 1, Lisboa, Edições Graal.
- (1978) "Mudar o trabalho", in *Mudar a vida*, nº 3, Lisboa, Edições Graal.
- (1978) "Trabalho e criação", in *Mudar a vida*, nº 4, Lisboa, Edições Graal.
- (1979) "Novos movimentos de mulheres (1)", in *Mudar a vida*, nº 16, Lisboa, Edições Graal.
- (1979) "Novos movimentos de mulheres (2)", in *Mudar a vida*, nº 17, Lisboa, Edições Graal.
- (1979) "O Graal - o que somos?", in *Mudar a vida*, nº 19, Lisboa, Edições Graal.
- (1979) "Que igreja?", in *Mudar a vida*, nº 20, Lisboa, Edições Graal.
- (1979) "Uma nova linguagem política", in *Mudar a vida*, nº 21, Lisboa, Edições Graal.
- (1979) "Fé e acção política", in *Mudar a vida*, nº 22, Lisboa, Edições Graal.
- (1980) "Que desenvolvimento?", in *Mudar a vida*, nº 23, Lisboa, Edições Graal.
- (1980) "Que Europa - amanhã? (1)", in *Mudar a vida*, nº 26, Lisboa, Edições Graal.
- (1980) "Uma economia ao serviço do Homem", in *Mudar a vida*, nº 28, Lisboa, Edições Graal.
- (1982) "Nós e a crise", in *Mudar a vida*, nº 37, Lisboa, Edições Graal.
- (1982) "Mulheres e Igreja", in *Mudar a vida*, nº 39, Lisboa, Edições Graal.

(1983) "Agir localmente, pensar globalmente", in *Mudar a vida*, nº 44, Lisboa, Edições Graal.

(1985) "Modelos de organização social", in *Mudar a vida*, nº 53, Lisboa, Edições Graal.

(1985) "Independência e convergência", in *Mudar a vida*, nº 56, Lisboa, Edições Graal.

### 1.3. Outras publicações

(1993) "Maria de Lurdes Pintasilgo", in BARREIRA, Cecília (org.): *Confidências de Mulheres. Anos 50-60*, Lisboa, Editorial Notícias, pp. 321-327.

(1995) "Um olhar diferente sobre as coisas", in BETTENCOURT, Ana Maria e PEREIRA, Maria Margarida Silva (org.): *Mulheres políticas – As suas causas*, Lisboa, Quetzal, pp. 215-227.

### 1.4. Artigos

(s.d.) "Emergence du féminin et démocratisation du politique", in *Ecos de Palavras Dadas. Maria de Lourdes Pintasilgo cinco anos depois*, Revista ex aequo – Revista da Associação Portuguesa de Estudos sobre as Mulheres, nº 21, Porto, Edições Afrontamento, pp. 13-20.

(1979) "Discurso do Primeiro-Ministro Eng.ª Maria de Lurdes Pintasilgo", in *Na posse do V Governo Constitucional*, Lisboa, Ministério da Comunicação, pp. 13-18.

(1991) "Conduzir a mudança estrutural: o papel das mulheres – Relatório da OCDE", traduzido para português por GRAAL – Rede de mulheres anos 2000, disponível *on-line*: [http://www.graal.org.pt/files/mudanca\\_estrutural.pdf](http://www.graal.org.pt/files/mudanca_estrutural.pdf), última consulta em 13/11/2017.

(1998) "As mulheres, a cidadania e a sociedade activa", in *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 50, Lisboa, CES, pp. 15-26, disponível *on-line* em:

<http://www.ces.uc.pt/publicacoes/rccs/artigos/50/Maria%20de%20Lourdes%20Pintasilgo%20-%20As%20mulheres,%20a%20cidadania%20e%20a%20sociedade%20activa.pdf>, última consulta em: 13/11/2017.

(2000) "Manifesto contra a distracção ou redes de mulheres", in *Rede de Mulheres 25 Anos Depois. Com Maria de Lourdes Pintasilgo*, Porto, Edições Afrontamento, pp. 20-21.

## 1.5. Prefácios

(1979) “Pré-Prefácio” e “Prefácio”, in BARRENO, Maria Isabel; HORTA, Maria Teresa; COSTA, Maria Velho da: *Novas Cartas Portuguesas*, Lisboa, Dom Quixote, 2010.

(1998), “Prefácio”, in *Comissão Independente para a População e a Qualidade de Vida, Cuidar o Futuro, um Programa Radical para Viver Melhor*, Lisboa, Inova.

(2001), “Introdução”, in BORGES, Anselmo: *Janela do (in)visível*, Porto, Campo das Letras.

## 1.6. Entrevistas

(1994) Entrevista a Maria João Avillez, publicada no jornal *Público*, disponível on-line: <http://www.cd25a.uc.pt/index.php?r=site/page&view=itempage&p=858>, última consulta em 13/11/2017.

(2004) Entrevista a Anabela Mota Ribeiro, publicada postumamente, *Suplemento do Diário de Notícias*, disponível on-line: <http://anabelamotaribeiro.pt/31563.html>, última consulta em 13/11/2017.

---

## 2. Obras sobre Maria de Lourdes Pintasilgo

---

### 2.1. Obras editadas em volume

AAVV (2007) *Pensar o Futuro. Comunicações do seminário “Pensar o Futuro”*, Santarém, Publicações Fundação Cuidar o Futuro.

AMARAL, Ana Filomena Leite (2009) *Maria de Lourdes Pintasilgo. Os anos da juventude universitária católica feminina (1952-1956)*, Coimbra, Edições Almedina.

ASSIS, Ana Cristina (2012) *Reconhecer-se além-fronteiras: Ecofeminismo e o Pensamento de Maria de Lourdes Pintasilgo*, Porto, Edições Afrontamento.

BELTRÃO, Luísa; KATTON, Barry (2007) *Uma História para o Futuro. Maria de Lourdes Pintasilgo*, Lisboa, Tribuna da História – Edição de Livros e Revistas.

COSTA, Helena Silva (org.) (2012) *Maria de Lourdes Pintasilgo – Retratos sem Moldura*, Lisboa, Bertrand Editora.

KONING, Marijke de (coord.) (2005) *Rede de Mulheres 25 Anos Depois. Com Maria de Lourdes Pintasilgo*, Porto, Edições Afrontamento.

KONING, Marijke de; Maria Helena (2006) *Lugares Emergentes do Sujeito-Mulher. Viagem com Paulo Freire e Maria de Lourdes Pintasilgo*, Porto, Edições Afrontamento.

MAGALHÃES, Isabel Allegro (coord.) (2000) *Mulher das Cidades Futuras*, Lisboa, Livros Horizonte.

MAGALHÃES, Isabel Allegro (org.) (2006) *Faces de Maria de Lourdes Pintasilgo*, Lisboa, Publicações "Terraço", n.ºs 27/28, Graal.

## 2.2. Revistas: números monográficos

HENRIQUES, Fernanda (org.) (2005) *Um legado de cidadania. Homenagem a Maria de Lourdes Pintasilgo*, Revista ex aequo - Revista da Associação Portuguesa de Estudos sobre as Mulheres, nº 12, Porto, Edições Afrontamento.

HENRIQUES, Fernanda (org.) (2010) *Ecos de Palavras Dadas. Maria de Lourdes Pintasilgo cinco anos depois*, Revista ex aequo - Revista da Associação Portuguesa de Estudos sobre as Mulheres, nº 21, Porto, Edições Afrontamento.

## 2.3. Artigos ou capítulos de obras

CARRILHO, Marília Rosado (2011) "Mudar a vida, mudar a política. A defesa de uma governação assente no Outro segundo Maria de Lourdes Pintasilgo"; in *Actas das IIIas Jornadas Internacionais de Jovens Investigadores de Filosofia*, ISBN: 978-989-20-3141-5; (Eds.) I. Pinto Pardelha e I. Viparelli, Grupo Krisis, 2012, pp. 327-333, disponível on-line em: <http://www.krisis.uevora.pt/edicao/actas3.pdf>, última consulta em 13/11/2017.

CARRILHO, Marília Rosado (2010) "Cuidado e Responsabilidade: dois conceitos (ainda) fundadores da contemporaneidade?", in *Actas das Jornadas de Jovens Investigadores de Filosofia - Segundas Jornadas Internacionais*, vol. 2; ISBN: 978-989-20-2077-8, Grupo Krisis, 2010, pp. 235-244, disponível on-line em: [http://www.krisis.uevora.pt/edicao/actas\\_vol2.pdf](http://www.krisis.uevora.pt/edicao/actas_vol2.pdf), última consulta em 13/11/2017.

COSTA, Albérico Afonso (2008) "Lourdes Pintasilgo e a condição feminina", in *Os anos de Salazar*, s.l., DeAgostini, pp. 70-77.

COUTINHO, Maria Antónia (2012) "As mulheres no pensamento de Maria de Lourdes Pintasilgo", in *Faces de Eva*, nº 27, Lisboa, Edições Colibri, pp. 9-25.

ESTEVES, João; CASTRO, Zília Osório de (dir.) (2005) "Procuradoras à Câmara Corporativa (1938-1974)", in *Dicionário no feminino (séculos XIX-XX)*, Lisboa, Livros Horizonte, pp. 818-824.

ESTEVES, João; CASTRO, Zília Osório de (dir.) (2013) "Maria de Lourdes Ruivo da Silva Matos Pintasilgo", in *Feminae – Dicionário Contemporâneo*, Lisboa, Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género, pp. 587-594.

JOAQUIM, Teresa (2010) "Maria de Lourdes Pintasilgo ou os caminhos de cuidar o futuro", in *Investigaciones Feministas*, vol. 1, pp. 77-85, disponível on-line em: [https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:sl9\\_Lpst6LoJ:https://revistas.ucm.es/index.php/INFE/article/download/INFE1010110077A/7680+&cd=1&hl=pt-PT&ct=clnk&gl=pt](https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:sl9_Lpst6LoJ:https://revistas.ucm.es/index.php/INFE/article/download/INFE1010110077A/7680+&cd=1&hl=pt-PT&ct=clnk&gl=pt), última consulta em 13/11/2017.

ROSEIRA, Maria de Belém (2012) "Maria de Lourdes Pintasilgo (1930-2004)", in *Mulheres Livres*, Lisboa, a Esfera dos Livros, 1ª edição, pp. 185 - 200.

SOUZA, Maria Reynolds de (2005) "Maria de Lourdes Pintasilgo", In *Dicionário Biográfico Parlamentar: 1935-1974*, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais / Assembleia da República, vol. II, pp. 477-479.

TAVARES, Maria Manuela (2008) "Maria de Lourdes Pintasilgo, a ousadia no pisar de uma forma diferente o terreno masculino da política", in *Feminismos em Portugal (1947-2007)*, tese de doutoramento em Estudos sobre as mulheres, especialidade em História das mulheres e do género, coorientada pela Professora Doutora Anne Cova e pela Professora Doutora Anália Cardoso Torres, Universidade Aberta, pp. 353-362, disponível on-line em: <https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/1346/1/Tese%20de%20doutoramento%20Manuela%20TavaresVF.pdf>, última consulta em 13/11/2017.

## **2.4. Estudos em torno do pensamento de Maria de Lourdes Pintasilgo**

### **2.4.1. Teses de Mestrado**

DUARTE, Vânia (2011) *Memória silenciada. O percurso feminista de Maria de Lourdes Pintasilgo*, tese de mestrado em Estudos Feministas coorientada pelas Professoras Doutoradas Adriana Bebiano e Maria Irene Ramalho de Sousa Santos, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, disponível on-line: <https://estudogeral.sib.uc.pt/jspui/bitstream/10316/20413/1/Tese%20V%C3%A2nia%20Duarte.pdf>, última consulta em 13/11/2017.

TAVARES, Ana Cristina (2011) *Maria de Lourdes Pintasilgo Primeira-ministra do V Governo Constitucional. Olhar da Imprensa: dois semanários, duas perspectivas*, tese de mestrado em Questões de Género e Educação para a Cidadania, orientada pela Professora Doutora Fernanda Henriques, apresentada à Universidade de Évora, Évora.

TEIXEIRA, Catarina (2013) *O impacto das mulheres na vida política: a candidatura de Maria de Lourdes Pintasilgo às Eleições Presidenciais de 1986*, tese de mestrado em Ciência

Política orientada pelo Professor Doutor Alexandre António da Costa Luís, apresentada à Universidade da Beira Interior, Covilhã, disponível on-line: <https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/1606/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Catarina%20Teixeira.pdf>, última consulta em 13/11/2017.

### 2.4.2. Teses de doutoramento

CARRILHO, Marília Rosado (2015) *A fundamentação filosófica das noções de cuidado e de responsabilidade no pensamento de Maria de Lourdes Pintasilgo*, tese de doutoramento em Filosofia coorientada pelas Professoras Doutoradas Fernanda Henriques e Irene Borges Duarte, apresentada à Universidade de Évora, Évora, disponível on-line:

[https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/15855/1/A%20fundamenta%C3%A7%C3%A3o%20filos%C3%B3fica%20das%20no%C3%A7%C3%B5es%20de%20cuidado%20responsabilidade%20em%20Pintasilgo\\_Mar%C3%ADlia\\_Rosado\\_Carrilho.pdf](https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/15855/1/A%20fundamenta%C3%A7%C3%A3o%20filos%C3%B3fica%20das%20no%C3%A7%C3%B5es%20de%20cuidado%20responsabilidade%20em%20Pintasilgo_Mar%C3%ADlia_Rosado_Carrilho.pdf), última consulta em 13/11/2017.

## 2.5. Documentários

(2009) Documentário Maria de Lourdes Pintasilgo, realização de Graça Castanheira, Produção Pop Filmes, disponível on-line: <http://www.rtp.pt/play/p1203/maria-de-lurdes-pintasilgo>, última consulta em 10/11/2014.

---

## 3. Obras de Martin Heidegger

---

### 3.1. Obras editadas em volume

(1923) *Ontologie* (Hermeneutik der Faktizität), tradução castelhana de Jaime Aspiunza: *Ontología. Hermenéutica de la Facticidad*, Madrid, Alianza Editorial, 2008.

(1924) *Der Begriff der Zeit*, tradução portuguesa de Irene Borges Duarte: *O Conceito de Tempo*, Lisboa, Fim de Século, 2003.

(1925) *Prolegomena zur Geschichte des Zeitbegriffs*, tradução castelhana de Jaime Aspiunza: *Prolegómenos para una Historia del Concepto de Tiempo*, Madrid, Alianza Editorial, 2007.

(1927) *Sein und Zeit*, tradução castelhana de Jose Gaos: *El Ser y El Tiempo*, Madrid, Fondo de Cultura Económica, 11ª edição, 2001 e tradução castelhana de Jorge Eduardo Rivera: *Ser y Tiempo*, Madrid, Editorial Trotta, 3ª edição, 2012.

(1934) *Logik als die Frage Nach dem Wesen der Sprache*, tradução portuguesa de Maria Adelaide Pacheco e Helga Hooch Quadrado: *Lógica. A Pergunta pela Essência da Linguagem*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

(1935) *Einführung in die Metaphysik*, tradução portuguesa de Mário Matos e Bernhard Sylla: *Introdução à Metafísica*, Lisboa, Instituto Piaget, 1997.

(1946) *Über den Humanismus*, tradução portuguesa de Pinharanda Gomes: *Carta sobre o Humanismo*, Lisboa, Guimarães Editores, 4ª edição, 1987.

(1949) *Holzwege*, tradução portuguesa no âmbito do projeto de investigação “Heidegger em Português. Investigação e tradução da obra de Martin Heidegger”: *Caminhos de Floresta*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

### 3.2. Entrevistas

(1966; publ. 1976) “Nur noch ein Gott kann uns retten. Spiegel-Gespräch mit Martin Heidegger”, entrevista de Martin Heidegger à revista *Der Spiegel*, tradução portuguesa e notas de Irene Borges Duarte: “Já só um Deus nos pode ainda salvar”, *Filosofia*. Publicação da Sociedade Portuguesa de Filosofia, Lisboa, III nº 1/2, 1989, pp. 109-135, disponível on-line em: <http://pt.scribd.com/doc/21723427/Heidegger-Ja-So-Um-Deus-Nos-Pode-Ainda-Salvar-Der-Spiegel>, última consulta em 13/11/2017.

---

## 4. Obras sobre Martin Heidegger

---

### 4.1. Obras editadas em volume

BORGES-DUARTE, Irene (2014) *Arte e técnica em Heidegger*, Lisboa, Documenta, 1ª edição.

BOURDIEU, Pierre (1988) *L'ontologie politique de Martin Heidegger*, tradução castelhana de César de La Meza: *La ontología política de Martin Heidegger*, Barcelona, Ediciones Paidós, 1ª edição, 1991.

CASANOVA, Marco Antonio (2009) *Compreender Heidegger*, Petrópolis, Editora Vozes.

DASTUR, Françoise (1990) *Heidegger et la question du temps*, tradução portuguesa de João Paz: *Heidegger e a questão do tempo*, Lisboa, Instituto Piaget, 1997.

DASTUR, Françoise (2003) *Heidegger et la Question Anthropologique*, Éditions de L'Institut Supérieur de Philosophie Louvain-La-Neuve, Louvain-Paris, Éditions Peeters.

- DUQUE, Félix (2002) *En Torno al Humanismo – Heidegger, Gadamer, Sloterdijk*, Madrid, Editorial Tecnos.
- GAOS, José (1951) *Introducción a El Ser y El Tiempo de Martin Heidegger*, Madrid, Fondo de Cultura Económica, 2ª edição, 1993.
- GREISCH, Jean, (1994) *Ontologie et Temporalité. Esquisse d'une Interprétation Intégrale de Sein und Zeit*, Paris, P.U.F.
- HAAR, Michel (1990) *Heidegger et l'essence de l'homme*, tradução portuguesa de Ana Cristina Alves: *Heidegger e a Essência do Homem*, Lisboa, Instituto Piaget, 1997.
- PASQUA, Hervé (1993) *Introduction à la lecture de Être et Temps de Martin Heidegger*, tradução portuguesa de Joana Chaves: *Introdução à Leitura do Ser e Tempo de Martin Heidegger*, Lisboa, Instituto Piaget, 1997.
- VATTIMO, Gianni (1971) *Introduzione a Heidegger*, tradução portuguesa de João Gama: *Introdução a Heidegger*, Lisboa, Instituto Piaget, 1998.
- ZARADER, Marlène (1986) *Heidegger et les paroles de l'origine*, tradução portuguesa de João Duarte: *Heidegger e as palavras da origem*, Lisboa, Instituto Piaget, 1990.

## 4.2. Artigos

- BATISTA, João Bosco (2003) "A questão da técnica e o sentido do Ser: viabilização de um discurso ético-ontológico no pensamento de Martin Heidegger", Comunicação apresentada no *III Encontro de Filosofia Contemporânea*, pp. 293-304, disponível on-line em: <http://pt.scribd.com/doc/7207407/Heidegger-A-Questao-Da-tecnica-e-o-Sentido-Do-Ser>, última consulta em 05/01/2014.
- BORGES DUARTE, Irene (2004) "A tradução como fenomenologia: o caso Heidegger", in *Heidegger, Linguagem e Tradução*. Colóquio Internacional, Março 2002. Lisboa, C.F.U.L., 2004, 445-457, disponível on-line em: <http://www.martin-heidegger.net/membros/IBD/Producao/livro%203Atraducaocomofenomenologia.PDF>, última consulta em 13/11/2017.
- BORGES DUARTE, Irene (2005) "O homem como fim em si? De Kant a Heidegger e Jonas." In: *Revista Portuguesa de Filosofia*, vol. 61/ 2005, Fasc. 3-4 (Nº monográfico: Herança de Kant, II), pp. 841-868, disponível on-line em: <http://www.martin-heidegger.net/membros/IBD/Producao/livro%205OHomemcomoFimemSi.PDF>, última consulta em 13/11/2017.
- BORGES DUARTE, Irene (2008) "A experiência do tempo nos Zollikoner Seminare de Heidegger". in *Phainomenon – Revista de Fenomenologia*, Lisboa, nº 16/17, pp. 261-276.

BORGES DUARTE, Irene (2009) "O tempo do cuidado e o tempo do mundo. Um núcleo conceptual heideggeriano." in *Razão e liberdade. Homenagem ao Prof. Carmo Ferreira*, Lisboa, C.F.U.L., 2009, 1391-1405, disponível on-line em: <http://www.martin-heidegger.net/membros/IBD/Producao/razao%20liberdade.PDF>, última consulta em 13/11/2017.

HERRMANN, Friedrich-Wilhelm (1981) "A ideia de Fenomenologia em Heidegger e Husserl. Fenomenologia Hermenêutica do aí-ser e Fenomenologia Reflexiva da consciência", in *Phainomenon - Revista de Fenomenologia*, nº 7, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2003, pp. 157-194, disponível on-line em:

<http://www.martin-heidegger.net/membros/IBD/Producao/aideiadenfenomenologiaemheideggerhusserl.PDF>, última consulta em 13/11/2017.

---

## 5. Obras de Hans Jonas

---

### 5.1. Obras editadas em volume

(1966) *Das Prinzip Leben. Ansätze zu einer philosophischen biologie*, tradução castelhana de José Mardomingo: *El principio vida. Hacia una biología filosófica*, Madrid, Editorial Trotta, 2000.

(1978) *Techniken des Todes aufschubs und das Recht zu sterben*, tradução francesa de Philippe Ivernel: *Le droit de mourir*, Paris, Éditions Payot & Rivages, 1996.

(1979) *Das Prinzip Verantwortung: Versuch einer Ethik für die technologische Zivilisation*, tradução inglesa de Hans Jonas e David Herr: *The Imperative of Responsibility. In search of Ethics for the Technological Age*, Chicago, The University of Chicago Press, 1984. (Foi, também, consultada e analisada a tradução castelhana de Javier Fernández Retenaga: *El Principio de Responsabilidad. Ensayo de una Ética para la Civilización Tecnológica*, Barcelona, Herder Editorial, 2ª edição, 2004).

(1984) *Der Gottesbegriff nach Auschwitz. Eine jüdische Stimme*, tradução francesa de Philippe Ivernel: *Le concept de dieu après Auschwitz. Une voie juive*, Paris, Éditions Payot & Rivages, 1994.

(1985) *Technik, Medizin und Ethik. Zur Praxis des Prinzips Verantwortung*, tradução castelhana de Carlos Fortea Gil: *Técnica, Medicina y Ética*, Barcelona, Ediciones Paidós, 1ª edição, 1997.

(1989) *Erinnerungen*, tradução castelhana de Ilhana Giner Comín: *Memorias*, Madrid, Editorial Losada, 1ª edição, 2005.

(1992) *Philosophische Untersuchungen und metaphysische Vermutungen*, tradução francesa de Sabine Cornille e Philippe Ivernel: *Évolution et Liberté*, Paris, Éditions Payot & Rivages, 2000.

(1993) *Philosophie. Rückschau und Vorchau am Ende des Jahrhunderts*, tradução francesa de Sabine Cornille e Philippe Ivernel: *Pour une Éthique du Future*, Paris, Éditions Payot & Rivages, 1998.

---

## 6. Obras sobre Hans Jonas

---

### 6.1. Obras editadas em volume

DEPRÉ, Olivier (2003) *Hans Jonas, Paris, Collection Philo-Philosophes*, Édition Ellipses.

FROGNEUX, Nathalie (2001) *Hans Jonas ou La Vie dans le Monde*, Bruxelles, Éditions De Boeck & Larcier.

SCHOEFS, Virginie (2009) *Hans Jonas: Écologie et démocratie*, Paris, Harmattan.

THEIS, Robert (2008) *Jonas. Habiter Le Monde*, Paris, Collection Le Bien Coimmun, Éditions Michalon.

WOLIN, Richard (2001) *Heidegger's children. Hannah Arendt, Karl Löwith, Hans Jonas and Herbert Marcuse*, tradução em castelhano de María Condon: *Los Hijos de Heidegger. Hannah Arendt, Karl Lowith, Hans Jonas y Herbert Marcuse*, Madrid, Ediciones Cátedra, 1ª edição, 2003.

### 6.2. Artigos

ALENCASTRO, Mario Sergio Cunha (2009) "Hans Jonas e a proposta de uma ética para a civilização tecnológica", *Revista Desenvolvimento e Meio Ambiente*, Universidade Federal do Paraná, nº 19, pp. 13-27, jan./jun. 2009. Editora UFPR, pp. 13-27, disponível on-line em:

<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/made/article/viewFile/14115/10882>, última consulta em 13/11/2017.

BECKERT, Cristina (2006) "Kant e Jonas: do dualismo antropológico ao monismo antropomórfico", *Kant: Posteridade e Atualidade*, Lisboa, CFUL, pp. 735-744, disponível on-line em: <http://www.centrodefilosofia.com/uploads/pdfs/KANTPOSTERIDADEEACTUALIDADE.pdf>, última consulta em 10/11/2014.

DUARTE, Isabel Cristina Brettas; HANH, Noli Bernardo (2009) "Responsabilidade ética, Tecnociência e Direito no imperativo de Hans Jonas: uma reflexão multicultural necessária", *Revista Direitos Culturais* nº 7, pp. 99-112, disponível on-line em: <http://br.vlex.com/vid/imperativo-hans-jonas-reflex-aacute-213395813>, última consulta em 13/11/2017.

FERRARI, Amarildo (2003) "A responsabilidade como princípio para uma ética da relação entre ser humano e natureza", *Revista eletrônica do mestrado em Educação Ambiental*, pp. 76-88, disponível on-line em: [http://www.estig.ipbeja.pt/~ac\\_direito/AFerrari.pdf](http://www.estig.ipbeja.pt/~ac_direito/AFerrari.pdf), última consulta em 13/11/2017.

RIBEIRO, Raimunda Diva de Vasconcelos (2010) "Hans Jonas: uma proposta ética à civilização tecnológica", *Cadernos do PET Filosofia* – Volume 1, Nº 2, pp. 13-29, disponível on-line em: <http://www.ojs.ufpi.br/index.php/pet/article/view/541/524>, última consulta em 13/11/2017.

SOUZA, Waldir (2010) "O Princípio responsabilidade em Hans Jonas. Um desafio para a bioética numa contínua transcendência", *Revista do Departamento de Teologia da PUC-Rio / Brasil*, Ano XIV nº 35, pp. 172-194, disponível on-line em: <http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/17688/17688.PDFXXvmi=iQa4wXbwJftbtAZfTJ6LoZQQpDVz9Wh-sNslrJScOnntZmKT7QFvPwmgajPkg8N5Cmr56lh6JFBj3IDbcjH3Q5j1oaIgiaMVve1EAjKk0m54IIfU3XXT3hVsriaLsWH1cJFM3q83Nd7vWnr0lqUpIQSba4XE1GFdp1s-NawCnF9k3Blp2gPL8JXiNWWPDD4305wOf5qEKBOclefD52LO15CX3rBHvFHC-cvShXw3zwSMT73wd6j27pF6t7HbEmTh>, última consulta em 13/11/2017.

## **6.3. Estudos em torno do pensamento de Hans Jonas**

### **6.3.1. Teses de Doutorado**

ALENCASTRO, Mario Sergio Cunha (2007) *A ética de Hans Jonas: alcances e limites sob uma perspectiva pluralista*, tese de doutorado apresentada ao Programa de Doutorado em meio ambiente e desenvolvimento, Universidade Federal do Paraná, disponível on-line em: [http://www.estig.ipbeja.pt/~ac\\_direito/tese\\_alencastro.pdf](http://www.estig.ipbeja.pt/~ac_direito/tese_alencastro.pdf), última consulta em 13/11/2017.

---

## 7. Outras obras de referência

---

AAVV (s.d) *Dicionário de Filosofia Moral e Política*, disponível on-line em: <http://www.ifl.pt/pages/dictionary-of-moral-and-political-philosophy>, última consulta em 13/11/2017.

AAVV (2007) *Ética e investigação nas ciências da vida. Actas do 10º Seminário do CNECV*, Lisboa, Coleção Bioética, 11, Conselho Nacional de Ética para as Ciências da Vida.

ARENDT, Hannah (1958) *The Human Condition*, tradução portuguesa de Roberto Raposo: *A Condição Humana*, Lisboa, Relógio D'Água Editores, 2001.

ARENDT, Hannah (1968) *Truth and politics*, tradução portuguesa de Luís Lourenço: *Verdade e Política*, Lisboa, Lisboa Editora, 2005.

ARENDT, Hannah (2003) *Responsibility and Judgment*, tradução portuguesa de Miguel Serras Pereira: *Responsabilidade e Juízo*, Lisboa, Dom Quixote, 1ª edição, 2007.

ARISTÓTELES (323 a.C) *Ἠθικὰ Νικομάχεια*, tradução portuguesa de António de Castro Caeiro: *Ética a Nicómaco*, Lisboa, Quetzal Editores, 3ª edição, 2009.

ARNOULD, Jacques (1996) *Darwin, Teilhard de Chardin et Cie*, tradução portuguesa de José Luís Godinho: *Darwin, Teilhard de Chardin. A Igreja e a Evolução*, Lisboa, Instituto Piaget, 1999.

BAUDRILLARD, Jean (1983) *Les stratégies fatales*, tradução portuguesa de Manuela Parreira: *As estratégias fatais*, Lisboa, Editorial Estampa, 1ª edição, 1991.

BECKERT, Cristina (org.) (2003) *Ética ambiental, uma ética para o futuro*, Lisboa, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa.

BOFF, Leonardo (1999) *Saber Cuidar. Ética do Humano – Compaixão pela Terra*, Petrópolis, Editora Vozes.

BOFF, Leonardo (2012) *O Cuidado Necessário. Na vida, na saúde, na educação, na ecologia, na ética e na espiritualidade*, Petrópolis, Editora Vozes.

BORGES DUARTE, Irene; HENRIQUES, Fernanda; DIAS, Isabel Matos (2000) *Texto, Leitura e Escrita. Antologia*, Porto, Porto Editora.

BUBER, Martin (1923) *Ich und Du: Je et Tu*, Roubaix, Aubier, 2012.

CARRILHO, Marília Rosado (2010) "Carmen Velayos. Ética e Alterações Climáticas", recensão da obra *Ética y cambio climático* de Carmen Velayos, in *Philosophica. Osom e a Cor*, nº 36, Lisboa, pp. 189-196.

CORTINA, Adela (1986) *Ética mínima. Introducción a la filosofía práctica*, Madrid, Editorial Tecnos, 16ª edição, 2012.

FERREIRA, Maria Luísa Ribeiro (2001) (coord.) *Pensar no Feminino*, Lisboa, Edições Colibri.

- FERREIRA, Maria Luísa Ribeiro (2003) (org.) *As Teias que as Mulheres Tecem*, Lisboa, Edições Colibri.
- FERRY, Luc (2006) *Apprendre à vivre – Traité de la philosophie à l’usage des jeunes générations*, tradução portuguesa de Sandra Silva: *Aprender a viver. Filosofia para os novos tempos*, Temas e Debates – Círculo de Leitores, 1ª Edição, 2009.
- FOUCAULT, Michel (1984) *Histoire de la Sexualité III. Le souci de soi*, Paris, Éditions Gallimard, 2013.
- FREIRE, Paulo (1967) *Educação como Prática da Liberdade*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, edição portuguesa Dinalivro, Lisboa, 5ª Edição, s.d.
- GEDEÃO, António (1982) *Poesia completa (1956-1967)*, Lisboa, Livraria Sá da Costa, 8ª edição.
- GILLIGAN, Carol (1982) *In a different voice*, Harvard University Press, 1993.
- HENRIQUES, Fernanda (2016) *Filosofia e género. Outras narrativas sobre a tradição ocidental*, Lisboa, Edições Colibri.
- HENRIQUES, Fernanda (2008) (org.) *Género, Diversidade e Cidadania*, Lisboa, Edições Colibri.
- HOTTOIS, Gilbert (1991) *El paradigma bioético. Una ética para la tecnociencia*, Barcelona, Anthropos Editorial del Hombre.
- HUXLEY, Aldous (1932) *Brave New World*, tradução portuguesa de Mário Henrique Leiria: *Admirável Mundo Novo*, Porto, Colecção Mil Folhas, Público, 2003.
- JÜNGER, Ernst (1932) *Der Arbeiter. Herrschaft und Gestalt*, tradução portuguesa de Alexandro Franco de Sá: *O trabalhador. Domínio e figura*, Lisboa, Hugin, 2000.
- KANT, Immanuel (1785) *Grundlegung zur Metaphysik der Sitten*, tradução portuguesa de Filipa Gottschalk: *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*, Lisboa, Lisboa Editora, 2003.
- KANT, Immanuel (1788) *Kritik der praktischen Vernunft*, tradução portuguesa de Artur Morão: *Crítica da Razão Prática*, Lisboa, Edições 70, 1994.
- KUHN, Thomas S. (1962) *The Structure of Scientific Revolutions*, tradução portuguesa de Carlos Marques: *A Estrutura das Revoluções Científicas*, Lisboa, Guerra e Paz Editores, 1ª edição, 2009.
- KÜNG, Hans (1990) *Projekt Weltethos*, tradução portuguesa de Maria Luísa Cabaços Meliço: *Projecto para Uma Ética Mundial*, Lisboa, Instituto Piaget, 1996.
- KUNZMANN, Peter; BURKARD, Franz-Peter; WIERMANN, Franz (1991) *Atlas zur Philosophie*, tradução francesa de Zoé Housez e Stéphane Robillard: *Atlas de la Philosophie*, s.l., La Pochothèque, Le Livre de Poche, 1999.
- LEVINAS, Emmanuel (1961) *Totalité et Infini*, tradução portuguesa de José Pinto Ribeiro: *Totalidade e Infinito*, Lisboa, Edições 70, 2000.

LIPOVETSKY, Gilles (1992) *Le crépuscule du devoir*, tradução portuguesa de Fátima Gaspar e Carlos Gaspar: *O crepúsculo do dever*, Alfragide, Publicações Dom Quixote, 4ª edição, 2010.

MORIN, Edgar (1973) *Le paradigme perdu: la nature humaine*, tradução portuguesa de Hermano Neves: *O paradigma perdido: a natureza humana*, Mem Martins, Publicações Europa-América, 6ª Edição, 2000.

MORIN, Edgar (1982) *Science avec conscience*, tradução portuguesa de Maria Gabriela de Bragança e Maria da Graça Pinhão: *Ciência com Consciência*, Mem Martins, Publicações Europa-América, 1994.

MÚRIAS, Cláudia; KONING, Marijke de (2012) (coord.) *Lideranças Partilhadas. Percursos de Literacia para a Igualdade de Género e Qualidade de Vida*, Porto, Fundação Cuidar o Futuro e Livpic.

NEGREIROS, José de Almada (1971) *Obras Completas 4 – Poesia*, Lisboa, Editorial Estampa.

NUSSBAUM, Martha (2013) *Political emotions. Why Love Matters for Justice*, London, The Belknap Press of Harvard University Press.

PESSOA, Fernando (1946) *Poemas de Alberto Caeiro*, Lisboa, Ática, 10ª edição, 1993.

PIRES, Maria do Céu (2015) *Ética e cidadania. Um diálogo com Adela Cortina*, Lisboa, Edições Colibri.

PLATÃO (séc. IV a.C) *Πολιτεία*, tradução portuguesa de Maria Helena da Rocha Pereira: *A República*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 8ª Edição, 1996.

RICOEUR, Paul (1990) *Soi-même comme un autre*, Paris, Éditions du Seuil, 1990.

ROUSSEAU, Jean-Jacques (1762) *Du Contrat Social ou Essai sur la Forme de la République*, tradução portuguesa de Manuel João Pires: *O Contrato Social*, Lisboa, Temas e Debates – Círculo de Leitores, 2012.

SANTOS, Boaventura de Sousa (2000) *A crítica da razão indolente. Contra o desperdício da experiência*, Porto, Edições Afrontamento.

SARTRE, Jean-Paul (1946) *L'existentialisme est un humanisme*, Paris, Éditions Gallimard, 2001.

SEN, Amartya (1999) *Development as Freedom*, Oxford, Oxford University Press, 2001.

SÓFOCLES (442a.C) *Ἀντιγόνη*, tradução portuguesa de Maria Helena da Rocha Pereira: *Antígona*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1992.

SOROMENHO-MARQUES, Viriato (2005) *Metamorfoses. Entre o Colapso e o Desenvolvimento Sustentável*, Mem Martins, Publicações Europa-América.

SPENGLER, Oswald (1931) *Der Mensch und die Technik. Beitrag zu einer Philosophie des Lebens*, tradução portuguesa de João Botelho: *O Homem e a Técnica*, Lisboa, Guimarães Editores, 2ª edição, 1993.

TEILHARD DE CHARDIN, Pierre (1955) *Le Phénomène Humain*, s.l., Éditions du Seuil, 2007.

TEILHARD DE CHARDIN, Pierre (1959) *L'avenir de l'homme*, s.l., Éditions du Seuil, 2001.

TEILHARD DE CHARDIN, Pierre (1956) *La place de l'homme dans la nature*, tradução portuguesa de Armando Pereira da Silva: *O lugar do Homem na Natureza*, Lisboa, Instituto Piaget, 1997.

TOURAINÉ, Alain (2005) *Un nouveau paradigme*, tradução portuguesa de Armando Pereira da Silva: *Um Novo Paradigma. Para Compreender o Mundo de Hoje*, Lisboa, Instituto Piaget, 2005.

VATTIMO, Gianni (1989) *La società trasparente*, tradução portuguesa de Hossein Shooja e Isabel Santos: *A sociedade transparente*, Lisboa, Relógio d'água, 1992.

VELAYOS, Cármen (2008) *Ética y cambio climático*, Bilbao, Editorial Desclée de Brouwer, Colección Ética Aplicada.

ZAMBRANO, María (1944) "La metáfora del corazón", in *Hacia un saber sobre el alma*, tradução portuguesa de José Bento: *A metáfora do coração e outros escritos*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2ª Edição, 2000.

ŽIŽEK, Slavoj (1999) *The ticklish subject – The absent centre of political ontology*, tradução portuguesa de Carlos Correia Monteiro de Oliveira: *O sujeito incómodo – O centro ausente da Ontologia Política*, Lisboa, Relógio D'Água, 2009.



# Índice Temático

---

## A

alteridade 48, 62

diálogo 26, 45, 48, 49, 117, 119

escuta 48, 49, 50, 54, 65, 117

## C

conscientização 34, 37, 53, 54

cuidado 24, 27, 28, 33, 44, 48, 50, 51, 63, 64, 65, 74, 78, 85, 86, 87, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 109, 111, 114, 115, 117

afeto 20, 33, 50, 58, 64, 65, 66, 79, 85, 89, 115, 117, 118

atenção 33, 38, 50, 58, 65, 72, 80, 81, 83, 86, 91, 93, 94, 95, 96, 99

ocupação 91, 95, 96, 99

preocupação 22, 41, 78, 83, 91, 95, 96, 99, 112, 113, 114, 117

solicitude 50, 95, 97, 99

cuidar o futuro 20, 22, 34, 63, 79, 90, 125, 136

gerações futuras 84, 85, 100, 101, 112, 113

## D

Dasein 23, 91, 93, 96, 97, 98, 112

dirigente 26, 90

governante 27, 38, 45, 82

## E

ex-sistência 109, 111, 112

## F

filosofia 18, 28, 33, 44, 47, 54, 55, 63, 65, 86, 89, 94, 104

ética 18, 23, 28, 29, 32, 41, 42, 43, 47, 50, 52, 53, 55, 60, 62, 63, 64, 70, 77, 78, 81, 82, 84, 85, 86, 88, 90, 92, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 110, 113, 114

reflexão 32, 34, 39, 43, 45, 52, 53, 67, 73, 82, 83, 95, 102

## I

interdisciplinaridade 27, 49

---

## **M**

massa crítica 28, 35, 36, 51

medo 27, 73, 103, 104, 110, 113, 115

    heurística do medo 104

movimentos sociais 26, 50

    irrupção da mulher 26

    minorias ativas 27

mudar a vida 27, 32, 65, 67

    brechas 28, 68, 69

    revolução fundadora 27

## **N**

noosfera 27, 28, 35

novo contrato social 74

    nova cultura política 49

    participação ativa 27

## **O**

Ontologia Fundamental 18

## **P**

paradigma 28, 67, 69, 72, 73, 77, 79, 103, 117

poder

    poder para 27, 38, 39

    poder sobre 38, 45

profecia da catástrofe 78

## **Q**

qualidade de vida 27, 36, 64, 72, 73, 79, 87, 117

    autodeterminação 27, 42, 61, 63, 73

    autossuficiência 27, 61, 73

    economia ao serviço da pessoa 27, 28

---

## **R**

regulação 45, 52, 54, 74, 87, 104, 110

    a quem serve? 28, 52

    para que serve? 28, 52

responsabilidade 27, 28, 32, 33, 34, 35, 38, 39, 40, 41, 42, 52, 60, 66, 69, 77, 78, 79, 80, 83, 84, 85, 86, 87, 90, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 110, 113, 115, 117, 118

    responsabilidade paternal/maternal 105

revolta da natureza 35, 78

## **S**

ser-com-os-outros · 34, 63, 66, 94, 99, 109, 111, 115

ser-no-mundo · 63, 92, 95, 96, 98

sujeito 28, 34, 54, 60, 62, 82, 86, 101, 117

    ator social 28, 33, 37, 111

## **U**

utopia 50, 70

## O pensamento ético-político de Maria de Lourdes Pintasilgo

“Percorrendo a multiplicidade dos seus textos, e acompanhando a evolução de conceitos e como neles o seu cunho próprio se vai incrustando, além das influências mais decisivas e das inflexões de orientação, em suma, deste acompanhamento generoso e atento, Marília Rosado Carrilho alcança um retrato denso, em camadas, da personalidade intelectual reflexiva de Maria de Lourdes Pintasilgo.”

— ANDRÉ BARATA

“O que conta, aqui, é o contributo de alguém que conhece muito bem os textos em causa, que convive(u) com eles de forma muito próxima. Por isso, o que nos propõe Marília Rosado Carrilho é um percurso de mediação: ela passa devagar pelos textos, faz paragens, deixa-nos ouvi-los, volta ao caminho. Mostra-nos quem disse o quê. E através disso mostra como a genialidade do pensamento de Maria de Lourdes Pintasilgo é feita – também – de trabalho, de estudo, de aplicação. De leitura(s).”

— MARIA ANTÓNIA COUTINHO



**Marília Rosado Carrilho**, natural de Marvão, reside em Ponte de Sor, Portalegre. Licenciada em Filosofia pela Universidade de Évora, participou no programa Erasmus, tendo estudado também na Universidade de Liège, Bélgica. Professora de Filosofia, regressou aos estudos com o curso de mestrado em Ética, Género e Cidadania. Em 2015, doutorou-se em Filosofia pela Universidade de Évora com a tese “A fundamentação filosófica das noções de cuidado e de responsabilidade no pensamento de Maria de Lourdes Pintasilgo”.

Promovido por:

Com apoio de:



ISBN 978-989-54161-3-4

